

RAMIRO
Gama

LINDOS CASOS
DE CHICO
XAVIER

Biografia do M3diuM contendo
32 ilustra33es a cores



20ª Edic33o

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

LINDOS CASOS DE CHICO XAVIER
Ramiro Gama

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE
PALAVRAS NECESSÁRIAS

SEGUNDA PARTE – LINDOS CASOS DE CHICO XAVIER

CAPÍTULO 1 = TENHA PACIÊNCIA, MEU FILHO!

CAPÍTULO 2 = O VALOR DA ORAÇÃO

CAPÍTULO 3 = CONSELHO MATERNO

CAPÍTULO 4 = O ANJO BOM

CAPÍTULO 5 = A HORTA EDUCATIVA

CAPÍTULO 6 = A HISTÓRIA DA CHAVE

CAPÍTULO 7 = A LIÇÃO DA OBEDIÊNCIA

CAPÍTULO 8 = TEMPORÁRIA SEPARAÇÃO

CAPÍTULO 9 = A PRIMEIRA SESSÃO

CAPÍTULO 10 = O PRESIDENTE FRUSTRADO

CAPÍTULO 11 = O ENTUSIASMO APAGADO

CAPÍTULO 12 = A SURRA DE BÍBLIA

CAPÍTULO 13 = MESA DE CR\$ 15,00...

CAPÍTULO 14 = UM ENSINAMENTO QUE FICOU

CAPÍTULO 15 = A LIÇÃO DA SÚPLICA

CAPÍTULO 16 = A CARIDADE E A ORAÇÃO

CAPÍTULO 17 = A PERGUNTA DE TIMBIRA

CAPÍTULO 18 = O REMÉDIO

CAPÍTULO 19 = A ÁGUA DA PAZ

CAPÍTULO 20 = A VISITA DE CASIMIRO

CAPÍTULO 21 = A MEDICAÇÃO PELA FÉ

CAPÍTULO 22 = HUMORISMO MATERNO

CAPÍTULO 23 = O CASO DA BESTA

CAPÍTULO 24 = UMA BOA LIÇÃO

CAPÍTULO 25 = O INESPERADO BENFEITOR

CAPÍTULO 26 = HISTÓRIA DE UM SONETO

CAPÍTULO 27 = DISCIPLINA

CAPÍTULO 28 = A INESQUECÍVEL PERGUNTA

CAPÍTULO 29 = SOLIDÃO APARENTE

CAPÍTULO 30 = A SEGURANÇA DO TRABALHO

CAPÍTULO 31 = UMA DÍVIDA PAGA PELO ALTO...

CAPÍTULO 32 = IN EXTREMIS... (PENSAVA QUE IA MORRER...)

CAPÍTULO 33 = PEDINDO ESMOLA PARA ENTERRAR O EX-PATRÃO

CAPÍTULO 34 = EM VISITA À FAZENDA DO PAI

CAPÍTULO 35 = VÁ COM DEUS

CAPÍTULO 36 = VOCÊ JÁ SERVIU DE PONTE, CHICO?

CAPÍTULO 37 = O LADO DIREITO

CAPÍTULO 38 = PRIMEIRAS GRAÇAS RECEBIDAS

CAPÍTULO 39 = A GARGALHADA DO RIO...

CAPÍTULO 40 = A MORTE DO CÃO LORDE

CAPÍTULO 41 = ORGULHO OU DISTRAÇÃO...

CAPÍTULO 42 = QUEM DERA QUE VOCÊ FOSSE O CHICO...

CAPÍTULO 43 = A CRUZ DE OURO E A CRUZ DE PALHA

CAPÍTULO 44 = VIAJANDO COM UM IRMÃO SACERDOTE

- CAPÍTULO 45 = “NOSSOS CARICATURISTAS...”
CAPÍTULO 46 = MOIRÕES JUNTOS...
CAPÍTULO 47 = UM RELÓGIO AO DOENTE
CAPÍTULO 48 = OBRIGADO, CHICO...
CAPÍTULO 49 = PALAVRAS AOS ENFERMOS
CAPÍTULO 50 = SONHANDO COM UM LAR
CAPÍTULO 51 = INDISPENSÁVEL
CAPÍTULO 52 = NÃO DESEJO DAR COICES
CAPÍTULO 53 = CONVERSA OU TRABALHO
CAPÍTULO 54 = AVISO OPORTUNO
CAPÍTULO 55 = AS APARÊNCIAS ENGANAM
CAPÍTULO 56 = SÁBIA RESPOSTA
CAPÍTULO 57 = O LAVRADOR E A ENXADA
CAPÍTULO 58 = O CHICO NA OPINIÃO DE UMA CRIANÇA
CAPÍTULO 59 = OLHANDO AS PESSOAS, LEIO SEUS NOMES
CAPÍTULO 60 = UMA “PERGUNTA” DA TERRA E UMA “RESPOSTA” DO CÉU...
CAPÍTULO 61 = DOM NEGRITO
CAPÍTULO 62 = NA DEFESA DO VERME
CAPÍTULO 63 = UMA LIÇÃO SOBRE A FÉ
CAPÍTULO 64 = BONDADE PARA COM TODOS
CAPÍTULO 65 = QUEM ESCREVE
CAPÍTULO 66 = LEMBRANDO OS FENÔMENOS DE LICANTROPIA...
CAPÍTULO 67 = ENTÃO, DESEJO SER O BURRINHO...
CAPÍTULO 68 = A LIÇÃO DOS CHUCHUS...
CAPÍTULO 69 = “OS MORTOS ESTÃO DE PÉ...”
CAPÍTULO 70 = ORAÇÃO DA FILHA DE DEUS
CAPÍTULO 71 = CASOS DE M. QUINTÃO
CAPÍTULO 72 = UM MORTO ILUSTRE DESCREVE O PRÓPRIO ENTERRO
CAPÍTULO 73 = PROGRAMA CRISTÃO
CAPÍTULO 74 = SOLILÓQUIO DE UM SUICIDA
CAPÍTULO 75 = OFERENDA ÀS CRIANÇAS
CAPÍTULO 76 = UMA VISITA DE CRUZ E SOUZA
CAPÍTULO 77 = O CULTO DOMÉSTICO DO EVANGELHO
CAPÍTULO 78 = O HINO DO REPOUSO
CAPÍTULO 79 = UMA VISITA DE LUIZ GUIMARÃES
CAPÍTULO 80 = O TESOURO DA FRATERNIDADE
CAPÍTULO 81 = SALDO E EXTRA
CAPÍTULO 82 AO IRMÃO MAIS VELHO
CAPÍTULO 83 = APRENDER COM SABEDORIA E SERVIR COM AMOR
CAPÍTULO 84 = DECÁLOGO PARA ESTUDOS EVANGÉLICOS
CAPÍTULO 85 = O LIVRO DIVINO
CAPÍTULO 86 = O PRESTÍGIO DO CHICO
CAPÍTULO 87 = O DIA COMEÇA AO AMANHECER
CAPÍTULO 88 = MENSAGEM DE BOM ÂNIMO
CAPÍTULO 89 = APELO AO TRABALHO MAIOR
CAPÍTULO 90 = A VERDADE É COMO O DIAMANTE
CAPÍTULO 91 = A LIÇÃO DO PRÉDIO QUE SE INCLINARA
CAPÍTULO 92 = O HÁBITO DE FUMAR
CAPÍTULO 93 = OURO E EXPERIÊNCIA

CAPÍTULO 94 = QUE SERIA DA PEDRA SEM O MARTELO?...

CAPÍTULO 95 = A LIÇÃO DO BILHAR

CAPÍTULO 96 = UMA ADVERTÊNCIA E UM ENSINO

CAPÍTULO 97 = RECEITA PARA MELHORAR

CAPÍTULO 98 = O HOMEM DOS VINTE CONTOS

CAPÍTULO 99 = AS CARTAS DO DR. GUILLON RIBEIRO (1)

CAPÍTULO 100 = FLORES DO CORAÇÃO

CAPÍTULO 101 = PERDOAR E ESQUECER

CAPÍTULO 102 = AS CARTAS DO DR. GUILLON RIBEIRO (2)

CAPÍTULO 103 = PROFESSORA ROSÁLIA LARANJEIRAS

CAPÍTULO 104 = HUMILDADE OU SEM VERGONHA?

CAPÍTULO 105 = O MELHOR DOS PRESENTES

CAPÍTULO 106 = VENDENDO MAIS ALÉM...

CAPÍTULO 107 = CISCO

CAPÍTULO 108 = A TERRA VAI TREMER...

CAPÍTULO 109 = CASOS DOS CASOS DE CHICO...

CAPÍTULO 110 = O REMÉDIO...

CAPÍTULO 111 = INTUIÇÃO ATRAVÉS DO SONHO

CAPÍTULO 112 = VÁ COM DEUS! FIQUE COM DEUS!

CAPÍTULO 113 = ANTENA DE LUZ

CAPÍTULO 114 = O PREVISTO ACONTECEU...

CAPÍTULO 115 = ESTAVA DOENTE E NÃO SABIA...

CAPÍTULO 116 = O HOTEL DINIZ NÃO DEVE MORRER...

CAPÍTULO 117 = VISITA MEDICAMENTOSA...

CAPÍTULO 118 = GRAÇAS SOBRE GRAÇAS!

CAPÍTULO 119 = IRMÃOS CARLITINHOS E ZEZÉ

CAPÍTULO 120 = MARIA LUIZA, TIO TONIO, MARTINHO ROCHA E ANTONIETA

CAPÍTULO 121 = COM A VIDA POR UM FIO

CAPÍTULO 122 = IRMÃ NOÊMIA NÓVOA

CAPÍTULO 123 = DESEJO CORRECIONAL

CAPÍTULO 124 = É OUTRO KARDEC

CAPÍTULO 125 = PARA ANDAR COM CUIDADO E SEM VAIDADE...

CAPÍTULO 126 = VER A MORTE

CAPÍTULO 127 = CHAPÉU A PRESTAÇÃO

CAPÍTULO 128 = NÃO POSSO ACEITAR DINHEIRO

CAPÍTULO 129 = UMA LIÇÃO PARA OS MÉDIUNS...

CAPÍTULO 130 = QUANTA EXPERIMENTAÇÃO!

CAPÍTULO 131 = PARA NÃO PERDER O CLIMA

CAPÍTULO 132 = DINHEIRO BEM GANHO E GASTO

CAPÍTULO 133 = LEMBRANDO DEVERES...

CAPÍTULO 134 = EM DOIS JEJUNS PERMANENTES

CAPÍTULO 135 = A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 136 = CONSELHOS RÁPIDOS E ABENÇOADOS

CAPÍTULO 137 = WANDA MÜLLER

CAPÍTULO 138 = IRMÃO FRANCISCO PORTUGAL

CAPÍTULO 139 = NÃO HÁ GLÓRIA MAIOR

CAPÍTULO 140 = DUAS PEQUENAS HISTÓRIAS

CAPÍTULO 141 = LIÇÃO PRECIOSA

CAPÍTULO 142 = O ATEU

CAPÍTULO 143 = A LIÇÃO FOI TAMBÉM PARA NÓS...
CAPÍTULO 144 = TUDO SE PAGA...
CAPÍTULO 145 = COM O AÇOITE NO BRAÇO...
CAPÍTULO 146 = PROVA DE ISOLAMENTO...
CAPÍTULO 147 = NOS DOMÍNIOS DA PALAVRA
CAPÍTULO 148 = AGORA
CAPÍTULO 149 = CRISTO EM CASA
CAPÍTULO 150 = SEBASTIÃO CAROLINO DOS SANTOS
CAPÍTULO 151 = BEIJOU O BURRINHO...
CAPÍTULO 152 = SETENTA VEZES SETE...
CAPÍTULO 153 = O CACHO DE BANANAS
CAPÍTULO 154 = NA CURVA DO CAMINHO...
CAPÍTULO 155 = MÃE CIDÁLIA
CAPÍTULO 156 = O BENFEITOR JÚLIO MARIA
CAPÍTULO 157 = PREGAR E EXEMPLIFICAR...
CAPÍTULO 158 = LEMBRANDO DANTE E SEU INFERNO...
CAPÍTULO 159 = REPRESENTANTE DO IDEAL CRISTÃO
CAPÍTULO 160 = MARAVILHOSAS VISÕES
CAPÍTULO 161 = COM UMA ESTRELA NO CORAÇÃO
CAPÍTULO 162 = REMÉDIO PARA ARREPENDIMENTO...
CAPÍTULO 163 = REMÉDIO PARA FEBRE
CAPÍTULO 164 = A BARATA NA SOPA...
CAPÍTULO 165 = VÁ COM DEUS
CAPÍTULO 166 = AMAR AO INIMIGO...
CAPÍTULO 167 = A PRECE DOS CRIMINOSOS
CAPÍTULO 168 = O SUPÉRFLUO
CAPÍTULO 169 = IRMÃO CIRILO PINTO
CAPÍTULO 170 = IRMÃ TEREZINHA

PRIMEIRA PARTE

PALAVRAS NECESSÁRIAS

Em 1931, residíamos em Três-Rios, no Estado do Rio, e éramos o Presidente do “GRUPO ESPÍRITA FÉ E ESPERANÇA”.

Por este motivo, carteávamo-nos com M. Quintão e Dr. Guillon Ribeiro — este, Presidente e, aquele, Vice Presidente da Federação Espírita Brasileira.

Como gratidão ao muito que estes grandes amigos nos davam, através de suas correspondências verdadeiramente evangélicas, que muito nos esclareceram, oferecemo-lhes nossa monografia sobre “Augusto dos Anjos” com a qual tomamos posse na “Academia Pedro II”, hoje “Carioca de Letras”.

Em troca, recebemos, do primeiro, uma carta encomiando nosso humilde trabalho literário e, do segundo, outra não menos encomiástica, acompanhada de um exemplar do “REFORMADOR”, registrando poesias psicografadas pelo médium Francisco Cândido Xavier e assinadas por “Augusto dos Anjos”, — com um pedido para que fizéssemos uma crônica, dando-lhes nossa impressão sobre o grande trabalho que se iniciava no mediunismo dos nossos dias, em terras do Brasil.

* * *

Nossos olhos caíram sobre o poema VOZES DE UMA SOMBRA e se maravilharam. Aquilo era mesmo, todo inteiro, de “Augusto dos Anjos”, mas de um “Augusto dos Anjos” melhorado, mais crente e menos pessimista. Seu poema era bem um Hino à Verdade do Homem Eterno e Redimido e, ao mesmo tempo, uma resposta cabal ao materialismo doentio do seu “POEMA” “NEGRO”, escrito quando encarnado.

* * *

Mas uma dúvida envolvia nosso pensamento Dizíamos de nós para conosco: por que o inimitável burilador do “EU”, logo que sentira a justiça da imortalidade do Espírito, para melhor identificar-se, não se dera pressa em desmentir, como um ato de gratidão a Deus, o mal-entendido que nos deixou com seu “ÚLTIMO NÚMERO”, feito 15 minutos antes de desencarnar?

Escrevemos, então, aos caros amigos da Casa de Ismael, dizendo-lhes da nossa dúvida e da nossa descoberta. E, dias depois, recebíamos, pelo correio, como a melhor das respostas, um exemplar do “PARNASO DE ALÉM-TÚMULO”. Folheando-lhe as páginas, famintamente, surpreendemo-nos com uma infinidade de poesias de vários poetas. E, procurando, com ânsia e mais famintamente, o lugar em que se achavam as de “Augusto dos Anjos”, mais ainda nos surpreendemos em encontrar, logo de começo, o “NÚMERO INFINITO”. Jubilamo-nos aliviados; então, “Augusto dos Anjos”, o mágico criador de imagens emocionantes e inéditas, lera nosso pensamento, traduzira nossa dúvida, e ali estava atendendo-nos e comovendo-nos, sobremodo...

* * *

“GLORIA IN EXCELSIS”! Os mortos estavam mesmo de pé e, pelo seu grande médium Francisco Cândido Xavier, iriam falar aos vivos da terra!

E escrevemos a crônica abaixo que constou de O Reformador de

setembro de 1932 e que diz bem de nosso estado de alma e de como recebemos o maravilhoso livro:

“PARNASO DE ALÉM-TÚMULO”

Esta criatura simples e boa que se chama Francisco Cândido Xavier, graças à misericórdia de Deus, acaba de dar significativo e lindo presente ao Espiritismo hodierno, oferecendo-lhe um livro de poesias de poetas de além-túmulo, que a sua mediunidade limpa e segura psicografou.

E tanto mais valioso o seu livro à Doutrina de Jesus quanto se sabe que, emparedado no seu próprio sonho de ser humilde e bom, dono de uma instrução mediana, e, mesmo assim, obtida a golpes de esforço próprio — Francisco Cândido Xavier obteve (e obterá se Deus quiser) poesia do além, sintetizando culturas variadas e, confessadamente por ele, acima da que possui, e cuja autenticidade assombra pela forma estilar, valor idealístico e sentido característico dos que as assinam.

O Espiritismo precisava deste livro. Ele só, estou certo, dará muito que pensar aos orgulhosos e infelizes materialistas... Ele é e será, já agora, a “DELENDIA CARTAGO” da crítica —, apaixonada, ou dos fanáticos das religiões sem asas; mas também, sem dúvida é e será um dique formidável às marés da incredulidade. Lendo-o, mesmo sem se conhecer o médium e a sua cultura, tem-se um consolo e uma certeza imensos: Francisco Cândido Xavier é um instrumento limpo, uma harpa afinada e de ouro dos irmãos do espaço. E o Espiritismo, mais uma vez, se afirma neste princípio soberano e tão discutido —, e ainda pouco acreditado ou compreendido: os mortos vivem, melhor e mais do que nós, e podem falar e escrever por nosso intermédio, tanto ou melhor, como se vivos fossem na terra.

Nós, que militamos — graças a Deus — no campo espírita e que até há bem pouco militávamos na corrente literária da nova geração, perfilando figuras do Brasil mental, entre as quais a de “Augusto dos Anjos”, — podemos em verdade dizer da alegria boa e sincera, grande e confortadora, que nos invadiu a alma, ao certificarmos-nos de que todos os versos do “PARNASO DE ALÉM-TÚMULO” são, de fato, dos poetas que os assinam.

Dos versos de “Augusto dos Anjos”, psicografados por Francisco Cândido Xavier, então, fora um sacrilégio pensar ao contrário. São bem dele, mas de um “Augusto dos Anjos” já bem mais espiritualizado, piedoso, cristão e senhor da Verdade Única do Evangelho de Jesus e ventilador de temas mais dignos da sua imensa cultura filosófica.

* * *

Nós, que lhe conhecemos todos os versos, linha a linha, que lhe decoramos os ritmos, que nos extasiamos com seu verbalismo individual e único, tão decantado por “Euclides da Cunha”, integrando-nos naquele Amazonas de belezas, confessamos: ao ler, em “PARNASO DE ALÉM-TÚMULO” “VOZES DE UMA SOMBRA”, ficamos profundamente encantados.

O poeta científico do “EU”, “o torturado”, “o armazenador de dores”, o jeremiador pessimista, que foi, — consanguíneo mental dos “Carlyle”, dos “Dante”, dos “Pascal”, dos “Pöe” e dos “Spencer”, hoje, é mais humanista, mais geral e nos parece o mesmo na pujança mental, no verbalismo galhardo na qualidade e quantidade esplendorosas dos seus conceitos, mas tão diferente do seu “SENTIR” de encarnado. Graças a Deus! Ganhou o que lhe faltava para

ser maior e despertar em si o Anjo, que possuía e não sabia ver, quando na terra.

* * *

Vejamos como progrediu, moral e intelectualmente. No seu verso: HINO À DOR, ele cantava, quando encarnado:

“A DOR ...
Nasce de um desígnio divino...”
“DOR! Saúde dos seres que se fanam,
Riqueza da alma, psíquico tesouro,
Alegria das glândulas do choro
De onde todas as lágrimas emanam...”

* * *

Mas esquecia-se de dizer que ela não nasce de um “DESIGNIO DIVINO” como muitos acreditam. Calava-se e, às vezes, se revoltava, como no “POEMA” “NEGRO”, contra os seus males, na maioria, provindos da falta de resignação e da dúvida mantida com seu ateísmo, conforme o perfilamos. Agora, porém, serena, culta e cristãmente, ele nos afirma:

“A DOR...
Não nasce de um “DESIGNIO DIVINO”,
Nem da fatalidade do destino
Que destrói nossas células sensitivas;

Vem-nos dos próprios males que engendramos
Em cujo ignoto báratro afundamos,
Através de existências sucessivas”

Encarnado ou desencarnado, “Augusto dos Anjos” é o mesmo abusador de: “MORTE”, “DOR”, “VERMES”, “MATERIA”, etc. E, como em todo poeta de sua estirpe, o mesmo repetidor de frases marmóreas, como em “VOZES DE UMA SOMBRA”, — filigranas de cinzel, síntese da ciência de “Darwin” e de “Descartes” — provando-nos que seu vocabulário não foi esquecido, mas aumentado e enriquecido.

Do além nos diz:

“Como vivem o novo e o obsoleto,
O ângulo obtuso e o ângulo reto
Dentro das linhas da geometria...”

Na Terra dissera:

“O ângulo obtuso, pois, e o ângulo reto
Uma feição humana e outra divina...”

* * *

Assim também, em “NÚMERO INFINITO”, que é um continuador expressivo do “ÚLTIMO NÚMERO”, — feito 15 minutos antes de desencarnar. — Neste, como encarnado, dizia que tudo morre, pensando ser o seu Último Número... Agora, desencarnado. certifica-se de que ele é “INFINITO”...

ÚLTIMO NÚMERO (feito como encarnado)

Hora de minha morte. Hirta, ao meu lado,
A idéia exterlorava-se.... No fundo
Do meu entendimento moribundo
Jazia o “ÚLTIMO NÚMERO” cansado.

Era de vê-lo, imóvel, resignado,
Tragicamente de si mesmo oriundo
Fora da sucessão, estranho ao mundo,
Com o reflexo fúnebre de Incriado.

Bradei: — Que fazes ainda no meu crânio?...
E o “ÚLTIMO NÚMERO”, atro e subterrâneo,
Parecia dizer-me: É tarde, amigo,

Pois que a minha antogênica grandeza
Nunca vibrou em tua língua presa,
Não te abandono mais! Morro contigo!

NÚMERO INFINITO (feito como desencarnado)

Sístoles e diástoles derradeiras
No Hirto peito, rígido e gelado.
E eu via o “ÚLTIMO NÚMERO” extenuado
Exertorando sobre as montureiras.

Escuridão, ânsias e inferneiras.
Depois o ar, o oxigênio eterizado.
E depois do oxigênio o ilimitado,
Resplendente clarão de horas primeiras.

Busquei a última visão das vistas foscas.
O derradeiro Número entre as moscas,
À camada telúrica adstrito.
E eu vi, vítima dúctil da desgraça,
Vi que cada minuto que se passa
É nova luz do Número Infinito.

* * *

E assim, continua o nosso “Augusto dos Anjos”, melhorado, colocando sua

vasta inteligência a serviço da Causa da Verdade. E, humanizado e piedoso, menos herético, mais sábio e esclarecido sobre o “DONDE VIEMOS” E “PARA ONDE VAMOS”, mostrando-nos ser um escafandrista dos mares da Verdade e um pesquisador mais seguro das coisas do Infinito, — dá pensamento às árvores, humaniza as sombras, penetra a alma do éter e ministra ao mundo incrédulo, lições magníficas da imortalidade da alma e da pluralidade das existências e dos mundos habitados, através dos versos de ouro do “PARNASO DE ALÉM-TÚMULO”: “VOZ DO INFINITO”, “VOZ HUMANA”, “ALMA”, “ANÁLISE”, “EVOLUÇÃO”, “HOMO”, “INCÓGNITA”, e “EGO SUM”, — que bem poderiam ser enfeixados, sozinhos, num livro, que excederia de muito o primeiro “EU”.

Sentimos não poder transcrever aqui todos eles. Pois, tão belos, em parte, quanto esses seus últimos versos, só, justamente, os versos famosos do “EU”.

Bem nos mostra, no Além, que a Arte continua sendo para sua inteligência, o que lhe foi na terra: — um espelho de Anel, a refletir sempre a beleza e a Grandeza das Obras de Jesus!

Graças damos ao Criador por permitir tal graça: qual a de lermos autênticos versos de Poetas de Além-Túmulo, como os de “Augusto dos Anjos”. E abençoada seja, para todo o sempre, a mediunidade de Francisco Cândido Xavier!

* * *

Para finalizar, passamos, agora, a falar, em síntese, dos demais Poetas do livro magnífico, que se autenticam através do ritmo, do modo característico de versejar e do individualismo da forma e do fundo dos seus trabalhos psicografados.

“Casimiro de Abreu”, o nosso “Alfred de Musset”, menos genial, porém mais sentidor da grandeza de DEUS, com aquela maneira espontânea de produzir belezas, como uma fonte produz água; poeta que pouco se preocupou com as molduras de seus quadros, porque era um pássaro que gorgeava e sabia que o tom de sua voz lhe vinha do coração e por isso comovia e encantava, como comove e encanta; — em “Parnaso de Além-Túmulo” é sempre o mesmo amante da natureza de sua terra, o mesmo sentimental, o Poeta ingênuo e doce, comovedor e manso, como as crianças.

Os versos: “À MINHA TERRA”, “À TERRA” e “LEMBRANÇAS”, são dele e repetições da música. do estilo e da beleza de “MEUS OITO ANOS”. No todo, a sua poesia de agora é mais uma renda, uma rosa de espuma, uma sinfonia em “lá menor”, um acervo de verdades espíritas, verdadeira oração à natureza fecunda do Brasil, uma árvore verde, enfim, cheia de ninhos e de favos de mel, tal como a de “PRIMAVERAS”. Quem se lembra de:

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida.
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Daquelas tardes fagueiras,
A sombra das bananeiras
Debaixo dos laranjais...

deve alegrar-se com:

Que terno sonho dourado
 Das minhas horas fagueiras,
 No recanto das palmeiras
 Do meu querido Brasil!
 A vida era um dia lindo,
 Num vergel cheio de flores
 Cheio de aromas e esplendores
 Sob um céu primaveril.

* * *

Vemos que, quer um quer outro se parecem no ritmo e na beleza. O primeiro, escrito na terra, o segundo no espaço.

Quantos não ficarão de pálpebras umedecidas à leitura dos últimos versos de “À MINHA TERRA”, principalmente, se com sinceridade, já os souberam sentir e amar no seu ideal, na sua dor, na sua resignação, nas suas “PRIMAVERAS”:

Se a morte aniquila o corpo
 Não aniquila a lembrança;
 Jamais se extingue a esperança
 Nunca se extingue o sonhar!
 E à minha terra querida,
 Recortada de palmeiras,
 Espero em horas fagueiras
 Um dia, poder voltar.

* * *

Que o bondoso Pai te atenda, grande “Casimiro” e possas vir, ainda, ao nosso meio, nobilitar a tua gente e engrandecer a nossa época.

Agora, “Castro Alves”, — a grande orquestra de seu tempo, — o nosso papai “Hugo”, de quem foi discípulo mental, nos aparece no livro de Francisco Xavier com aquele mesmo seu messianismo humanitário, sempre épico, dentro daquela escola condoreira, que “ele” e “Tobias Barreto” introduziram no Brasil e com a qual morreram. “MARCHEMOS”, por exemplo, vale por um livro, emparelha-se com “VOZES D’AFRICA”, com aquele mesmo tom oratório e profético, aquela mesma beleza fraseológica, única, castroalveana.

Por falta de espaço, leiamos apenas alguns versos:

Tudo evolui, tudo sonha
 Na imortal ânsia risonha
 De mais subir, mais galgar.
 A vida é luz, é esplendor,
 Deus somente é seu amor,
 O Universo é o seu altar.

É o sofrimento de Cristo,
 Portentoso, jamais visto,
 No sacrifício da cruz,
 Sintetizando a Piedade,
 E cujo amor à verdade
 Nenhuma pena traduz.

É Sócrates e a cicuta
 É César trazendo a luta
 Tirânico e lutador;
 É Celini com sua arte,
 Ou a espada de Bonaparte...
 O grande conquistador.

É Anchieta dominando,
 A ensinar catequizando
 O selvagem infeliz;
 É a lição de humildade,
 De extremosa caridade
 Do pobrezinho de Assis.

* * *

Mais não é preciso, cremos, para demonstrarmos a utilidade e a beleza do, como dissemos, significativo e lindo presente que Francisco Cândido Xavier acaba de fazer ao Espiritismo.

Todos os Poetas que lhe deram poesias o fizeram de maneira limpa e única, porque são bem autênticas.

Longe iríamos se procurássemos falar de “João de Deus”, o cinzelador de velhas imagens; de “Junqueiro”, — dono de imagens bravias e chamejantes, — que, quando predica a verdade, é como o raio que amedronta e convida à concentração, ao estudo e à prática das coisas de Deus; de ‘Antero”, o “Santo Antero”, como lhe chamava o grande “Eça de Queiroz”, — com sua maneira simples e talentosa de ver a vida; de “Cruz e Souza”, introdutor no Brasil da poesia simbolista, — o negro poeta, humanista e sofredor, bom amigo e mansa criatura; de “Pedro de Alcântara”, o nosso Imperador tuósofo, que nunca esquecia os seus pobrezinhos, que sabia, como ainda sabe, mais viver pelos outros do que por si mesmo; e de “Souza Caldas”, “Júlio Diniz”, “Casimiro Cunha”, “Auta de Souza” e “Bittencourt Sampaio”. Todos se atestam. Quem duvidar, que compare a poesia de cada qual, como encarnado, e, agora como desencarnado.

* * *

“PARNASO DE ALÉM-TÚMULO” veio dar (permita-nos a imagem) uma vassourada enérgica nos cérebros endurecidos dos que, nem vendo, acreditam. Tem a propriedade de alertar os espíritos terrenos, chamando-os ao raciocínio da Verdade. Nele não encontramos versos frouxos, nem rimas com assonâncias, impropriedades de linguagem, insignificância vocabular, ou

deslizes de vernaculidade, por parte daqueles que aqui não os tinham.

* * *

O livro "PARNASO DE ALÉM-TÚMULO", editado pela Federação Espírita Brasileira e prefaciado, admiravelmente, pelo ilustre confrade "M. Quintão", é, pois, um magnífico espetáculo da inteligência, melhorada de poetas desencarnados e da qualidade boa do instrumento mediúnico. Francisco Cândido Xavier (que ele nos perdoe contrariar a sua modéstia e a sua grande alma) é um atestado vivo da Verdade Espírita. Marca um dos momentos mais expressivos do nosso progresso mediúnico e avulta como um dos cimos espirituais da doutrina santa e verdadeira de Jesus, codificada por Allan Kardec.

* * *

Com uma cópia da nossa crônica, mandamos uma carta ao humilde e abnegado médium. A resposta que recebemos de Francisco Cândido Xavier fêz-nos chorar de emoção. Conhecêramos, pela carta recebida, que nos achávamos diante de uma Grande Alma a Serviço do Senhor.

Desde daí, começamos uma correspondência que, interrompida às vezes, a benefício do extraordinário polígrafo de "Pedro Leopoldo", chega até hoje, para nosso enlevo e para que, ainda, de quando em quando, vivamos horas de Encantamento, em contato com os Ensinos Vivos e Salvadores do Divino Amigo, na pessoa de seu leal servidor.

* * *

Em novembro de 1944, já residindo aqui, no Distrito Federal, depois de uma convivência de 13 anos pelo fio do pensamento, fomos visitá-lo. Chico Xavier vivia seus grandes dias de apreensões e de dores, "O CASO HUMBERTO DE CAMPOS" estava em foco. Era o assunto do dia. A imprensa daqui e do interior, através de seus repórteres mais atilados, estava em "Pedro Leopoldo". Chico era descoberto e experimentado por todos os meios. O repórter de uma revista carioca, mais bisbilhoteiro e catador de novidades e não muito amigo das verdades apuradas, tanto mais quando estas lhe contrariavam seus acanhados pontos de vista, fê-lo chorar lágrimas amargas, que ele derramou em silêncio para que ninguém, em seu redor, as notasse e com ele sofresse.

Em "Belo Horizonte", antes de tomarmos a camioneta que nos levaria a "Pedro Leopoldo", lemos num jornal local a resposta que dera a quantos o visitavam para o animar e prestar-lhe solidariedade:

"CREIO EM JESUS."

E disse tudo, mostrando-nos uma alma cristianizada e ligada ao Seu e Nosso Mestre, confiante naquele que tudo é e pode, Advogado de seus veros servidores junto ao Grande Juiz, que é Deus.

* * *

Em "Pedro Leopoldo" chegamos, pois, dentro de um clima de apreensões.

Soavam aos nossos ouvidos as palavras inspiradas de “Emmanuel”, seu amoroso Guia: Ganhando, às vezes, perdemos. Perdendo, quase sempre ganhamos. Sim, com Jesus. E, de fato, mais tarde sucedeu o que previra o esclarecido autor de “HÁ DOIS MIL ANOS”: — Chico perdeu para os homens, humilhando-se, sofrendo, testemunhando os Ensinos do Amigo Celeste, em atos, em ações e, para Jesus, ganhou uma Grande Batalha.

OS PRIMEIROS LINDOS CASOS DE CHICO XAVIER

Para vermos Chico Xavier tivemos de vencer muitos obstáculos e amargamos uma viagem exaustiva de 20 horas de trem. Fomos, no entanto, recompensados, de vez que pudemos abraçar o querido médium, falar-lhe, senti-lo e encher o coração de Lindos Casos seus.

Chico Xavier é mesmo uma criatura adorável. Assim nos recebe, e põe logo à vontade e desconstrange, fazendo crer que somos velhos amigos, irmãos muito chegados ao seu coração. Tivemos vontade de ficar a vida inteira a ouvi-lo, a conversar com ele, tanto bem-estar nos dá e nos proporciona. Conta-nos os primeiros Lindos Casos de sua infância, ao lado da progenitora, um coração grandioso de mulher, um exemplar edificante de verdadeira mãe. Foi seu amparo, seu anjo tutelar até os 5 anos de idade, quando desencarnou, deixando-o órfão. Aí começaram os primeiros sofrimentos, que lhe burilaram a alma, preparando-a para o cumprimento de sua grandiosa Missão. Dos 5 aos 7 anos, foi confiado a uma mulher obsidiada, (ele diz que foi sua Educadora) que o surrava três vezes por dia. Tão obsidiada que lhe aplicava garfos ao ventre, ferindo-o bastante, daí provindo uma chaga que lhe deu longo sofrimento. Tão obsidiada que o fêz lamber a ferida de um sobrinho, porque lhe disseram que, com esta “SIMPATIA”, o rapaz ficaria curado, como de fato ficou.

* * *

Numa tarde, foi chamado à casa do pai, que se casara pela segunda vez com uma mulher muito meiga e por isto, bela, afirma o Chico. Inspirada, talvez pela falecida genitora do humilde médium, essa senhora impõe uma condição ao casamento: que o pai do Chico reunisse de novo os filhos, a fim de que ela os acabasse de criar. E Chico, quando se viu à frente dessa criatura, quando soube do seu nobilitante gesto, quando sentiu no pescoço a carícia de seus braços carinhosos, não se conteve, beijou-lhe sentida e gratamente a barra da saia e votou-lhe, daí por diante, intensa e sincera amizade de verdadeiro filho. Em correspondência a esse afeto, essa segunda mãe o ensinou a orar, a sentir Deus, a achar bela a vida, a trabalhar e a procurar ser útil aos outros. Contava 17 anos e era feliz, quando a segunda mãe, de repente, adoece e desencarna, tendo-lhe antes feito prometer, à beira do leito, tomar a si o encargo de continuar com a casa e não permitir que fossem os irmãos, novamente, entregues a estranhos. E assim fêz. Empregou-se. Ganhava 60 cruzeiros por mês. Era pouco, mas com Deus era muito; dava para as despesas e ninguém passava fome. Todos viviam satisfeitos. Aprendera a cozinhar e, auxiliado por uma irmãzinha, conservava em dia o expediente do lar. Ganhava corpo, neste ínterim, a sua preciosa mediunidade. Recebe o “PARNASO DE ALÉM-TÚMULO”; torna-se conhecido no Brasil e mundo afora. Seu patrão, dono de um pobre armazém de secos e molhados, local em que foi planejado o

“CENTRO ESPIRITA LUIZ GONZAGA”, começa a ser perseguido, porque diziam, abrigava um “FEITICEIRO”, que falava com os Espíritos, e, tempos depois, acabou falindo, caindo em extrema pobreza, precisando esmolar para viver... E Chico, também desempregado, sofre com isso e procura novo emprego numa fazenda distante dois quilômetros de “Pedro Leopoldo”, pertencente ao Ministério da Agricultura, e onde está até hoje. Outros muitos Casos, Casos Lindos, nos vai contando o Chico, estimulado pela nossa emoção e pelo nosso interesse. Sentimos não poder guardá-los todos, tão belas lições nos oferecem. Fala-nos da morte de seu querido mano José, que presidia o Centro na sua própria casa, e que lhe deixou “DIVIDAS”, todas elas pagas por uma verdadeira “AJUDA DO ALTO”; da obsessão de uma parenta, das graças que recebeu e da morte de seu segundo irmão, Raimundo; do progresso de sua mediunidade, dos livros mediúnicos, recebidos em prosa e verso, crônicas, mensagens, romances, contos, reportagens, sobre ciência, filosofia e religião, um acervo imenso e verdade, até que chega o ano de 1940 e adoece gravemente, sentido-se “IN EXTREMIS”. Para mais o entristecer, o ex-patrão desencarna na miséria, sem ter sequer um caixão para ser enterrado. Chora o Chico e realiza um dos seus grandes gestos de gratidão e de humildade, coisa que surpreende e emociona todos os pedroleopoldenses. Quer sentir o que seu ex-patrão “SENTIU”, quer lhe prestar, ao menos, essa homenagem. E vence, pois vai de porta em porta “ESMOLAR” dinheiro para ENTERRAR o velho “PATRÃO” e amigo. Até um cego, sabendo do acontecido, procura-o e lhe dá tudo quanto recolhera. Este Caso, contado com todos os pormenores, emociona, tão expressivo ele é, revelando-nos ao vivo a alma humilde e boa do abnegado médium.

* * *

Pelos médicos locais é considerado tuberculoso, tão fraco está e febril. E, em certa manhã ensolarada, vendo-o tão triste, sentado à entrada da porta, “Emmanuel”, seu dedicado Guia, põe-lhe a mão no ombro e diz: Chico, procure reagir, senão você falirá. e se chegar agora aqui, desencarnado, chegará inegavelmente como um homem de bem, porque já realizou algo, mas deixará por fazer muita coisa prometida e nos colocará em situação sobremodo delicada, pois que levamos anos a organizar os planos de sua reencarnação. Procure, pois, reagir. “A TRISTEZA”, meu filho, é “CUPIM DO CORAÇÃO”, traz moléstia grave. Muitas doenças têm como causa um movimento explosivo de cólera, um aborrecimento, um atrito, um ato de revolta, um desejo insatisfeito. São os rins que se tocam; é o coração que recebe, em cheio, a punhalada de um ódio; é o fígado que todo se ingurgita com a angústia de um orgulho ofendido; são os pulmões que se mostram enfraquecidos, por falta do oxigênio de nosso otimismo, da nossa confiança em nós mesmos e em Deus. Amanhã irei mostrar-lhe a “FAZENDA DO PAI”, a “NATUREZA”, para que você a sinta, compreenda e possa dela traduzir a Mensagem amorosa e retirar os remédios mais santos e eficientes para curar-se, ser mais útil e feliz. E se você como penso, assimilar o que lhe vou mostrar, para certificar-se de que o bem que fazemos é o nosso bem, que quem dá recebe mais, ficará curado, porque vai mudar de vida, agir de outra forma. E na manhã seguinte, de fato, “Emmanuel” ensinou ao Chico, primeiramente, a orar, mesmo com o rádio trabalhando alto, rádio com que o presenteara o saudoso irmão Figner. Ensinou-lhe, depois, a

tomar vagarosamente o café da manhã, a fim de “SENTI-LO” e analisar seu plantio, a sua colheita, a sua história, tocante; e assim fêz com o pão, traduzindo-lhe a lição magistral. Depois partiu para o trabalho, ainda acompanhado do bondoso Conselheiro e Amigo, atendendo e correspondendo, atenciosa e alegremente, como era aconselhado, a todos os cumprimentos, principalmente quando de um “VÁ COM DEUS”, “DEUS LHE PAGUE”, “DEUS LHE AJUDE”, saídos dos corações que beneficiamos e que são luzes que entram pela nossa alma, sentimentos de Paz que chegam ao nosso coração como remédios curadores. E caminho afora, nessa manhã clara de sol, o abnegado “Emmanuel” foi mostrando-lhe todos os valores da “FAZENDA DO PAI”. Cada pormenor do valioso patrimônio apresentava, com a explicação dada, uma significação particular. A árvore, o caminho, a nuvem, a poeira, que é o “MATA BORRÃO” dos charcos, simbolizando uns o desvelo do homem e, outros, a misericórdia de Deus; o frio, a ponte, que serve a pobres e ricos, a maus e bons, que tem uma serventia.

— Chico, você já foi ponte para alguém? pergunta-lhe o caro “Emmanuel”. E ele, sem saber como responder ao iluminado Guia, cala-se e vai guardando os ensinamentos recebidos, com amor, atenção e respeito. Em sonho, recebe a graça final. E dias depois, como previra “Emmanuel”, o querido irmão está curado, forte, alegre e feliz.

Foi após repletar-nos a alma desses Lindos Casos, que Chico nos levou ao interior de sua singela casinha, a participar da Sessão em que recebemos mensagens tocantes de nossa irmãzinha Wanda, outra de “Emmanuel”, respondendo-nos a questões, uma “POESIA” sentida e bela de “CASIMIRO CUNHA”, que nos arrancou lágrimas, e um Soneto de “Augusto dos Anjos”, em que se mostra pela primeira vez, com seu régio Presente, mais sentimental, falando do Amor, que ele já sabe sentir, votivo aos pequenos e humildes, sofredores e paupérrimos. Foi uma Sessão de 4 horas, que nos emocionou bastante e na qual ganhamos Graças que jamais prevíamos, em nossa vida. Graças a Deus! Terminada a Sessão, o Chico, sempre amável, acompanhou-nos ao hotel, prometendo levar-nos na manhã seguinte ao seu Posto de Serviço, a fim de gozarmos, como gozamos, um belo passeio matinal. Dormimos e acordamos bem cedo, demandamos à Fazenda do Ministério da Agricultura, onde Chico trabalha e é estimadíssimo. É ali, no seio de uma Natureza festiva, de um sol sempre vivo e caricioso, sob um dossel de nuvens garças, afagado por brisa leve e benfazeja, sentindo a música dolente dos pássaros livres e felizes, brincando à nossa frente, como a nos saudarem, que o Chico demonstra sua admiração pela natureza e onde melhor o conhecemos. Atendendo ao apelo de um Poeta, e visto que também o é, “AMA ATÉ AS PEDRAS E OS MONTES PENSATIVOS”, vendo em tudo poesia e oração, arte, lições num grande livro aberto; trata as árvores como irmãs, com graça e doçura; compreende~ como poucos, a alma do “GRANDE TODO”, e, qual “Pitágoras” redivivo, “TUDO SENTE”; humaniza as sombras, penetra o âmago das Coisas, ouve a voz do Silêncio. Para ele as águas falam e ele as entende; a Cachoeira barulhenta e a quietude profunda dos rios têm semelhança com certas criaturas. Um raio de luz, uma carícia, um inseto que voeja, lhe chamam a atenção, fazem-no pensar e lhe arrancam sorrisos dos lábios e fulgurações dos olhos vivos, ternos e mansos. Em tudo vê Poesia e Vida, Verdade e Luz, Beleza e Amor, e, acima de tudo, a Presença de Deus! Que sensibilidade apuradíssima: que coração grandioso lhe bate dentro do peito, capaz dos

maiores gestos de bondade, de renúncia, de gratidão, de piedade e de humildade! Conta-nos, a passo vagaroso, Lindos Casos.

E já na hora da despedida é que Chico nos revela qual o desejo maior que afagou em toda a sua vida de encarnado, e que recentemente lhe foi satisfeito: ter um quarto seu com uma janela toda de vidro para poder “VER O CÉU, de noite, cheio de estrelas, sentir os mundos imensos que estão rolando pelo infinito como lenços a nos acenar, a nos chamar e pedir que lutemos para os merecer. Quer ver o céu ainda para ver os Espíritos que vêm e vão... Foi Flammarion quem disse que precisamos olhar menos para a Terra e mais para o Céu, porque o silêncio do Céu é mais eloqüente que todas as vozes humanas. O aspecto de sua abóbada celeste nos enche de admiração e falamos de Deus, “MAS DE UM DEUS VERDADEIRO”. Por que o Deus dos espíritos não é o Deus dos exércitos de Felipe II; não derrama sangue, não fala de guerras, não anda a vencer batalhas, não conduz às infâmias da Inquisição, não faz queimar vivos, como heréticos, irmãos outros que tenham religiões diferentes da nossa; não aprova a matança de “S. Bartolomeu”, não sustenta o erro; não condena “Copérnico” e “Galileu”, porque esse Deus que o Céu nos mostra é a Suprema Justiça, a Suprema Verdade, o Amor mesmo, e paira, impecável e sereno, na Sua Luz e no Seu poder! As criaturas que olham para o Céu, que gostam do Céu, que falam com o Céu, são criaturas diferentes, estão de passagem por aqui, em Missões; e, sentindo Saudades da Pátria Verdadeira, distante, procuram minorar essa Saudade olhando o Infinito, traduzindo-lhe a Mensagem silenciosa e linda, que Irmãos Maiores lhes enviam.

Chico Xavier é, assim, uma criatura do Céu!

LINDOS CASOS QUE CHICO NÃO CONTOU

De quantos visitaram e têm visitado o Chico, segundo sua própria observação, somos dos que mais têm apreciado seus Casos. E é uma verdade, porque neles verificamos Lições preciosas do Evangelho e verdadeiras CARAPUÇAS para todos os CHAMADOS ao serviço do Senhor para, um dia, serem “ESCOLHIDOS”.

E assim sucedeu que, nas demais vezes que o visitamos, procurou ele aproveitar os momentos raros de suas folgas para nos contar seus Lindos Casos, isto porque no-los via anotando-os, entre comovido e alegre, validando-lhe o tempo e dando graças a Deus pelas premissas recebidas.

* * *

Em começo de 1948 e fins de 1949, rapidamente, o procuramos. Falamos-lhe apenas minutos antes da Sessão do “LUIZ GONZAGA”. Respeitamos sua valiosa ocupação e, visto que espontâneamente não nos procurou, concluímos que atravessava momentos aproveitáveis à recepção de alguns livros. E, como em tudo há providencialidade, em relação aos nossos esforços, vários de seus amigos, como “André”, “Ataliba”, “José Machado”, “Luiz Pacheco”, “professor Lauro Pastor” e sua esposa “D. Daisy”, e “D. Naná”, proprietária do hotel, onde nos hospedamos, encontraram-se conosco e contaram-nos muitos novos e lindos Casos sobre o Chico.

LINDOS E ÚLTIMOS CASOS

Em agosto de 1951, voltamos a “Pedro Leopoldo”. A convite do “Dr. Rômulo Joviano”, que era o Diretor da Fazenda, visitamos demoradamente as obras valiosas que o M. da Agricultura ali construiu para abrigar animais reprodutores e selecionados. “O Dr. Franco” deu-nos uma bela aula sobre a vida das abelhas. Depois avistamo-nos com o “Dr. Darwin”, seu leal colaborador, e, em seguida, com o Chico e dele ouvimos outros comentários. À noite, na Sessão do “LUIZ GONZAGA”, psicografa uma “LINDA MENSAGEM” de “JOÃO PINTO DE SOUZA”, o fundador da “HORA ESPIRITUALISTA”, — Mensagem apreciando nossa Campanha de Educação de adultos na Central do Brasil, com a qual, com auxílio de professores voluntários, conseguimos, numa massa de doze mil ferroviários, alfabetizar cerca de onze mil.

* * *

Passados 2 anos, numa tarde de agosto de 1953, falamos à esposa: “VAMOS A “PEDRO LEOPOLDO” BUSCAR UMA MENSAGEM DE BOM ÂNIMO”. Carecíamos de algo que nos animasse. Achávamo-nos doentes do corpo e da alma. E, assim, no dia seguinte, chegávamos à Terra do querido Chico Xavier. Era uma quinta-feira. “O LUIZ GONZAGA” realiza suas Sessões às segundas e sextas-feiras. Dormimos, pois, meio decepcionados, mas confiantes. Acordamos numa manhã cheia de sol e recebendo uma graça: a visita do Chico, que fora avisado de nossa chegada pelo seu bondoso irmão “André”, que conosco viajara. Partimos, com ele, numa charrete, para a Fazenda. Em caminho conversamos longamente.

À noite, a Sessão no “LUIZ GONZAGA” começou às 21 horas com o salão superlotado de irmãos, na maioria, vindos de lugares circunvizinhos. Terminou às 2 da madrugada, sem que ninguém se sentisse cansado. Todas as orientações que pedimos, por escrito, ao Espírito querido de “Emmanuel”, foram atendidas. A nosso favor, pedimos algo em pensamento. E, quando concluíamos que nada receberíamos, Chico lê: “MENSAGEM DE BOM ÂNIMO”, DE “AMARAL ORNELLAS” e a nós dedicada. Linimentados com o belíssimo alexandrino, choramos de emoção, tanto mais quanto não esperávamos receber tão grande dádiva.

* * *

Em começo de dezembro do mesmo ano, a serviço de nossa Campanha Educacional, depois de inaugurarmos 2 Cursos em “Pedro Leopoldo”, às 21 horas, fomos assistir à Sessão do “LUIZ GONZAGA”.

E, aí, por acréscimo de misericórdia, recebemos, no fim da Sessão, pelo Chico, uma erudita Mensagem de “Braga Neto”, o saudoso Secretário de nossa Revista “O NOSSO GUIA”, — Mensagem que reflete seu lastro espiritual já bem volumoso, digna de meditação que tanto se atualiza aos nossos dias.

* * *

Em março de 1954, fomos assistir à entrega de Certificados aos adultos

ferroviários de nossos Cursos de Alfabetização de Horto Florestal, em “Belo Horizonte”. Aproveitamos o ensejo e fomos ver o Chico. Encontramo-lo bem doente. Mesmo assim, a nosso pedido, atende a três cadetes que ali foram convidá-lo para uma festa em “Agulhas Negras”, na sede da Academia Militar.

* * *

Em todas essas ocasiões colhemos e anotamos novos casos.

Meses depois, nossa abençoada Campanha levou-nos à cidade de “Sabará” e a todo seu ramal, onde temos Cursos. Na volta, aflitos pela saúde do grande médium, fomos visitá-lo, ainda com o propósito de lhe pedir autorização para publicar os Lindos Casos, que nos contou, a benefício de uma “OBRA EDUCACIONAL ESPÍRITA”. Chico surpreende-se, nem de leve calcula o que ouvimos e anotamos. Supõe que apenas guardávamos, na pressa com que foram contados, uma meia dúzia de casos, coisa sem importância... Assistimos à Sessão e “Emmanuel” nos envia pequena Mensagem, muito expressiva para nós.

* * *

Na noite de 15 para 16 de maio de 1954, datilografamos o presente trabalho, em sua primeira parte. Fizemo-lo até à parte acima. Cansados, deixamo-lo para terminar no dia seguinte. E sonhamos com o caro Chico, sonho consolador, esclarecedor, emocionante. Certamente o Chico sentia, de longe, nosso trabalho. Pois em sonho, vendo-o de longe, ouvimos que falava e, por ele, seu querido e iluminado “Guia”, dando-nos uma como Mensagem para o final da parte 1ª de nosso Livro: “Que fazes de teus pés, de tuas mãos, de teus olhos, de teu cérebro? Sabes que esses poderes te foram confiados para honrar o Senhor iluminando a ti mesmo? Medita nestas interrogações e santifica teu corpo, nele encontrando o tempo divino”. Foi o que fizera o Chico no início de sua mediunidade, depois de haver a convite de “Emmanuel”, visitado a Fazenda do Pai e se inteirado do Serviço que cada coisa faz em santificação de si mesma. E traduzimos a belíssima e oportuna Mensagem, lembrando o que poderemos fazer com as mãos, com os pés, com o cérebro, com o coração, com os olhos, a benefício de nosso espírito. E verificamos que Jesus escreve pelas nossas mãos, sente e ama pelo nosso coração como no caso da belíssima lição Evangélica, olha pelas Visões Maravilhosas de um Servidor, anda pelos pés dos que caminham nas sendas do Bem e pensa e serve amando e ensinando através daqueles que O seguem.

* * *

A Mensagem ainda nos fez lembrar de “Mãe Ritinha”, uma Irmã Mensageira do Amor que, em “Três Rios”, no fim de sua bela existência, com os pés inchados, com os olhos já cansados, com o coração gasto de fazer o bem, com o cérebro cheio de luz, caminhou caminhos estreitos e íngremes, visitou aflitos, atendeu a infinitudes de criaturas, encaminhando-as ao Grande Roteiro e, por fim, em pleno serviço de dar sem receber, desencarnou, santificando seu corpo na sublimação do seu Espírito.

* * *

Que os Lindos Casos que ouvimos de tantos irmãos ligados ao querido Chico Xavier e apresentados e vestidos com a roupagem não menos simplória e humilde de nosso espírito, façam o bem a quantos os lerem. São partes integrantes da vida de um vero servidor. E um benefício imenso nos prestaram: fizeram com que pensássemos na responsabilidade que temos: olhando a do humilde Médiun de Pedro Leopoldo, e esforçando-nos por imitá-lo, para que no Serviço Salvacionista do Espiritismo se multipliquem os Chicos Xavier e a “3ª Revelação”, através dos bons exemplos de seus verdadeiros trabalhadores, por Ela reformados, acorde os que “DORMEM” e lhes “MOSTRE” que somente Jesus é Caminho, Verdade e Vida, e que somente nos salvaremos caminhando pelas Suas Pegadas de Amor, vivendo a Verdade e a Vida Verdadeira que Ele imortalizou no Amor, porque Ele é o Caminho para Deus, a Verdade que Ama e salva e a Vida que não morre nunca.

SEGUNDA PARTE – LINDOS CASOS DE CHICO XAVIER

1

TENHA PACIÊNCIA, MEU FILHO!

Quando Dona Maria João de Deus desencarnou, em 29 de setembro de 1915, Chico Xavier, um de seus nove filhos, foi entregue aos cuidados de Dona Rita de Cássia, velha amiga e madrinha da criança.

Dona Rita, porém, era obsidiada e, por qualquer bagatela, se destemperava, irritadiça.

Assim é que o Chico passou a suportar, por dia, várias surras de varas de marmeleiro, recebendo, ainda, a penetração de pontas de garfos no ventre, porque a neurastênica e perversa senhora inventara esse estranho processo de torturar.

O garoto chorava muito, permanecendo horas e horas, com os garfos dependurados na carne sanguinolenta e corria para o quintal, a fim de desabafar e, porque a madrinha repetia, nervosa:

— Este menino tem o diabo no corpo.

Um dia, lembrou-se a criança de que a Mãezinha orava sempre, todos os dias, ensinando-o a elevar o pensamento a Jesus e sentiu falta da prece que não encontrava em seu novo lar.

Ajoelhou-se sob velhas bananeiras e pronunciou as palavras do Pai Nosso que aprendera dos lábios maternos.

Quando terminou, oh! maravilha!

Sua progenitora, Dona Maria João de Deus, estava perfeitamente viva ao seu lado.

Chico, que ainda não lidara com as negações e dúvidas dos homens, nem por um instante pensou que a Mãezinha tivesse partido para as sombras da morte.

Abraçou-a, feliz, e gritou:

— Mamãe, não me deixe aqui... Carregue-me com a senhora...

— Não posso, — disse a entidade, triste.

— Estou apanhando muito, mamãe!

Dona Maria acariciou-o e explicou:

— Tenha paciência, meu filho. Você precisa crescer mais forte para o trabalho. E quem não sofre não aprende a lutar.

— Mas, — tornou a criança — minha madrinha diz que eu estou com o diabo no corpo.

— Que tem isso? Não se incomode. Tudo passa e se você não mais reclamar, se você tiver paciência, Jesus ajudará para que estejamos sempre juntos.

Em seguida, desapareceu.

O pequeno, aflito, chamou-a em vão.

Desde esse dia, no entanto, passou a receber o contato de varas e garfos sem revolta e sem lágrimas.

— Chico é tão cínico — dizia Dona Rita, exasperada, — que não chora, nem mesmo a pescoção.

Porque a criança explicava ter a alegria de ver sua mãe, sempre que recebia as surras, sem chorar, o pessoal doméstico passou a dizer que ele era um “menino aluado”.

E, diariamente, à tarde, com os vergões na pele e com o sangue a correr-lhe em pequeninos filetes do ventre o pequeno seguia, de olhos enxutos e

brilhantes, para o quintal, a fim de reencontrar a mãezinha querida, sob as velhas árvores, vendo-a e ouvindo-a, depois da oração.

Assim começou a luta espiritual do médium extraordinário que conhecemos.

2

O VALOR DA ORAÇÃO

A madrinha do Chico, por vezes, passava tempos entregue a obsessão.

Assim é que, nessas fases, a exasperação dela era mais forte.

Em algumas ocasiões, por isso, condenava o menino a vários dias de fome.

Certa feita, já fazia três dias que a criança permanecia em completo jejum.

À tarde, na hora da prece, encontrou a mãezinha desencarnada que lhe perguntou o motivo da tristeza com a qual se apresentava.

— Então, a senhora não sabe — explicou o Chico — tenho passado muita fome.

— Ora, você está reclamando muito, meu filho! — disse Dona Maria João de Deus — menino guloso tem sempre indigestão.

— Mas hoje bem que eu queria comer alguma coisa...

A mãezinha abraçou-o e recomendou:

— Continue na oração e espere um pouco.

O menino ficou repetindo as palavras do Pai Nosso e daí a instantes um grande cão da rua penetrou o quintal.

Aproximou-se dele e deixou cair da bocarra um objeto escuro.

Era um jatobá saboroso...

Chico recolheu, alegre, O pesado fruto, ao mesmo tempo que reviu a mãezinha ao seu lado, acrescentando.

— Misture o jatobá com água e você terá um bom alimento.

E, despedindo-se da criança, acentuou:

— Como você observa, meu filho, quando oramos com fé viva até um cão pode nos ajudar, em nome de Jesus.

3

CONSELHO MATERNO

D. Rita de Cássia criava em sua casa, como filho adotivo, um sobrinho de nome Moacir, menino de onze a doze anos de idade.

Moacir trazia larga ferida na perna, quando a dona da casa mandou chamar D. Ana Batista, antiga benzedeira da localidade denominada Matuto, hoje Santo Antonio da Barra, nos arredores de Pedro Leopoldo.

D. Ana examinou a úlcera e informou:

— Aqui só uma “simpatia” dará resultado.

— Qual? — perguntou a madrinha do Chico.

— Uma criança deve lambar a ferida por três sextas-feiras continuadas, pela manhã, em jejum.

E D. Rita perguntou:

— Chico serve?

A benzedeira observou e declarou:

— Muito bem lembrado.

Isso ocorria numa quinta-feira. À tarde, quando o menino foi à prece, sob as árvores, encontrou D. Maria João de Deus, em espírito, e contou-lhe, chorando, que no dia seguinte ele deveria tomar parte na “simpatia”.

— Você deve obedecer, meu filho.

— A senhora acha que eu devo lambar a ferida do Moacir?

— Mais vale lambar feridas que fazer aborrecimentos nos outros — falou o espírito maternal, — você é uma criança e não deve contrariar sua madrinha.

— E a senhora crê que isso poderá curar o doente?

— Não. Isso não é remédio? Mas dará bom resultado para você mesmo, porque sua obediência dará tranqüilidade à sua madrinha.

E, vendo que o menino hesitava, continuou:

— Seja humilde, meu filho. Se você ajudar a paz de que precisamos, você lambará a ferida e nós faremos o remédio para curá-la.

No outro dia, Chico obedeceu à ordem.

Na sexta-feira imediata repetiu a estranha operação e a úlcera desapareceu.

Quando lambeu a ferida pela terceira vez, viu o Espírito de sua mãe, sorridente, ao seu lado.

Extático, viu-a abraçar Dona Rita. E Dona Rita, transformada, acariciou-o, pela primeira vez, e disse-lhe, bondosa:

— Muito bem, Chico. Você obedeceu direitinho. Louvado seja Deus!

E depois de dois anos de flagelação, o Chico teve a felicidade de passar uma semana inteira sem garfadas e sem vergões.

4 O ANJO BOM

Dois anos de surras incessantes.

Dois anos vivera o Chico junto da madrinha.

Numa tarde muito fria, quando entrou em colóquio com Dona Maria João de Deus, Chico implorou:

— Mamãe, se a senhora vem nos ver, porque não me retira daqui?

O Espírito carinhoso afagou-o e perguntou:

— Por que está você tão aflito? Tudo, no mundo, obedece à vontade de Deus.

— Mas a senhora sabe que nos faz muita falta...

A Mãezinha consolou-o e explicou:

— Não perca a paciência. Pedi a Jesus para enviar um anjo bom que tome conta de vocês todos.

E sempre que revia a progenitora, o menino indagava:

— Mamãe, quando é que o anjo chegará?

— Espere, meu filho! — era a resposta de sempre.

Decorridos dois meses, o Sr. João Cândido Xavier resolveu casar-se em segundas núpcias.

E Dona Cidália Batista, a segunda esposa, reclamou os filhos de Dona Maria João de Deus, que se achavam espalhados em casas diversas.

Foi assim que a nobre senhora mandou buscar também o Chico. Quando a criança voltou ao antigo lar contemplou a madrasta que lhe estendia as mãos.

Dona Cidália abraçou-o e beijou-o com ternura e perguntou:

— Meu Deus, onde estava este menino com a barriga deste jeito?

Chico, encorajado com o carinho dela, abraçou-a também, como o pássaro que sentia saudades do ninho perdido.

A madrasta bondosa fitou-o bem nos olhos e indagou:

— Você sabe quem sou, meu filho?

— Sei sim. A senhora é o anjo bom de que minha mãe já falou...

E, desde então, entre os dois, brilhou o amor puro com que o Chico seguiu a segunda mãe, até à morte.

5

A HORTA EDUCATIVA

Quando Dona Cidália reuniu os filhos menores de Dona Maria João de Deus, observou que eles precisavam do grupo escolar.

O Sr. Cândido Xavier, pai da numerosa família, foi consultado.

Entretanto, a situação era difícil.

1918, a época a que nos referimos, marcou a passagem da gripe espanhola.

Tudo era crise, embaraço.

E o salário, no fim-de-mês, dava escassamente para o necessário.

Não havia dinheiro para cadernos, lápis e livros.

A madrastra, alma generosa e amiga, chamou o enteado e lembrou:

— Chico, vocês precisam ir à escola. E como não há recurso para isso, vamos plantar uma horta. Adubaremos a terra, plantarei os legumes e você fará a venda na rua... Com o resultado, espero que tudo se arranje.

— A senhora pode contar comigo, — prometeu o menino.

A horta foi plantada.

Em algumas semanas, Chico já podia sair à rua com o cesto de verduras.

— Olhem a couve, a alface! Almeirão e repolho!...

E o povo comprava.

Cada molho de couve ou cada repolho valia um tostão.

Dona Cidália guardava o produto financeiro num cofre.

Quando abriram o cofre, Dona Cidália, feliz falou para o enteado:

— Você está vendo o valor do serviço? Agora vocês já podem freqüentar as aulas do grupo.

E foi assim que, em janeiro de 1919, Chico Xavier começou o A-B-C.

6 A HISTÓRIA DA CHAVE

Com a saída do chefe da casa e dos filhos mais velhos para o trabalho e com a ausência das crianças na escola, Dona Cidália era obrigada, por vezes, a deixar a casa, a sós, porque devia buscar lenha, à distância.

Aí começou uma dificuldade.

Certa vizinha, vendo a casa fechada, ia ao quintal e colhia as verduras.

A madrastra bondosa preocupou-se.

Sem verduras não haveria dinheiro para o serviço escolar.

Dona Cidália observou... Observou...

E ficou sabendo que lhes subtraía os recursos da horta; entretanto, repugnava-lhe a idéia de ofender uma pessoa amiga por causa de repolhos e alfaces.

Chamou, então, o Chico e lembrou.

— Meu filho, você diz que, às vezes, encontra o Espírito de Dona Maria. Peça-lhe um conselho. Nossa horta está desaparecendo e, sem ela, como sustentar o serviço da escola?

Chico procurou o quintal à tardinha e rezou e, como das outras vezes, a mãezinha apareceu.

O menino contou-lhe o que se passava e pediu-lhe socorro.

D. Maria então lhe disse:

— Você diga à Cidália que realmente não devemos brigar com os vizinhos que são sempre pessoas de quem necessitamos. Será então aconselhável que ela dê a chave da casa à amiga que vem talando a horta, sempre que precise ausentar-se, porque, desse modo a vizinha, ao invés de prejudicar os legumes, nos ajudará a tomar conta deles.

Dona Cidália achou o conselho excelente e cumpriu a determinação.

Foi assim que a vizinha não mais tocou nas hortaliças, porque passou a responsabilizar-se pela casa inteira.

7 A LIÇÃO DA OBEDIÊNCIA

De novo reunido à família, Chico Xavier, fosse por que tivesse retornado à tranqüilidade ou por que houvesse ingressado na escola, não mais viu o Espírito da mãezinha desencarnada.

Entretanto, passou a ter sonhos.

À noite, no repouso, agitado, levantava-se do leito, conversava com interlocutores invisíveis e, muitas vezes, despertava pela manhã, trazendo notícias de parentes mortos, contando peripécias ou narrando sucesso que ninguém podia compreender.

João Cândido Xavier, a conselho da segunda esposa, que se interessava maternalmente pela criança, conduziu Chico ao padre Sebastião Scarzelli, antigo vigário da cidade de Matozinhos, nas vizinhanças de Pedro Leopoldo, que depois de ouvir o menino, por algumas vezes, em confissão, aconselhou João Cândido a impedir que o rapazelho lesse jornais, livros ou revistas.

Chico devia estar impressionado com más leituras — dizia o sacerdote — aqueles sonhos não eram outra coisa senão perturbações, porque as almas não voltam do outro mundo...

Intrigado por ver que ninguém dava crédito ao que via e escutava, em sonhos, certa noite, rogou, em lágrimas, alguma explicação da progenitora de quem não se esquecia.

Dona Maria João de Deus apareceu-lhe no sonho, calma e bondosa, e o Chico deu-lhe a conhecer as dificuldades em que vivia.

Ninguém acreditava nele — clamou. Mas o conselho maternal veio logo:

— Você não deve exasperar-se. Sem humildade, é impossível cumprir uma boa tarefa.

Mas, mamãe, ninguém acredita em mim...

— Que tem isso, meu filho?

— Mas eu digo a verdade.

— A verdade é de Deus, e Deus sabe o que faz, — disse a generosa entidade.

Chico, porém, choramingou:

— Não sei se a senhora sabe, papai e o padre estão contra mim... Dizem que estou perturbado...

Dona Maria abraçou-o e disse:

— Modifique seus pensamentos. Você é ainda uma criança e uma criança indisciplinada cresce com a desconfiança e com a antipatia dos outros.

Não falte ao respeito para com seu pai e para com o padre. Eles são mais velhos e nos desejam todo o bem. Aprenda a calar-se. Quando você lembrar alguma lição ou alguma experiência recebidas em sonho, fique em silêncio. Se for permitido por Jesus, então, mais tarde virá o tempo em que você poderá falar. Por enquanto, você precisa aprender a obediência para que Deus, um dia, conceda ao seu caminho a confiança dos outros.

Desde essa noite, Chico calou-se e Dona Maria João de Deus passou algum tempo sem fazer-se visível.

8 TEMPORÁRIA SEPARAÇÃO

Continuando os desequilíbrios do Chico, em janeiro de 1920, João Cândido Xavier, seu pai, pediu ao padre que fosse mais exigente com a criança, no confessionário.

O sacerdote concordou com a sugestão...

Quando o vigário lhe ouvia as referências sobre as rápidas entrevistas com Dona Maria João de Deus, desencarnada desde 1915, falou-lhe francamente:

— Não, meu filho. Isso não pode ser. Ninguém volta a conversar depois da morte. O demônio procura perturbar-lhe o caminho...

— Mas, padre, foi minha mãe quem veio...

— Foi o demônio.

Severamente repreendido pelo vigário, o menino calou-se, chorando muito.

O Sr. João Cândido, católico de Santa Luzia do Rio das Velhas deu razão ao padre.

Aquilo só podia ser o demônio.

Chico refugiou-se no carinho da madrasta, alma compreensiva e boa.

E Dona Cidália lhe disse:

— Você não deve chorar, meu filho. Ninguém pode dizer que você esteja perseguido pelo demônio. Se for realmente sua mãezinha quem veio conversar com você, naturalmente isso acontece porque Deus permite. É Deus estando no assunto ajudará para que isso tudo fique esclarecido.

À noite desse dia, Chico sonhou que reencontrava a progenitora.

Dona Maria abraçou-o e recomendou:

— Repito que você deve obedecer a seu pai e ao vigário. Não brigue por minha causa. Por algum tempo você não mais me verá, contudo, se Jesus permitir, mais tarde estaremos mais juntos.

Não perca a paciência e esperemos o tempo.

Chico acorda em pranto.

Enxugou os olhos, resignado.

E, por sete anos consecutivos, não mais teve qualquer contacto pessoal com a mãezinha, para somente receber-lhe as mensagens psicografadas em 1927 e revê-la, de novo, pela vidência mais clara e mais segura, em 1931, quando mais familiarizado com o serviço mediúnico, ao qual se entregara de coração.

9 A PRIMEIRA SESSÃO

De princípios de 1920 a 1927, Chico não mais conseguiu avistar-se pessoalmente com o Espírito de Dona Maria João de Deus.

Integrado na comunidade católica, obedecia às obrigações que lhe eram indicadas pela Igreja.

Confessava-se, comungava, comparecia pontualmente à missa e acompanhava as procissões.

Terminara o curso primário no Grupo Escolar “São José”, de Pedro Leopoldo em 1923, levantando-se às seis da manhã para começar às sete as tarefas escolares e entrando para o serviço da fábrica às três da tarde para sair às onze da noite.

O trabalho, porém, era exaustivo e, em 1925 deixou a fábrica, empregando-se na venda do Sr. José Felizardo Sobrinho, onde o trabalho ia das seis e meia da manhã às oito da noite, com o salário de treze cruzeiros por mês.

Entretanto, continuavam as perturbações noturnas.

Depois de dormir, caía em transes surpreendentes.

Perambulava pela casa, falava em voz alta, dava notícias de pessoas que sofriam no Além, mantinha longas conversações, cujo fio era impenetrável aos familiares aflitos.

Em 1927, porém, eis que a sua irmã D. Maria da Conceição Xavier, hoje mãe de família, cai doente.

Era um doloroso processo de obsessão.

Tratada carinhosamente pelo confrade Sr. José Hermínio Perácio, que atualmente reside em Belo Horizonte, a jovem curou-se.

Foi assim que se realizou a primeira sessão espírita no lar da família Xavier, em Pedro Leopoldo.

Perácio, na direção, pronunciava vibrante prece.

Na mesa, dois livros.

Eram eles o “Evangelho Segundo o Espiritismo” e o “Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec.

O Espírito de Dona Maria João de Deus comparece e grafa longa mensagem aos filhos presentes, através da médium D. Carmem Pena Perácio, devotada esposa do companheiro a que nos referimos.

Reporta-se a cada filho, de maneira particular.

E, dirigindo-se ao Chico, comove-o, escrevendo:

— Chico, meu filho, eis que nos achamos mais juntos, novamente. Os livros à nossa frente são dois tesouros de luz. Estude-os, cumpra os seus deveres e, em breve, a Bondade Divina nos permitirá mostrar a você os seus novos caminhos.

E assim realmente aconteceu.

10

O PRESIDENTE FRUSTRADO

A primeira sessão espírita no lar dos Xavier realizou-se em maio de 1927. Em junho do mesmo ano, os companheiros dessa reunião cogitavam de fundar um núcleo doutrinário.

Era preciso fundar um Centro — diziam.

E, certa noite, num velho cômodo junto à venda de José Felizardo, onde o Chico era empregado, o assunto voltou a debate.

Na assembléia, estavam apenas dois companheiros espíritas, contudo, junto deles, umas dez pessoas, sentadas, bebiam e comiam animadamente.

— Ah! um Centro Espírita? Boa idéia! — comentava-se.

— Apressemos a fundação!

— Faremos tudo por ajudar.

- Será para nós um sinal de progresso.

E, dentre as exclamações entusiásticas que explodiam surgiu a palavra de um cavalheiro respeitável, pedindo para que o Centro fosse instituído ali mesmo. Quem seria o Presidente? José Hermínio Perácio, o companheiro que acendera aquela nova luz do Espiritismo em Pedro Leopoldo, morava longe, a cem quilômetros de distância.

Mas o cavalheiro de faces avermelhadas prometeu solene:

— Assumo a responsabilidade. A fundação ficará por minha conta. Chamem o Chico. Ele poderá lavrar a ata de fundação. Serei o Presidente e ele terá as funções de Secretário.

Depois de breve conversação, o grupo recebeu o nome de “Centro Espírita Luiz Gonzaga”.

Chico lavrou a ata que todos presentes assinaram.

Mas, na manhã imediata, o cavalheiro que chamara a si a Presidência, voltou à venda de José Felizardo e pediu para que seu nome fosse retirado da ata, alegando:

— Chico você sabe que sou de família católica e tenho meus deveres sociais. Ontem, aquele meu intusiasmo pelo Espiritismo era efeito do vinho. Se vocês precisarem de mim, estou pronto para auxiliar, contudo, não posso aceitar o encargo de Presidente.

— Mas, e como ficaremos? — perguntou o Chico - eu sou apenas o Secretário.

— Você faça como achar melhor, mas não conte comigo.

E o Presidente saiu, deixando o Chico a pensar.

11

O ENTUSIASMO APAGADO

Em fins de 1927, o “Centro Espírita Luiz Gonzaga”, então sediado na residência de José Cândido Xavier, que se fêz Presidente da instituição, estava bem freqüentado.

Muita gente.

Muitos candidatos ao serviço da mediunidade.

Muitas promessas.

José era irmão do Chico e na residência dele realizavam-se as sessões públicas nas noites de segundas e sextas-feiras.

Em cada reunião, ouviam-se exclamações como esta:

— Quero ser médium psicógrafo!...

— Quero desenvolver-me na incorporação!...

— Precisamos trabalhar muito...

— Não será interessante fundar um abrigo ou um hospital?

O entusiasmo era grande quando, em outubro do mesmo ano, chegou a Pedro Leopoldo, Dona Rita Silva, sofredora mãe com quatro filhas obsidiadas. Vinham ela e o irmão Saul, tio das doentes, da região de Pirapora, zona do Rio São Francisco, no norte mineiro.

As moças, em plena alienação mental, inspiravam compaixão. Tinham crises de loucura completa. Mordiam-se umas às outras. Gritavam blasfêmias. Uma delas chegara acorrentada, tal a violência da perturbação de que era vítima.

O Espírito de Dona Maria João de Deus explicou pela mão do Chico:

— Meus amigos, temos desejado o trabalho e o trabalho nos foi enviado por Jesus. Nossas irmãs doentes devem ser amparadas aqui no Centro. A fraternidade é a luz do Espiritismo.

Procuremos servir com Jesus.

Isso aconteceu numa noite de segunda-feira.

Quando chegou a reunião da sexta, José e Chico Xavier estavam em companhia das obsidiadas sem mais ninguém.

12 A SURRA DE BÍBLIA

Lutando no tratamento das irmãs obsidiadas, José e Chico Xavier gastaram alguns meses até que surgisse a cura completa.

No princípio, porém, da tarefa assistencial houve uma noite em que José foi obrigado a viajar em serviço da sua profissão de seleiro.

Mudara-se para Pedro Leopoldo um homem bom e rústico, de nome Manuel, que o povo dizia muito experimentado em doutrinar espíritos das trevas.

O irmão do Chico não hesitou e resolveu visitá-lo, pedindo cooperação.

Necessitava ausentar-se, mas o socorro às doentes não deveria ser interrompido.

“Seu” Manuel aceitou o convite e, na hora aprazada, compareceu ao “Centro Espírita Luiz Gonzaga”, com uma Bíblia antiga sob o braço direito.

A sessão começou eficiente e pacífica.

Como de outras vezes, depois das preces e instruções de abertura, o Chico seria o médium para a doutrinação dos obsessores.

Um dos espíritos amigos incorporou-se, por intermédio dele, fornecendo a precisa orientação e disse ao “seu” Manuel entre outras coisas:

— Meu amigo, quando o perseguidor infeliz apossar-se do médium, aplique o Evangelho com veemência.

— Pois não, — respondeu o diretor muito calmo, — a vossa ordem será obedecida.

E quando a primeira das entidades perturbadas assenhoreou o aparelho mediúnico, exigindo assistência evangelizante, “seu” Manuel tomou a Bíblia de grande formato e bateu, com ela, muitas vezes, sobre o crânio do Chico, exclamando, irritadiço:

— Tome Evangelho! tome Evangelho!...

O obsessor, sob a influência de benfeitores espirituais da casa, afastou-se, de imediato, e a sessão foi encerrada.

Mas o Chico sofreu intensa torção no pescoço e esteve seis dias de cama para curar o torcicolo doloroso.

E, ainda hoje, ele afirma satisfeito que será talvez das poucas pessoas do mundo que terão tomado “uma surra de Bíblia”...

13

MESA DE CR\$ 15,00...

O Chico estava empregado na venda do Sr. José Felizardo.

Ganhava Cr\$ 60,00 por mês. Mal dava para ajudar a família.

Apenas lhe sobrava, quando sobrava, meia dúzia de centavos.

Uma de suas irmãs, que o auxiliava no expediente do lar, falou-lhe, certa vez, da necessidade que estavam de uma mesa para a sala de jantar, pois a que possuíam era pequena e estava velha, a pedir substituição. E alvitrou-lhe:

A vizinha do lado tem uma que nos serve. Vende-a por Cr\$ 15,00.

Mas como a pagaremos se não possuo e nem me sobra esta quantia, no fim de cada mês?

A vizinha, dona da mesa, soube das dificuldades do Chico e, desejando ajudá-lo, propôs-lhe vender o entressenhado móvel à razão de 1 cruzeiro por mês, em quinze prestações mensais.

O Chico aceitou e a mesa foi comprada.

Pagou-a com sacrifício.

Ficou sendo uma mesa abençoada.

E foi sobre ela que, mais tarde, entendeu com Emmanuel a lição do pão e dos demais alimentos, verificando em tudo a felicidade do pouco com Deus.

14

UM ENSINAMENTO QUE FICOU

A luta ia acesa.

Trabalhos. Dificuldades. Incompreensões.

Chico, ao lado de José Xavier, perseverava...

Uma noite, porém, experimentava enorme fadiga.

E à hora da reunião, perguntava a si mesmo:

— Valia a pena combater? Por que dedicar-se à mediunidade se Jesus já estivera no mundo e, tudo ensinando, não fora compreendido? Não seria melhor entregar a Nosso Senhor a Terra com tudo o que pertence à vida dos homens?

Foi então que a mãezinha desencarnada recomendou-lhe que abrisse o Novo Testamento, o que Chico fez pela primeira vez, esclarecendo-lhe que o Evangelho tem sempre uma resposta para nossas dúvidas.

O filho abriu o Código Divino, ao acaso, e leu no versículo 1, do Capítulo 1, dos Atos dos Apóstolos; "... no primeiro livro, ó Teófilo, relatei todas as coisas que Jesus começou a fazer e ensinar".

A entidade carinhosa, acordando-o para o dever a cumprir, observou:

— Reparou, meu filho? Pela narração dos Apóstolos, ficamos sabendo que o Evangelho relata as maravilhas que Jesus começou a fazer e a ensinar... Aprendamos a cooperar com Ele, porque ainda estamos muito longe da conclusão do Reino de Deus na Terra que Nosso Senhor está construindo.

E o ensinamento ficou, exigindo meditação...

15 A LIÇÃO DA SÚPLICA

Certa noite, o Chico alquebrado pelos obstáculos, orava, antes do sono, rogando a Jesus múltiplas medidas e soluções para os problemas que o apoquentavam.

Mais de quarenta minutos já havia empregado no petitório, quando lhe surgiu Dona Maria João de Deus que lhe falou bondosa:

— Meu filho, faça suas orações, porque sem a prece não conseguimos a renovação de nossas forças espirituais, entretanto, não será por muito falar que você será atendido.

— Então, como devo fazer em minhas súplicas? — perguntou o Médiu desapontado.

— Você sabe que Jesus também pede alguma coisa de nós... — disse o espírito maternal.

— Sim, Nosso Senhor recomenda-nos humildade, paciência, fé, bom ânimo, caridade e amor ao próximo no cumprimento de nossos deveres.

— Pois, façamos o que Jesus nos pede e Jesus fará por nós o que lhe pedimos. Está certo?

E o Chico recebendo a lição aprendeu que orar não é falar e mover os lábios, indefinidamente.

16 A CARIDADE E A ORAÇÃO

“O Centro Espírita Luiz Gonzaga” ia seguindo para a frente... Certa feita, alguns populares chegaram à reunião pedindo socorro para um cego acidentado.

O pobre mendigo, mal guiado por um companheiro ébrio, caíra sob o viaduto da Central do Brasil, na saída de Pedro Leopoldo para Matozinhos, precipitando-se ao solo, de uma altura de quatro metros.

O guia desaparecera e o cego vertia sangue pela boca.

Sozinho, sem ninguém...

Chico alugou pequeno pardieiro, onde o enfermo foi asilado para tratamento médico.

Curioso facultativo receitou, graciosamente.

Mas o velhinho precisava de enfermagem.

O médium velava junto dele à noite, mas durante o dia precisava atender às próprias obrigações na condição de caixeiro do Sr. José Felizardo.

Havia, por essa época, 1928, uma pequena folha semanal, em Pedro Leopoldo.

E Chico providenciou para que fosse publicada uma solicitação, rogando o concurso de alguém que pudesse prestar serviços ao cego Cecílio, durante o dia, porque à noite, ele próprio se responsabilizaria pelo doente.

Alguém que pudesse ajudar.

Não importava que o auxílio viesse de espíritas, católicos ou ateus.

Seis dias se passaram sem que ninguém se oferecesse.

Ao fim da semana, porém, duas meretrizes muito conhecidas na cidade se apresentaram e disseram-lhe:

— Chico, lemos o pedido e aqui estamos. Se pudermos servir...

— Ah! como não? — replicou o médium — Entrem, irmãs! Jesus há de abençoar-lhes a caridade.

Todas as noites, antes de sair, as mulheres oravam com o Chico, ao pé do enfermo.

Decorrido um mês, quando o cego se restabeleceu, reuniram-se pela derradeira vez, em prece, com o velhinho feliz.

Quando o Chico terminou a oração de agradecimento a Jesus, os quatro choravam.

Então, uma delas disse ao médium:

— Chico, a prece modificou a nossa vida. Estamos a despedir-nos.

Mudamo-nos para Belo Horizonte, a fim de trabalhar.

E uma passou a servir numa tinturaria, desencarnando anos depois e a outra conquistou o título de enfermeira, vivendo, ainda hoje, respeitada e feliz.

17

A PERGUNTA DE TIMBIRA

Joaquim Tímbira era uma das entidades que se comunicavam freqüentemente nas sessões dos irmãos Xavier.

Companheiro espiritual, simples e bom, estava sempre disposto a auxiliar com a sua experiência nos trabalhos, em favor dos obsidiados.

Houve uma ocasião em que apareceu uma jovem perseguida por diversas entidades da sombra e, à noite, obsessores, em falanges, tomavam-lhe a boca, derramando fel e veneno em forma de palavras.

José doutrinava os visitantes conturbados.

Iam muitos e muitos vinham.

E o dirigente conversava, conversava.

Numa das reuniões, Joaquim Timbira incorpora-se no Chico e aconselha:

— José, meu filho, convém ensinar o bom caminho aos irmãos sofredores, entretanto, é preciso doutrinar igualmente a médium. É necessário que a mocinha estude, compenetrando-se dos seus deveres.

— Mas não será caridade necessária doutrinar os espíritos infelizes?

— Sim, sim...

— Então? — insistiu José Xavier — penso que estou certo, procurando encaminhar à verdade nossos irmãos vitimados pela ignorância e pelo sofrimento. Devem eles ser atendidos em primeiro lugar.

Joaquim Timbira fêz uma longa pausa como quem refletia com segurança para responder e considerou:

— José, toda a caridade feita com boa intenção é louvável diante do Céu, mas que será melhor? curar feridas ou espantar moscas?

E a pergunta do amigo espiritual ficou gravada por valiosa lição.

18 O REMÉDIO

Chico, nessa noite, estava muito fatigado, quando à hora da prece costumeira, aparece-lhe Dona Maria João de Deus.

— Minha mãe, — roga ao espírito carinhoso — como fazer para alcançar a vitória no cumprimento de meus deveres?

— Meu filho, só conheço um remédio — servir.

— Mas e as dificuldades de entendimento com os outros? Como espalhar as bênçãos do Espiritismo com quem não as deseja, se, às vezes, oferecendo o melhor que possuímos, apenas recolhemos pedradas?

— Servir é a solução.

— Entretanto, há pessoas que nos odeiam gratuitamente. Malsinam-nos as melhores intenções detestam-nos sem motivo e dificultam-nos o mínimo trabalho. Que me diz a senhora? Julga que existe algum recurso para fazer a paz entre elas e nós?

— Sim, há um recurso — servir sempre.

— Então, a senhora considera que, para todos os males da vida, esse é o remédio?

— Sim, meu filho, remédio essencial. Sem que aprendamos a servir, ainda mesmo quando tenhamos boas intenções, tudo em nós será simples palavras que o mundo consome.

E, depois de semelhante receita, o Espírito de Dona Maria retirou-se como quem não tinha outro remédio a ensinar.

19 A ÁGUA DA PAZ

Em torno da mediunidade, improvisam-se, ao redor do Chico, acesas discussões.

É, não é. Viu, não viu.

E o médium sofria, por vezes, longas irritações, a fim de explicar sem ser compreendido.

Por isso, à hora da prece, achava-se quase sempre, desanimado e aflito.

Certa feita, o Espírito de Dona Maria João de Deus compareceu e aconselhou-lhe:

— Meu filho, para curar essas inquietações você deve usar a Água da Paz.

O Médium, satisfeito, procurou o medicamento em todas as farmácias de Pedro Leopoldo.

Não o encontrou. Recorreu a Belo Horizonte. Nada.

Ao fim de duas semanas, comunicou à progenitora desencarnada o fracasso da busca.

Dona Maria sorriu e informou:

— Não precisa viajar em semelhante procura.

Você poderá obter o remédio em casa mesmo.

A Água da Paz pode ser a água do pote.

Quando alguém lhe trazer provocações com a palavra, beba um pouco de água pura e conserve-a na boca. Não a lance fora, nem a engula. Enquanto perdurar a tentação de responder, guarde a água da paz, banhando a língua.

O Médium baixou, então, os olhos, desapontado.

Compreendera que a mãezinha lhe chamava o espírito à lição da humildade e do silêncio.

20 A VISITA DE CASIMIRO

Depois do conselho de D. Maria João de Deus com respeito à Água da Paz, Chico sentiu o braço visitado pela influência de um novo amigo invisível.

Tomou o lápis e o visitante escreveu para ele em Caracteres bem traçados e firmes:

Meu amigo, se desejas
Paz crescente e guerra pouca,
Ajuda sem reclamar
E aprende a calar a boca.

Quem seria o comunicante?

Depois de alguns momentos, o amigo espiritual identificou-se, assinando:
“CASIMIRO CUNHA.”

Foi este o primeiro contacto entre o Médium e o mavioso Poeta vassourense.

21 A MEDICAÇÃO PELA FÉ

A moça abatida, num acesso de tosse, chegara ao “Luiz Gonzaga” com a receita médica.

Estava tuberculosa.

Duas hemoptises já haviam surgido como horrível prenúncio.

O doutor indicara remédios, entretanto...

— Chico, — disse a doente — o médico me atendeu e aconselhou-me a usar esta receita por trinta dias...

Mas, não tenho dinheiro. Você poderia arranjar-me uns cobres?

O Médiun respondeu com boa vontade:

— Minha filha, hoje não tenho... E meu pagamento no serviço ainda está longe...

— Que devo fazer? Estou desarvorada...

Chico pensou, pensou, e disse-lhe:

— Você peça à nossa Mãe Santíssima socorro e o socorro não lhe faltará.

A que horas você deve fazer a medicação?

— De manhã e à noite.

— Então você corte a receita em sessenta pedacinhos.

Deixe um copo de água pura na mesa, em sua casa e, no momento de usar o remédio, rogue a proteção de Maria Santíssima.

Tome um pedacinho da receita com a água abençoada em memória dela e repetindo isso duas vezes por dia, no horário determinado, sem dúvida, pela fé, você terá usado a receita.

A enferma agradeceu e saiu.

Passado um mês, a moça surgiu no Centro, corada e refeita.

— Oh! é você? — disse o Médiun.

— Sim, Chico, sou eu. Pedi o socorro de Nossa Mãe Santíssima. Engoli os pedacinhos do papel da receita e estou perfeitamente boa.

— Então, minha filha, vamos render graças a Deus. E passaram os dois à oração.

22 HUMORISMO MATERNO

Em 1931, “mandar alguém para o inferno” constituía grave ofensa.

E um dos missionários católicos que visitaram Pedro Leopoldo naquela época, no zelo com que defendia a Igreja Romana, falou do púlpito que o Chico, o Médiun espírita que se desenvolvia na cidade, devia ir para o inferno.

Chico, que freqüentara a Igreja desde a infância, ficou muito chocado.

À noite, na reunião costumeira, aparece a progenitora desencarnada e, reparando-lhe a inquietude, pergunta-lhe, bondosa o motivo da aflição que trazia.

— Ah! estou muito triste, — disse o rapaz.

— Por que?

— Ora, o padre me xingou muito...

— Que tem isso? Cada pessoa fala daquilo que tem ou daquilo que sabe.

— Mas a senhora imagine — clamou o Chico — que ele me mandou para o inferno...

O Espírito de Dona Maria sorriu e falou:

Ele mandou você para o inferno, mas você não vai. Fique na Terra mesmo.

O Médiun, ante o bom humor daquelas palavras, compreendeu que não convinha dar ouvidos às condenações descabidas.

E o serviço da noite desdobrou-se em paz.

23

O CASO DA BESTA

Em 1931, quando o Chico passou a receber as primeiras poesias do “Parnaso de Além-Túmulo”, um cavalheiro de Pedro Leopoldo, muito impressionado com os versos, resolveu apresentar o Médiun e os poemas a certo escritor mineiro, de passagem pela cidade.

O filho de João Cândido vestiu a melhor roupa que possuía e, com a pasta de mensagens debaixo do braço, foi ao encontro marcado.

O conterrâneo do Médiun, embora católico romano, apresentou o Chico, entusiasmado:

— Este é o médium de quem lhe falei.

O escritor cumprimentou o rapaz e entregou-se à leitura dos versos.

Sonetos de Augusto dos Anjos, poemetos de Casimiro Cunha, quadras de João de Deus...

Depois de rápida leitura, o literato sentenciou:

— Isso tudo é bobagem.

E mirando o Chico, rematou:

— Este rapaz é uma besta.

— Mas, doutor, — disse, agastado, o conterrâneo do Chico — o rapaz tem convicções e abraça o Espiritismo como Doutrina.

— Pois, então, deve ser uma besta espírita, — declarou o escritor.

Bastante desapontado, o Médiun despediu-se.

Em casa, durante a oração, a progenitora apareceu.

— A senhora viu como fui insultado? perguntou o Chico.

E porque Dona Maria se revelasse alheia ao assunto, o filho contou-lhe o caso.

A entidade sorriu e disse:

— Não vejo insulto algum. Creio até que você foi muito honrado. Uma besta é um animal de trabalho...

— Mas o homem me apelidou por “besta espírita”.

— Isso não tem importância, — exclamou a mãezinha desencarnada — imagine-se como sendo uma besta em serviço do Espiritismo. Se a besta não dá coices, converte-se num elemento valioso e útil.

Porque o filho silenciou, Dona Maria acrescentou:

— Você não acha que é bem assim?

Chico refletiu e respondeu:

— É... pensando bem, é isso mesmo.

E o assunto ficou sem alteração.

24 UMA BOA LIÇÃO

Adoecera um dos irmãos do grupo.

Reumatismo complicado e renitente.

Um amigo ensinou a aplicação de uma erva que somente se desenvolve em cavernas do subsolo.

Chico e José Xavier, tendo por acompanhante um belo cão que lhes pertencia, de nome Lorde, vão a uma grande lapa, das muitas que existem nas cercanias de Pedro Leopoldo; em caminho começam a conversar.

Falavam a respeito de certos amigos e comentavam:

— Beltrano não serve.

— Fulano é muito esquisito.

— Sicrano é imprestável.

Quando as críticas iam inflamadas, o Espírito de Dona Maria João de Deus aparece ao Chico e aconselha:

Vocês não devem falar mal de ninguém. Todos necessitamos uns dos outros. Julgar pelas aparências é péssimo hábito. Sempre chega um momento na vida em que precisamos de amparo de criaturas que supomos desprezíveis.

O Médiun transmitiu ao irmão quanto ouvira e calaram-se ambos.

Chegaram à caverna e José, segurando Lorde por uma corda, desceu à frente.

Depois de longa busca, encontraram a erva medicinal.

Contudo, quando se voltavam para o retorno, perderam a noção do caminho sob as grandes abóbadas de pedra.

De vela acesa, procuraram debalde a saída.

Gritaram, mas receberam o eco da própria voz.

Quando a luz se mostrava quase extinta, recordaram-se da prece.

Oraram.

Dona Maria João de Deus apareceu ao Médiun e considerou:

— Temos agora a prática do ensinamento a que nos reportamos na estrada. Vocês podem saber muita coisa, mas agora precisam do cão. Soltem o Lorde e sigam-lhe os passos. Ele sabe o caminho da volta.

Assim fizeram. E acompanhando o animal, venceram o labirinto em alguns minutos.

Lá fora, à luz do dia, entreolharam-se surpresos, meditaram na lição recebida e renderam graças a Deus.

25

O INESPERADO BENFEITOR

A venda de José Felizardo, onde o Chico era empregado, vivia repleta. Entre os que a freqüentavam estava um homem rude, de nome Honorato, que era perito em provocar a antipatia dos outros.

Dizia palavrões.

Embriagava-se.

Por qualquer “dá cá uma palha” exhibia um punhal.

Chico também não simpatizava com ele.

E quando estava à beira de uma discussão desagradável com o pobre beberrão, lembrou-se da prece e calou-se.

Em plena oração, viu Dona Maria João de Deus, que o advertiu:

— Meu filho, evite contendas. Hoje esse homem pode ser antipático aos seus olhos. Amanhã, talvez poderá ser um benfeitor em nossas necessidades.

Meses passaram.

Num domingo, José e Chico Xavier foram, de manhãzinha, ao campo em busca de ervas medicinais para socorro a irmãos doentes.

Andaram muito à procura do velame, da carqueja e dos grelos de samambaia.

Quando se dispunham ao regresso, larga nuvem de neblina desceu sobre a região.

Por muito que se esforçassem não reencontraram o trilho de volta.

Por mais de duas horas erraram no mato agreste. Muito aflitos, oraram juntos, pedindo socorro.

Os amigos espirituais pareciam ausentes e o nevoeiro aumentava cada vez mais.

Continuaram andando, fatigados, quando viram uma casinha à pequena distância.

Bateram à porta e a porta abriu-se.

Uma voz alegre e acolhedora gritou lá de dentro:

— Oh! Chico, você aqui?

Era o Honorato, que os abraçou com satisfação, oferecendo-lhes alimento e guiando-os ao caminho de retorno.

Quando o benfeitor se despediu, deixando-os tranqüilos, a progenitora desencarnada apareceu ao médium e disse-lhe:

— Compreendeu, Chico?

E o Chico, impressionado, respondeu:

— Compreendi, sim. A senhora tem razão.

26 HISTÓRIA DE UM SONETO

Em 1931, desencarnara um amigo do Chico, em Pedro Leopoldo.
 Cavalheiro digno, católico muito distinto e pai de família exemplar.
 O Médiun acompanha o enterro.
 Na cidade, da igreja ao Cemitério, é longo o percurso.
 Um padre presente abeira-se do rapaz e pergunta:
 — Então, Chico, dizem que você anda recebendo mensagens do outro mundo...
 — É verdade, reverendo. Sinto que alguém me ocupa o braço e se serve de mim para escrever...
 — Tome cuidado. Lembre-se de que o Espírito das Trevas tem grande poder para o mal.
 — Entretanto, padre, os espíritos que se comunicam somente nos ensinam o bem.
 O sacerdote retirou um papel em branco da intimidade de um livro que sobraçava e convidou:
 — Bem, Chico, estamos no Cemitério, acompanhando um amigo morto... Tente alguma coisa.
 Vejamos se há aqui algum espírito desejando escrever.
 Chico recebe o papel e concentra-se.
 Em poucos instantes, sente o braço tomado pela força espiritual e psicograf a a poesia aqui transcrita:

ADEUS

O sino plange em terna suavidade,
 No ambiente balsâmico da igreja;
 Entre as naves, no altar, em tudo adeja
 O perfume dos goivos da saudade.

Geme a viuvez, lamenta-se a orfandade;
 E a alma que regressou do exílio beija
 A luz que resplandece, que viceja,
 Na catedral azul da imensidade...

“Adeus, Terra das minhas desventuras...
 Adeus, amados meus...” — diz nas alturas...
 A alma liberta, o azul do céu singrando...

— Adeus... — choram as rosas desfolhadas,
 — Adeus... — clamam as vozes desoladas
 De quem ficou no exílio soluçando...

Auta de Souza

Este soneto foi incorporado ao “Parnaso de Além-Túmulo”.

27 DISCIPLINA

Nos fins de 1931, Chico, à tardinha, orava sob uma árvore junto ao Açude, pitoresco local na saída de Pedro Leopoldo para o norte, quando viu, à pequena distância uma grande cruz luminosa.

Pouco a pouco, dentre os raios que formava, surgiu alguém.

Era um espírito simpático, envergando túnica semelhante à dos sacerdotes, que lhe dirigiu a palavra com carinho.

Não se sabe o que teriam conversado naquele crepúsculo, mas conta o Médiun que foi esse o seu primeiro encontro com Emmanuel, na vida presente. E acentua que em certo ponto do entendimento, o orientador espiritual perguntou-lhe:

— Está você realmente disposto a trabalhar na mediunidade com o Evangelho de Jesus?

— Sim, se os bons Espíritos não me abandonarem... — respondeu o Médiun.

— Não será você desamparado, — disse-lhe Emmanuel — mas para isso é preciso que você trabalhe, estude e se esforce no bem.

— E o senhor acha que eu estou em condições de aceitar o compromisso? — tomou o Chico.

— Perfeitamente, desde que você procure respeitar os três pontos básicos para o serviço.

Porque o protetor se calasse, o rapaz perguntou:

— Qual é o primeiro?

A resposta veio firme:

— Disciplina.

— E o segundo?

— Disciplina.

— E o terceiro?

— Disciplina.

O Espírito amigo despediu-se e o Médiun teve consciência de que para ele ia começar uma nova tarefa.

28

A INESQUECÍVEL PERGUNTA

O “Parnaso de Além Túmulo”, com carinhoso entusiasmo de Manoel Quintão, foi lançado em julho de 1932. E no mesmo mês, o padre Júlio Maria, de Manhumirim, em Minas, no seu jornal “O Lutador”, escreveu áspera crítica, condenando o livro e o Médiun.

Dentre outras coisas dizia que o Chico devia possuir uma pele de rinoceronte para caber tantos espíritos.

Os comentários irônicos e as acusações gratuitas eram tantos que o Médiun, inexperiente e muito jovem ainda, se sentiu demasiadamente chocado e foi constrangido a buscar o leito.

“Então, a luta era aquela? — pensava, com dor de cabeça. —Valia a pena ser médiun e ficar exposto, assim, ao juízo temerário dos outros? Seria justo agüentar aqueles xingatórios quando estava possuído das melhores intenções?”

Por mais de duas horas se via em semelhante contenda íntima, quando viu Emmanuel ao seu lado.

Contou ao Mentor o que se passava e supôs que o espírito amigo o acariciaria sem restrições.

Emmanuel, porém, de pé, com severa fisionomia, falou-lhe firme:

— Mas eu não vejo razão para solenizar este assunto..

— Entretanto, o senhor está vendo... O padre disse que eu tenho uma pele de rinoceronte... — clamou o Médiun.

— Se não tem, precisa ter, — disse-lhe o protetor — porque se você quiser cultivar uma pele muito frágil, cairá sempre com qualquer alfinetada e não nos seria possível a viagem da mediunidade nos caminhos do mundo...

— Contudo, temos o nosso brio, a nossa dignidade — acrescentou o Chico — e é difícil viver com o desrespeito público.

Foi então que Emmanuel o fitou com mais firmeza e exclamou:

— Escute. Se Jesus que era Jesus, saiu da Terra pelos braços da cruz, você é que está esperando uma carruagem para viver entre os homens?

Quando ouviu a pergunta, o Chico levantou-se de um pulo e começou a reajustar-se.

29 SOLIDÃO APARENTE

Em meados de 1932, o “Centro Espírita Luiz Gonzaga” estava reduzido a um quadro de cinco pessoas, José Hermínio Perácio, D. Carmen Pena Perácio, José Xavier, D. Geni Pena Xavier e o Chico.

Os doentes e obsidiados surgiram sempre, mas, logo depois das primeiras melhoras, desapareciam como por encanto.

Perácio e senhora, contudo, precisavam transferir-se para Belo Horizonte por impositivos da vida familiar.

O grupo ficou limitado a três companheiros.

D. Geni, porém, a esposa de José Xavier, adoeceu e a casa passou a contar apenas com os dois irmãos.

José, no entanto, era seleiro e, naquela ocasião, foi procurado por um credor que lhe vendia couros, credor esse que insistia em receber-lhe os serviços noturnos, numa oficina de arreios, em forma de pagamento.

Por isso, apesar de sua boa vontade, necessitava interromper a frequência ao grupo, pelo menos, por alguns meses.

Vendo-se sozinho, o Médiun também quis ausentar-se.

Mas, na primeira noite, em que se achou a sós no Centro, sem saber como agir, Emmanuel apareceu-lhe e disse:

— Você não pode afastar-se. Prossigamos em serviço.

— Continuar como? Não temos freqüentadores...

— E nós? — disse o espírito amigo. — Nós também precisamos ouvir o Evangelho para reduzir nossos erros. E, além de nós, temos aqui numerosos desencarnados que precisam de esclarecimento e consolo. Abra a reunião na hora regulamentar, estudemos juntos a lição do Senhor, e não encerre a sessão antes de duas horas de trabalho.

Foi assim que, por muitos meses, de 1932 a 1934, o Chico abria o pequeno salão do Centro e fazia a prece de abertura, às oito da noite em ponto.

Em seguida, abria o “Evangelho Segundo o Espiritismo”, ao acaso e lia essa ou aquela instrução, comentando-a em voz alta.

Por essa ocasião, a vidência nele alcançou maior lucidez.

Via e ouvia dezenas de almas desencarnadas e sofredoras que iam até o grupo, à procura de paz e refazimento.

Escutava-lhes as perguntas e dava-lhes respostas sob a inspiração direta de Emmanuel.

Para os outros, no entanto, orava, conversava e gesticulava sozinho...

E essas reuniões de um Médiun a sós com os desencarnados, no Centro, de portas iluminadas e abertas, se repetiam todas as noites de segundas e sextas-feiras.

30 A SEGURANÇA DO TRABALHO

Atendendo a instruções de Emmanuel, Chico iniciava os trabalhos no “Centro Espírita Luiz Gonzaga” às oito da noite, encerrando-os às dez horas, enquanto freqüentou sozinho a instituição.

Fazia a prece de abertura, orava e, depois, lia páginas de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec, comentando-as, em voz alta, para os desencarnados.

Pessoas da família indagavam sobre aquela resolução de “falar sozinho”, entretanto, o Médiun explicava:

— Há muitos espíritos freqüentando a casa. Chegam desconsolados e tristes e Emmanuel afirma que a obra de evangelização é necessária a todos nós. Não podemos parar...

Certa noite, uma senhora desencarnada em Pedro Leopoldo conversava com o Chico no salão do Centro, em que ele se achava aparentemente sozinho e o diálogo seguia, curioso:

— Tenhamos fé em Jesus, minha irmã.

— Não desespere. Com a paciência alcançaremos a paz.

— Sem calma, tudo piora.

— Com o tempo, a senhora, verá que tudo está certo como está.

A conversação prosseguia assim, quando uma das irmãs do Médiun, escutando-lhe a palavra, debruçada em janela próxima, perguntou-lhe em voz alta:

— Chico, quem está conversando com você?

— Dona Chiquinha de Paula.

— Que história é esta? Dona Chiquinha já morreu...

— Ah! você é que pensa... Ela está bem viva.

A irmã do rapaz, alvoroçada, comunicou aos familiares o que ocorria.

Chico devia estar maluco.

Era preciso medicá-lo, socorrê-lo.

Outras irmãs do Médiun, porém, apressaram-se a observar que ele trabalhava, corretamente, todos os dias.

Seria justo dar por louco um irmão que era amigo e útil?

Ficou então estabelecido em família que, enquanto o Chico estivesse firme no serviço, ninguém cogitaria de considerá-lo um alienado mental.

Desse modo, o Chico Xavier costuma dizer que o trabalho de cada dia, com a bênção de Deus, tem sido para ele a melhor segurança.

31 UMA DÍVIDA PAGA PELO ALTO...

José, o irmão de Chico, que fora por muito tempo seu orientador e dirigia as sessões do “LUIZ GONZAGA”, adoece gravemente, e, sob a surpresa de seus caros entes familiares, desencarna, deixando ao irmão o encargo de lhe amparar a família.

Dias depois, o Chico verifica que o José lhe deixara também uma dívida, pois esquecera de pagar a conta da luz, na importância de onze cruzeiros.

Isto era muito para o pobre Médiun, pois no fim de cada mês nada lhe sobrava do ordenado.

Pensativo, sentou-se à soleira da porta de sua casinha rústica e abençoada.

Emmanuel lhe diz:

— Não se apoquente, confie e espere.

Horas depois, alguém lhe bate à porta.

Vai ver.

Era um senhor da roça.

— O senhor é o seu Chico Xavier?

— Sim. Às suas ordens, meu irmão.

— Soube que seu irmão José morreu. E vim aqui pagar-lhe uma bainha de faca que ele me fez há tempos. E aqui está a importância combinada.

Chico agradeceu-lhe.

E ficando só, abriu o envelope. Dentro estavam onze cruzeiros. .. para pagar a luz.

Sorriu, descansado, livre de um peso.

E concluiu para nós: — “Que bela lição ganhei”.

E nós: — Também para os que sabem olhar para os lírios dos campos, que não temem o amanhã, porque sabem que ele pertence a Deus.

32**IN EXTREMIS... (PENSAVA QUE IA MORRER...)**

Em 1940, ficou gravemente enfermo.

O médico que lhe assistia fez o diagnóstico, prevendo um ataque de uremia.

Se a retenção perdurasse por mais 24 horas, teria o Chico um colapso e desencarnaria.

Assim lhe dissera o médico, colocando-o a par da realidade dolorosa.

O facultativo saiu e Chico notou que, do Alto, Bezerra de Menezes, André Luiz e Emmanuel providenciavam-lhe recursos, entremostrando-lhe que era grave seu estado.

Preparou-se, então, para morrer bem.

Pediu, em prece sentida, a Emmanuel, que o recebesse na Espiritualidade.

Seu amoroso Guia, sentindo-lhe a intenção, considerou:

— Não posso, Chico, auxiliá-lo no seu desencarne. Tenho muito que fazer.

Mas se você sentir que a hora chegou, recorra aos amigos do “LUIZ GONZAGA”. Você não é melhor que os outros.

E, com esse ensinamento, o médium recebeu uma bela lição.

33

PEDINDO ESMOLA PARA ENTERRAR O EX-PATRÃO

Chico levantara-se cedo e, ao sair, de charrete, para a Fazenda, encontra-se no caminho com o Flaviano, que lhe diz:

— Sabe quem morreu?

— Não!...

— O Juca, seu ex-patrão. Morreu na miséria, Chico, sem ter nem o que comer.

— Coitado! E Chico tira do bolso o lenço e enxuga os olhos.

— A que horas é o enterro?

— Creio que vão enterrá-lo a qualquer hora, como indigente, no caixão da Prefeitura, isto é, no rabeção...

Chico medita, emocionado, e pede:

— Flaviano, faça-me um favor: vá à casa onde ele desencarnou e peça para esperarem um pouco. Vou ver se lhe arranjo um caixão, mesmo barato.

Flaviano despede-se e parte.

Chico desce da charrete. Manda um recado para seu Chefe.

Recorda seu ex-patrão, figura humilde de bom servidor, que tanto bem lhe fizera. E ali mesmo, no caminho, envia uma prece a Jesus:

“Senhor, trata-se de meu ex-patrão, a quem tanto devo; que me socorreu nos momentos mais angustiosos; que me deu emprego com o qual socorri minha família; que tanto sofreu por minha causa.

Que eu lhe pague, em parte, a gratidão que lhe devo. Ajude-me, Senhor”.

E, tirando o chapéu da cabeça e virando-o de copa para baixo, à guisa de sacola, foi bater de porta em porta, pedindo uma esmola para comprar um caixão para enterrar o extinto amigo.

Daí a pouco, toda Pedro Leopoldo sabia do sucedido e estava perplexa, senão comovida com o ato do Chico.

Seu pai soube e veio ao seu encontro, tentando demovê-lo daquele peditório.

— Não, meu pai, não posso deixar de pagar tão grande dívida a quem tanto colaborou conosco.

Um pobre cego, muito conhecido em Pedro Leopoldo, é inteirado da nobre ação do Chico, a quem estima.

Esbarra com ele:

— Por que tanta pressa, Chico?

— Meu NEGÓ, estou pedindo esmolas para enterrar meu ex-patrão.

— Seu Juca? Já soube. Coitado, tão bom! Espere aí, então, Chico. Tenho aqui algum dinheiro que me deram de esmolas ontem e hoje.

E despejou no chapéu do Chico tudo o que havia arrecadado até ali...

Chico olhou-lhe os olhos mortos e sem luz. Viu-os cheios de lágrimas.

Comoveu-se mais.

— Obrigado, meu NEGÓ! Que Jesus lhe pague o sacrifício.

Comprou com o dinheiro esmolado o caixão.

Providenciou o enterro. Acompanhou-o até o cemitério.

E já tarde, regressou à casa.

Tinha vivido um grande dia.

Sentou-se à entrada da porta.

Lá dentro, os irmãos e o pai, observavam-no comovidos.

Em prece muda, agradeceu a Jesus.

Emmanuel lhe aparece e lhe sorri. O sorriso de seu bondoso Guia lhe diz tudo.

Chico o entende.

Ganhara o dia, pagara uma dívida e dera de si um testemunho de humildade, de gratidão e de amor ao Divino Mestre.

34

EM VISITA À FAZENDA DO PAI

Em 1946, adoece de novo, gravemente.

Gastara demais o corpo.

Achava-se esgotadíssimo, fraco, febril.

Os médicos, consultados, dão-no como tuberculoso.

E em certa manhã ensolarada, vendo-o sentado, muito triste, à porta da casa, Emmanuel, seu dedicado Guia, põe-lhe a mão no ombro e lhe diz:

— Chico, procure reagir, senão você falirá. Sua enfermidade é tanto do corpo como do espírito. Mas não desanime. Vai ficar bom, se Deus quiser.

E, depois de lhe dar uma bela aula sobre os males do desânimo, da tristeza e das mágoas recolhidas, ampliadas pelo nosso pessimismo, diz-lhe:

— Logo, ao dormir, lembre-se de mim. Vou levar seu espírito a um lugar muito lindo e onde será medicado.

De fato, ao dormir, Chico lembra-se do convite de Emmanuel, e, depois de orar, dorme antegozando o auspicioso passeio.

Em espírito, vê-se junto ao seu Guia. E, com ele, caminha por um vergel esmeraldado de trevos viçosos, floridos, como jamais vira na terra.

Ao fim, sentado num banco envolto em luz alaranjada, está um menino delicado, belo.

Emmanuel apresenta-o ao Chico. E sob a surpresa do Mèdium, o menino, com rara facilidade, como quem pega outra criança, segura-o e o põe ao colo.

Passa as mãos pequenas e luminosas sobre o corpo do Chico.

Afaga-o amorosamente, estreitando-o ao peito, e diz-lhe sorrindo:

— Pronto, está medicado.

Chico despede-se do lindo irmãozinho.

E já quase a chegar em casa e enclausurar-se, de novo, no corpo e acordar para a realidade da terra, Emmanuel, abraçando-o, afirma satisfeito:

— Chico, você recebeu hoje um remédio de que necessitava: uma Transfusão de Fluidos.

Vai acordar, amanhã, melhorado, sem cansaço, sem febre e mais forte, graças a Deus!

No dia seguinte, Chico acordou diferente.

Ressoava-lhe aos ouvidos o que ouvira.

O coração, agradecido ao Senhor guardava a grande Graça.

E sentia que tudo desaparecera: cansaço, tristeza, mágoa, medo, febre, tudo.

Sim, tudo, porque bem traduzia o que ganhara.

Agora teria de dar também tudo, como está dando, a bem da Grande Causa, que a todos nos irmana e iguala na Fazenda do Pai, que é Deus!

35 VÁ COM DEUS

Eram oito horas da manhã de um sábado de maio.
 Chico levantara-se apressado. Dormira demais.
 Trabalhara muito na véspera, psicografando uma obra erudita de Emmanuel.

Não esperara a charrete.
 Fora mesmo a pé para o escritório da Fazenda.
 Não andava, voava, tão velozmente caminhava.
 Ao passar defronte à casa de D. Alice, esta o chama:
 — Chico, estou esperando-o desde às seis horas. Desejo-lhe uma explicação.
 — Estou muito atrasado, D. Alice. Logo na hora do almoço, lhe atenderei.
 D. Alice fica triste e olha o irmão, que retomara os passos ligeiros a caminho do serviço.
 Um pouco adiante, Emmanuel lhe diz:
 — Volte, Chico, atende à irmã Alice. Gastará apenas cinco minutos, que não irão prejudicá-lo.
 Chico volta e atende.
 — Sabia que você voltava, conheço seu coração.
 E pede-lhe explicação como tomar determinado remédio homeopático que o caroável Dr. Bezerra de Menezes lhe receitara, por intermédio do abnegado Médiun.

Atendida, toda se alegra. E despedindo-se:
 — Obrigada, Chico. Deus lhe pague! Vá com Deus! Chico parte apressado. Quer recobrar os minutos perdidos.
 Quando andara uns cem metros, Emmanuel, sempre amoroso, lhe pede:
 — Pare um pouco e olhe para trás e veja o que está saindo dos lábios de D. Alice e caminhando para você.
 Chico para e olha: uma massa branca de fluidos luminosos sai da boca da irmã atendida e encaminha-se para ele e entra-lhe no corpo...
 — Viu, Chico, o resultado que obtemos quando somos serviçais, quando possibilitamos a alegria cristã aos nossos irmãos?
 E concluiu:
 — Imagine se, ao invés de VÁ COM DEUS, dissesse, magoada, “vá com o diabo”. Dos seus lábios estariam saindo coisas diferentes, como cinzas, ciscos, algo pior..
 E Chico, andando agora naturalmente, sem receio de perder o dia, sorri satisfeito com a lição recebida. entendendo em tudo e por tudo o SERVIÇO DO SENHOR, refletido nos menores gestos, com os nomes de Gentileza, Tolerância, Afabilidade, Doçura, Amor.

36

VOCÊ JÁ SERVIU DE PONTE, CHICO?

Bem ensina Emmanuel: — “A Natureza é sempre o celeiro abençoado de lições maternais.

Em seus círculos de serviço, coisa alguma permanece sem propósito, sem finalidade justa”.

Nela vemos o Ensino de tudo; qualquer elemento, qualquer coisa, o quadro de uma paisagem, a árvore, o rio, a fonte, o próprio estrume, tudo nos dá lições, quando vestidos com a virtude da humildade, sem visões estreitas, lemos o Livro de Deus.

Falávamos ao Chico sobre esses assuntos ao passarmos sobre uma ponte.

E ele lembrou Casimiro Cunha, em sua maravilhosa CARTILHA DA NATUREZA, que ele psicografou, dizendo:

“Ponte silenciosa,
No esforço fiel e ativo,
É um apelo à lei de amor,
Sempre novo, sempre vivo.”

“Vendo-a nobre e generosa,
Servindo sem altivez,
Convém saber se já fomos
Como a Ponte alguma vez”.

Lembrou-se também de haver Emmanuel lhe perguntado, um dia:

— Você já serviu de ponte alguma vez, Chico? E que ele silenciara.

Mas, dias depois, viajando com um sacerdote, de Pedro Leopoldo para Belo Horizonte, num ônibus, recordara da pergunta de seu querido Guia, e servira de Ponte.

Com uma hora de boa conversa, repartiu com o irmão e companheiro de viagem o que já havia ganho.

Sentiu que fora Ponte, para que o servo do Cristo, em tarefa testemunhal, ganhasse a outra margem do conhecimento novo com o Amigo Celeste e se sentisse maravilhado.

Quantas vezes podemos ser Pontes e deixamos passar a oportunidade...
Que a lição nos sirva.

Abençoada lição de Emmanuel e Casimiro Cunha!

37 O LADO DIREITO

Todas as coisas têm seu lado direito e esquerdo, como temos nossas mãos direita e esquerda.

Tudo quanto fazemos com a direita sai mais ou menos certo; com a esquerda, sai mais ou menos errado.

Pedro, apóstolo pescador de peixes e de almas, quando pescava no Lago Genesareth juntamente com outros pescadores, lançava a rede pelo lado esquerdo e não apanhava nenhum peixe.

Apareceu-lhe, então, Jesus e mandou que a lançasse, de novo, mas pelo lado direito, e a rede se rompeu de tanto peixe.

Na própria escolha dos premiados, que saem vitoriosos de suas provas, o Mestre os separa dos fracassados, passando os primeiros para a sua direita e os segundos para a esquerda.

O lado Direito é, pois, o da Justiça, do Bom Combate, do Bom Caminho, da Vereda Certa, da Vida Verdadeira, da Verdade mesma.

Assim conversávamos com o Chico, em caminho da Fazenda do M. da Agricultura, em Pedro Leopoldo, quando o Mèdium conclui:

— O lado direito é o lado de Deus.

— O esquerdo o de César.

O primeiro é o dos que vivem com Deus, cumprindo-lhe a Lei. O segundo é o dos que estão apenas vivendo para o mundo e desejando o muito sem Deus.

38 PRIMEIRAS GRAÇAS RECEBIDAS

Em 4 de novembro de 1944, data de nossa primeira visita ao Chico, ele, depois de repletar-nos com os Lindos Casos, levou-nos ao interior de sua singela casinha, a participar de uma Sessão em que recebemos Mensagens tocantes de Emmanuel e de nossa cunhada Wanda, uma delicada ave do céu, muito cedo chamada à Pátria Espiritual, e as duas Poesias abaixo, que nos arrancaram lágrimas de emoção, tanto nos falaram ao coração, visto que navegávamos num mar de prantos ou observávamos cardos brotando em nossos caminhos com pretensão de ferir-nos.

DE IRMÃO PARA IRMÃO

I

No caminho que a treva encheu de horrores,
Passa a turba infeliz, exausta e cega,
— É a humanidade que se desagrega
No apodrecido ergástulo das dores!

Ouvem-se gritos escarnecedores.
É Caim que, de novo, se renega,
Transborda o mar de pranto onde navega
A esperança dos seres sofredores!

E neste abismo de miséria e ruínas,
Que estenderás, amigo, as mãos divinas,
Como estrelas brilhando sobre as cruzes.

Vai, cirineu da luz que santifica,
Que o Senhor abençoa e multiplica
O pão da caridade que produz.

AUGUSTO DOS ANJOS

BILHETE A UM LUTADOR

II

Meu caro Ramiro Gama,
Os benfeitores do Além
Colaboram nas tarefas
De tua missão no bem.

Açoites surgem na estrada?
Jamais sofras, meu irmão!
O Senhor da Luz Divina
Ampara-te o coração.

Brotam cardos nos caminhos,
Com pretensões de ferir?

Tolera-os resignado
E espera o Sol do Porvir.

Há difíceis testemunhos?
Não temas perturbações,
Pois toda cruz é caminho
De santas renovações.

Ramiro, Deus te ilumine,
No esforço que te conduz
Da sombra espessa da Terra
A redenção com Jesus.

CASIMIRO CUNHA

39 A GARGALHADA DO RIO...

Passávamos os três sobre uma ponte. Nós, nossa esposa e o Chico.

Lá em baixo, um rio encachoeirado sorria e gargalhava.

Paramos para melhor sentir-Lhe a Mensagem.

Nossa companheira recorda-nos uma cena do livro “A CIDADE E AS SERRAS”, de Eça de Queiroz, em que Jacinto, o principal personagem, cansado da vida barulhenta das cidades, muda-se para a roça, a fim de gozar o silêncio das serras e medicar-se com o ar puro dos ambientes campestres.

Lá, na sua propriedade, providencia uma série de medidas higiênicas favoráveis a seus empregados.

Coloca banheiras nas casas dos roceiros, esta a primeira providência, por achar que a falta de banho concorria para multiplicar as enfermidades.

Seu companheiro de jornada ri-se desta preocupação. E, ambos, ao passarem sobre uma ponte, debaixo da qual corre um rio marulhante, reparam que ali passam muitos de seus assalariados com as vestes sujas e a pele encardida por falta de banhos..

— Veja, Jacinto, exclama o companheiro, vivem sujos porque querem.

Não parece que o rio está dando gargalhadas?...

E Chico concluindo a cena que a companheira memorara:

— Tem razão. O rio está, até hoje, dando gargalhadas, rindo-se ao ver-se com tanta água e apelando para nós, a fim de que não venhamos a mergulhar na sujeira de nosso próprio pretérito.

40 A MORTE DO CÃO LORDE

José e Chico Xavier possuíam um lindo cão. Chamava-se Lorde. Era diferente de outros cães. Possuía até dons mediúnicos.

Conhecia, nas pessoas que visitavam seus donos, quais os bem intencionados, quais os curiosos e aproveitadores.

Dava logo sinal, latindo insistentemente ou mudamente balançando a cauda, à chegada de alguém, dizendo nesse sinal se a visita vinha para o bem ou para o mal... Chico conta-nos casos lindos sobre seu saudoso cão. Depois, tristemente, acrescenta:

— Senti-lhe, sobremodo, a morte. Fêz-me grande falta. Era meu inseparável companheiro de oração. Toda manhã e à noite, em determinada hora, dirigia-me para o quarto para orar. Lorde chegava logo em seguida.

Punha as mãos sobre a cama, abaixava a cabeça e ficava assim em atitude de recolhimento, orando comigo.

Quando eu acabava, ele também acabava e ia deitar-se a um canto do quarto.

Em minhas preces mais sentidas, Lorde levantava a cabeça e enviava-me seus olhares meigos, compreensivos, às vezes cheios de lágrimas, como a dizer que me conhecia o íntimo, ligando-se a meu coração.

Desencarnou. Enterrei-o no quintal lá de casa.

Lembramos ao Chico o Sultão, inteligente cão do Padre Germano. Igual ao Lorde.

Falamos-lhe de um cão que possuímos e se chamava Sultão, em homenagem ao padre Germano.

Contou-nos casos do Lorde; contamos-lhe outros do Sultão.

E, em pouco, estávamos emocionados.

Ah! sim, os animais também têm alma e valem pelos melhores amigos!

41 ORGULHO OU DISTRAÇÃO...

Defronte ao Hotel Diniz, de propriedade de D. Naná, achava-se um irmão alcoolizado.

Por ali, de manhã e na hora do almoço, passa o Médiun a caminho do seu serviço.

O Chico, de longe, notou que o rapaz estava num de seus piores dias. Não se contentava em cantar e fazer osgares: provocava também, apelidando, com jocosos nomes, quantos lhe passavam à frente. De leve e bem ao longe, passou sem ser visto, pelo irmão embriagado, e já se achava distante, quando Emmanuel, delicadamente, lhe diz:

— Chico, nosso amigo viu-o passar e esconder-se dele. Está falando muito mal de você e admirado de seu gesto. Volte e retifique sua ação.

O Chico voltou:

— Como vai, meu irmão? Desculpe-me por não o ter visto, foi distração...

— E... já estava admirado de você fazer isto, Chico. Que os outros façam pouco caso de mim, não me incomode, mas você não. Estava dizendo bem alto: como o Chico está orgulhoso! Já nem se lembra dos pobres irmãos como eu. Pensa que estou embriagado e foge de mim como se eu tivesse moléstia contagiosa.

— Não, meu caro; foi apenas distração, desculpe-me.

— Pensava que era orgulho. Está desculpado. Vá com Deus. Que Deus ajude e lhe dê um dia feliz, pelo abraço consolador que você me deu.

E Chico partiu.

Ganhara uma lição e dava, aos que o observavam, outra bem mais expressiva.

42

QUEM DERA QUE VOCÊ FOSSE O CHICO...

Numa livraria de Belo Horizonte, servia um irmão que, pelo hábito de ouvir constantes elogios ao Chico Xavier, tomou-se de admiração pelo Médiun.

Leu, pois, com interesse, todos os livros de Emmanuel, André Luiz, Néio Lúcio, Irmão 10º e desejou, insistentemente, conhecer o psicógrafo de Pedro Leopoldo.

E aos fregueses pedia, de quando em quando:

— Façam-me o grande favor de me apresentar o Chico, logo aqui apareça.

Numa tarde, quando o Aloísio, pois assim se chamava o empregado, reiterava a alguém o pedido, o Chico entra na Livraria.

Todos os presentes, menos o Aloísio, se surpreendem e se alegram. Abraçam o Médiun, indagam-lhe as novidades recebidas. E depois, um deles se dirige ao Aloísio:

— Você não desejava ansiosamente conhecer o nosso Chico?

— Sim, ando atrás desse momento de felicidade...

— Pois aqui o tem.

Aloísio o examina; vê-o tão sobriamente vestido, tão simples, tão decepcionante. E correspondendo ao abraço do admirado psicógrafo, com ar de quem falava uma verdade e não era nenhum tolo, para acreditar em tamanho absurdo:

— Quem dera que você fosse o Chico, quem dera!...

E Chico, compreendendo, que Aloísio não pudera acreditar que fosse ele o Chico pela maneira como se apresentava, responde-lhe, candidamente:

— É mesmo, quem me dera... E, despedindo-se, partiu com simplicidade e bonomia, deixando no ambiente uma lição, uma grande lição, que ia depois ser melhormente traduzida por todos, e, muito especialmente, pelo Aloísio...

43

A CRUZ DE OURO E A CRUZ DE PALHA

Alguns membros da Juventude Espírita do Distrito Federal e de Belo Horizonte visitavam o Chico.

Antes de começar a Sessão do LUIZ GONZAGA, palestravam animadamente sobre assunto de Doutrina e a tarefa destinada aos moços espíritas.

Uma jovem inteligente, desejando orientação e estímulo, colocou o Chico a par das dificuldades encontradas para vencerem o pessimismo de uns, a quietude e a incompreensão de muitos.

Poucos queriam trabalho sacrificial, testemunhador do Roteiro evangélico, que estava a exigir dos jovens uma vida limpa, correta, vestida de abnegação e renúncia.

Desejavam colher sem semear.

O Chico ouviu e considerou:

— O trabalho das Juventudes, com Jesus, tem que ser mesmo diferente. Sua missão será muito difícil e por isso gloriosa. E recebe de Emmanuel esta elucidação envolvida na roupagem pobre de nosso pensamento:

— Há a cruz de ouro e a cruz de palha, simbolizando nossas Tarefas.

A de ouro, a mais procurada, pertence aos que querem brilhar, ver seus nomes nos jornais, citados, apontados, elogiados, como beneméritos.

Querem simpatia e bom conceito. Se tomam parte em alguma Instituição, desejam, nela, os lugares de mando e de evidência. Querem cargos e não encargos.

A de palha, a menos procurada, no entanto, pertence aos que trabalham como as abelhas, escondidamente e em silêncio.

Lutam e caminham, com humildade, na certeza de que por muito que façam, mais poderiam fazer. Não se ensoberbecem dos triunfos, antes se estimulam e se defendem com oração e vigilância, sentindo a responsabilidade que assumiram como chamados, por Jesus, à Tarefa Diferente.

Entendem a serventia das mãos e dos pés, dos olhos e da mente, do coração, enfim, colocando amor e humildade em seus atos, nos serviços que realizam.

Por carregarem a cruz de palha, toleram o vômito de um, o insulto de mais outro, a incompreensão de muitos, testemunhando a caridade desconhecida, oferecendo, com o sofrimento e a renúncia, com o silêncio e o bom exemplo, remédios salvadores aos companheiros que os adversam, os ferem e desconhecem a vitória da “segunda milha”.

Os jovens presentes estavam satisfeitos. De seus olhos, órgãos musicais da alma, saíam notas gratulatórias exornando o ambiente feliz que viviam.

De mais não precisavam.

Entenderam o Trabalho que lhes cabia realizar nas Terras do Brasil, o Coração do Mundo e a Pátria do Evangelho.

Linda lição com vista também aos velhos, a todos que conseguem ouvir Jesus na hora em que poucos O ouvem.

44

VIAJANDO COM UM IRMÃO SACERDOTE

Sentado no ônibus que o levaria a Belo Horizonte, Chico notou que seu companheiro de banco era um Irmão Sacerdote.

Cumprimentou-o e entregou-se à leitura de um bom livro.

O Sacerdote, também, correspondeu-lhe o cumprimento, abriu um livro sagrado e ficara a lê-lo.

Em meio à viagem, passou o ônibus perto de um lugarejo embandeirado, que comemorava o dia de S. Pedro e S. Paulo.

O Sacerdote observou aquilo e, depois, virando-se para o Chico comentou:

— Vejo esta festividade em honra de dois grandes Santos, e neste livro, leio a história de S. Paulo, cujo autor lhe dá proeminência sobre S. Pedro. Não se pode concordar com isto. S. Paulo é o Príncipe dos Apóstolos, aquele que recebeu de Jesus as chaves da Igreja.

O Chico, delicadamente, deu sua opinião, e o fez de forma tão simples, revelando grande cultura, que o Sacerdote, que não sabia com quem dialogava, surpreendeu-se e lhe perguntou.

— O Senhor é formado em Teologia, ou possui algum curso superior?

— Não. Apenas cursei até o quarto ano da instrução primária...

— Mas como sabe tanta coisa da vida dos santos, principalmente de S. Paulo, de S. Estevão, de S. Pedro, e de outros, realçando-lhes fatos que ignoro?.

— Sou médium...

— Então, o senhor é o Chico Xavier, de Pedro Leopoldo?

— Sim, para o servir.

— Então, permita-me que lhe escreva e prometa-me responder minhas cartas, pois tenho muita coisa para lhe perguntar. Faça-me este favor. Afinal, verifico que Deus nos pertence.

— Pode escrever; de bom grado responder-lhe-ei. Assim trabalharemos não apenas para que Deus nos pertença, mas para que pertençamos também a Deus, como nos ensina o nosso benfeitor Emmanuel.

E, até hoje, Chico recebe cartas de Irmãos de todas as crenças, particularmente de Sacerdotes bem intencionados, como o irmão com quem viajou e de quem se tornou amigo.

E, tanto quanto lhe permite o tempo, lhes responde e nas respostas vai distribuindo o Pão Espiritual a todos os famintos, ovelhas do grande redil, em busca do amoroso e Divino Pastor, que é Jesus.

45

“NOSSOS CARICATURISTAS...”

Em casa de Dona Naná, proprietária do Hotel Diniz, o Chico chegou para consolá-la, em virtude de estar passando por provas dolorosas e para lhe dar o resultado auspicioso de uma Sessão que fizera na qual recebera um expressivo esclarecimento para aquela irmã.

O Chico, orientado pelos seus Amigos de mais Alto, à frente seu abnegado Guia, ajuda e passa, ampara em silêncio, colabora com todos, sem ferir, sem magoar.

Deixando com a cara irmã, mãe extremosa e leal servidora do Cristo, uma réstia de luz, uma palavra de bom ânimo, partiu conosco para a Fazenda.

No caminho, revelou-nos suas observações, suas inquietações pela hora que vivemos.

Na sessão feita, a benefício de irmãos desencarnados, aparecem-lhe espíritos turbulentos, insensíveis aos sofrimentos alheios e que, formando legiões, agem aqui e ali, neste e naquele lar, agravando-lhes as provas.

Precisamos orar por eles, — diz-nos o Chico — e, se possível, amá-los com sinceridade.

Quando em contacto conosco, precisamos auxiliá-los, oferecendo-lhes nossa ajuda. Não sabem o que fazem. Moços, na flor da idade, instrumentais mediúnicos incontroláveis, sem convicções sinceras em matéria de fé, vivem por aí, presos aos seus interesses, atarantados, atristando os corações maternos, tornando-se vítimas fáceis daqueles espíritos.

Lembramos ao Chico o caso dos “Caricaturistas”, retratados nesses espíritos, que nos experimentam e são como que nossos caricaturistas, pois que aumentam os nossos defeitos de forma tal, que, quando com e por eles falimos, ficamos de tal forma derrotados, sentindo nossos defeitos, que nos propomos a corrigir-nos incontinentemente...

Chico sorriu e objetou-nos:

— Mas precisamos amar a esses caricaturistas, desejar-lhes todo o bem possível para neutralizar-lhes todo o mal e os encaminharmos ao bem. Um favor que fazemos a um seu parente encarnado constitui já um motivo para lhes fazer parar os golpes contra nós e despertar-lhes um pouco de carinho em nosso benefício.

Ajudemo-los com as nossas orações. Auxiliemo-los com nossos pensamentos de amor.

Ensinemo-los com nossas boas ações e Jesus finalizará o nosso começo.

46 MOIRÕES JUNTOS...

Alguns confrades do Estado de S. Paulo visitaram o Chico e, por alguns dias, gozaram de sua convivência amável e instrutiva.

Um deles mais entusiasmado com os fenômenos a que assistira, admirando a vida simples dos habitantes de Pedro Leopoldo, em nome dos companheiros, disse ao Chico:

— Vamos voltar para S. Paulo, vender tudo que temos e, depois, com nossas famílias, viver definitivamente nesta bela cidade, em sua companhia. Assim, acabaremos felizes os nossos dias e poderemos ser mais úteis ao próximo e desenvolver nossos dons mediúnicos..

O Chico ouviu-o com atenção e, amorosamente, lembrou-lhe:

— Talvez não dê certo, caro irmão. O melhor é ficarem onde estão. Depois... Emmanuel está dizendo-me ao ouvido que muitos moirões juntos não fazem boa cerca...

E os moirões voltaram para S. Paulo e foram segurar suas cercas que sentiam suas ausências.

47 UM RELÓGIO AO DOENTE

Um confrade presenteou o Chico com um belo relógio de pulso. Aceitou-o, porque o confrade insistiu muito, Andou vários dias com ele, admirando-lhe a pontualidade. Mas um dia, a caminho do serviço, lembrou-se de saber, rapidamente, como ia Dona Glória, a quem na véspera dera um passe e para quem Bezerra receitara uns remédios homeopáticos.

— Então, está melhor, Dona Glória. Tomou pontualmente os remédios?

— Um pouco melhor, Chico. Só não tenho tomado os remédios com pontualidade, porque, como você sabe, sou pobre e ainda não pude comprar um relógio...

— Por isto não.

E tirando do pulso o relógio que ganhara, disse-lhe sem mais delongas:

— Fique com este como lembrança.

E deixando a irmã surpresa e emocionada, o Médiu partiu, dizendo-lhe na costumeira despedida:

— Fique com Deus! Deus a proteja!

Como a senhora está precisando de relógio, este deve ser seu.

48

OBRIGADO, CHICO...

Estava o Chico parado defronte do correio, conversando com seu irmão André, quando um guarda policial passa-lhe por perto e, colocando o braço direito sobre seu ombro, lhe diz:

— Muito obrigado, Chico!

E foi andando.

O Chico ficou intrigado com aquele agradecimento. Não podia atinar com sua causa.

À tarde, ao regressar do serviço, viu defronte a um bar um bloco de trabalhadores da fábrica e, no meio deles, o guarda que o abraçara pela manhã.

Passou mais por perto e observou que o guarda tentava despartar uma briga entre dois irmãos que se malquistaram por coisas de somenos.

O guarda, vendo inúteis seus esforços e porque a discussão já se generalizava envolvendo todo o bloco, tirou da cintura o revólver e ia usá-lo para impor sua autoridade.

O Chico mais que depressa chegou-lhe perto e pediu-lhe:

— Calma, meu irmão.

O guarda voltou-se contrariado, mas reconhecendo o Chico, como que envergonhado do seu ato, exclamou:

— Muito obrigado, Chico!

Controlou-se, usou da palavra, aconselhou e o bloco foi desfeito com o arrefecimento dos ânimos...

À noite, indo o Chico para o LUIZ GONZAGA, encontrou-se com o guarda:

— Chico, ia procurá-lo e agradecer-lhe, muito de coração, o bem que você me fez, por duas vezes.

— Por duas vezes? Como?

— Ante-ontem sonhei com você, que me dizia: — “Cuidado, não saia de casa carregando arma à cintura como sempre o faz. Evite isto por uns dias. .

Por isto é que lhe disse, hoje, pela manhã: “Obrigado, Chíco!” Referia-me ao sonho, ao seu aviso. Mas esqueci-me de atendê-lo, pois saí armado e, se não fosse o concurso de nossos amigos espirituais na hora justa teria feito hoje uma grande asneira, poderia até ter matado alguém... Mas a lição ficou, Chico.

— Muito obrigado, Deus nos ajude sempre!...

49 PALAVRAS AOS ENFERMOS

Os doentes eram tantos em Pedro Leopoldo, noite a noite, que o Espírito de Néio Lúcio, compadecendo-se dos sofredores, endereçou-lhes a Mensagem que transcrevemos abaixo:

“Palavras aos Enfermos”

Toda enfermidade do corpo é processo educativo para a alma. Receber, porém, a visita benéfica entre manifestações de revolta é o mesmo que recusar as vantagens da lição, rasgando o livro que no-la transmite.

A dor física, pacientemente suportada, é golpe de buril divino, realizando o aperfeiçoamento espiritual.

Tenho encontrado companheiros a irradiarem sublime luz do peito, como se guardassem lâmpadas acesas dentro do tórax. Em maior parte, são irmãos que aceitaram, com serenidade, as dores longas que a Providência lhes endereçou, a benefício deles mesmos.

Em compensação, tenho sido defrontado por grande número de ex-tuberculosos e ex-leprosos, em lamentável posição de desequilíbrio, afundados muitos deles em charcos de treva, porque a moléstia lhes constituiu tão somente motivo à insubmissão.

O doente desesperado é sempre digno de piedade, porque não existe sofrimento sem finalidade de purificação e elevação.

A enfermidade ligeira é aviso.

A queda violenta das forças é advertência.

A doença prolongada é sempre renovação de caminho para o bem.

A moléstia incurável no corpo é reajustamento da alma eterna.

Todos os padecimentos da carne se convertem, com o tempo, em claridade interior, quando o enfermo sabe manter a paciência, aceitando o trabalho regenerativo por bênção da Infinita Bondade.

Quem sustenta a calma e a fé, nos dias de aflição, encontrará a paz com brevidade e segurança, porque a dor, em todas as ocasiões, é a serva bendita de Deus, que nos procura, em nome dele a fim de levar a efeito, dentro de nós, o serviço da perfeição que ainda não sabemos realizar.

NEIO LÚCIO

Creemos que a leitura desta página nos oferece confortadores pensamentos de paz, consolação, disciplina e esperança.

50

SONHANDO COM UM LAR

O Chico é muito estimado por todos em Pedro Leopoldo. Todos lhe querem bem, homens, mulheres e crianças.

Um grupo de senhoras comentava a solteirice do Chico, quando ele passava. E uma delas:

— Falávamos coisas boas de você, Chico. Que você deveria casar-se, ter uma companheira, um lar seu, viver assim diretamente para alguém...

— Agradeço-lhes muito, mas, minhas irmãs, cada um tem a missão que pediu.

Abraçou-as satisfeito e partiu.

E foi pensando no que lhe disseram as caras irmãs.

À noite, a sós, no seu quarto, veio-lhe à lembrança, de novo, aquele assunto de casamento.

Entrando em colóquio com a sua consciência, entendeu que era de fato, muito infeliz. -

Escreveu uma carta ao seu grande amigo Manoel Quintão e nela exteriorizou seu estado de alma combalido.

Era ele, terminava, como uma árvore seca, de galhos mirrados, sem ninhos, sem flores, sem frutos.

E dormiu.

Sonhara um lindo sonho. Alguém, com quem conversava, certamente inspirado pelo seu querido Guia, explicava-lhe:

— Chico, você sabe bem entender a lição do perfume no vaso. Enquanto aí está, apenas beneficia o vidro que o prende. Fora do vidro, perfuma a tudo e a todos. Você, Chico, procure viver não apenas para uma pessoa, mas sim para muitos. E na Tarefa, com Jesus, você não se pertencerá porque estará a serviço dele. Lembre-se de que o perfume do Evangelho pertence a todos. E Chico acordou mais alegre.

Ficou satisfeito com a sua tarefa; apenas não pode acreditar que seja perfume...

Mas sua irmã Geralda, a quem conhecêramos em Belo Horizonte, justificando os elogios que lhe fazíamos do irmão, dizia-nos:

— Não, ele não é nosso irmão apenas. Foi, tem sido e é: — a nossa Mãe.

51 INDISPENSÁVEL

O Chico recebera um convite reiterado para assistir a uma solenidade que um Centro Espírita de determinado lugar, um pouco distante de Belo Horizonte, realizaria.

A carta-convite, assinada pelos diretores do Centro, contendo encômios à pessoa do médium, dizia que sua presença era indispensável...

O Chico pensou muito naquele adjetivo, sentiu a preocupação dos irmãos distantes, ansiosos pela sua presença.

Certamente iria realizar uma grande missão. E não relutou mais.

Junto ao seu bondoso chefe, justificou sua ausência por dois dias, comprou passagem na Central do Brasil e partiu.

No meio da viagem, quando já sonhava com a chegada, antes-sentindo a alegria dos irmãos, Emmanuel lhe aparece e diz:

— Então, você se julga **INDISPENSÁVEL** e, por isto, rompeu todos os obstáculos e viaja assim como quem, por isto mesmo, vai realizar uma importante Tarefa... Já refletiu, Chico, que o serviço do ganha-pão é indispensável a você? Pense bem...

O Chico pensou... E, na próxima estação, desceu do trem e tomou outro de volta...

A lição foi compreendida.

Seus irmãos de mais longe, com seu não comparecimento, compreenderam-na também...

52

NÃO DESEJO DAR COICES

Alguém aconselhou ao Chico sair por uns tempos de Pedro Leopoldo para descansar, arejar as idéias e gozar um pouco a vida.

Esta foi a sua resposta, que vale também por uma lição:

— Não posso sair daqui. Neste abençoado lugar, vivi como um burro bem vigiado e por isso meus coices são bem controlados...

Mas, se sair, vou dar coices a torto e a direito...

Não. Deixem o burro preso e feliz onde está...

53

CONVERSA OU TRABALHO

Numa singela sala residencial, em Pedro Leopoldo, a conversação ia animada.

Muitos assuntos.

Muitas referências.

A palestra começara às cinco da tarde e o relógio anunciava onze da noite.

Chico ia começar uma variação de tema, quando viu Emmanuel a chamá-lo para o interior doméstico.

O Médiun pediu licença e foi atender.

— Você sabe que hoje temos a tarefa do livro em recepção e já estamos atrasados... — falou o amigo espiritual.

— É verdade, — concordou o Chico — entretanto, tenho visitas e estamos conversando.

— Sem dúvida — considerou o Guia — compreendemos a oportunidade de uma a duas horas de entendimento fraterno para atender aos irmãos sem objetivo, porque, às vezes, através da banalidade, podemos algo fazer na sementeira de luz... Mas não entendo, seis horas a fio de conversação sem proveito.

O Médiun nada respondeu.

Indeciso, deixara correr os minutos, quando Emmanuel lhe disse:

— Bem, eu não disponho de mais tempo. Você decide. Converse ou trabalhe.

Chico não mais vacilou.

Deixou a palestra que prosseguia, cada vez mais acesa na sala e confiou-se à tarefa que o aguardava com a assistência generosa do benfeitor espiritual.

54

AVISO OPORTUNO

Um grupo de irmãos, reunidos em estudos doutrinários, solicitou de Emmanuel um conselho sobre o melhor modo de evitar a conversação viciosa e inútil.

E o Amigo espiritual respondeu por intermédio do Chico:

— Vocês observem qual é o rendimento espiritual da palestra. Quando tiverem gasto 40 a 60 minutos de palavras em assuntos que não digam respeito à nossa própria edificação espiritual, através de nossa melhoria pelo estudo ou de nossa regeneração pessoal com Jesus, façam silêncio, procurando algum serviço, porque, pela conversação impensada, a sombra interfere em nosso prejuízo, arrojando-nos facilmente à calúnia e à maledicência.

Estendemos aos nossos leitores este aviso oportuno.

55

AS APARÊNCIAS ENGANAM

Alguns companheiros conversavam furiosamente, em Pedro Leopoldo, sobre certo político.

A coisa devia ser assim.

Devia ser de certo modo.

O homem era a perversidade em pessoa.

Prometera isso e fizera aquilo.

Um dos irmãos dirigiu-se ao Mèdium e perguntou:

— Que diz você, Chico? Temos alguma referência dos Amigos Espirituais sobre o caso?

O interpelado pretendia responder, mas no justo momento, em que ia emitir a sua opinião, ouviu a voz de Emmanuel sussurrar-lhe, segura, aos ouvidos:

— Cale a sua boca. Você nada tem a ver com isso.

O Mèdium ruborizou-se e o grupo, em torno, verificou que o Chico não conseguia responder, apesar do desejo de externar-se.

Alguém ponderou que ele deveria estar mal e rodearam-no, em oração, dando-lhe passes.

A reunião dispersou-se.

Não foram poucos os que, estranhando o caso, afirmaram em surdina que o Chico parecia francamente um pobre obsidiado.

Mas o fato é que a sombra da maledicência não lhe penetrou o espírito e nem lhe prejudicou, por isto, o clima de elevação, fruto de jejum e oração, em que deve viver, em que vive.

Caso digno de ser seguido por todos que zelam pela vitória de seu dia, policiando o que lhes sai dos lábios...

56

SÁBIA RESPOSTA

Há tempos, Chico passou a freqüentar certa casa de pessoas amigas, mais que de costume.

E essa casa, que se rodeava de muitos observadores, não era vista com bons olhos.

— Chico não devia entrar ali — diziam uns.

— Aquela gente é perigosa — clamavam outros.

A coisa ia nesse ponto, quando um irmão lembrou ao Chico a inconveniência a que se expunha.

O Médiun, muito preocupado, em prece, expôs a Emmanuel o que se passava e perguntou-lhe:

— O senhor acha então que não devo entrar lá?

E o protetor, sorrindo, deu-lhe esta sábia resposta:

— Você pode entrar lá quando quiser. Somente desejo saber se você pode sair.

57

O LAVRADOR E A ENXADA

Chico Xavier, ainda hoje e há mais de vinte anos, é empregado na Fazenda de Criação do Ministério da Agricultura, em Pedro Leopoldo.

Certa manhã, caminhava para o trabalho, atravessando largo trecho de campo no rumo do escritório, meditando sobre os trabalhos mediúnicos a que se confiava.

As exigências eram sempre muitas.

Como agir para equilibrar-se na tarefa?

Surgiam doentes, pedindo socorro...

Aflitos rogavam consolação.

Curiosos reclamavam esclarecimentos...

Ateus insistiam pela obtenção de fé.

Os problemas eram tantos!

Quando curvava a cabeça, desanimado, aparece-lhe Emmanuel e aponta-lhe um quadro a pequena distância.

Era um lavrador ativo, manejando uma enxada ao sol nascente.

— Reparou? — disse ele ao Médiun — guiada pelo cultivador, a enxada apenas procura servir.

Não pergunta se o terreno é seco ou pantanoso, se vai tocar o lodo ou ferir-se entre as pedras... Não indaga, se vai cooperar em sementeira de flores, batatas, milho ou feijão... Obedece ao lavrador e ajuda sempre.

Logo, após, fez uma pausa, e considerou:

— Nós somos a enxada nas mãos de Jesus, o Divino Semeador.

Aprendamos a servir sem indagar.

Chico, tocado pelo ensinamento, experimentou iluminada renovação interior, e disse:

— É verdade! o desânimo é um veneno...

— Sim, — concluiu o orientador — a enxada que foge à glória do trabalho, cai na tragédia da ferrugem. Essa é a Lei.

O benfeitor despediu-se e o Médiun abraçou o trabalho, naquele dia, de coração feliz e a alma nova.

58 O CHICO NA OPINIÃO DE UMA CRIANÇA

Eni, a inteligente filha do distinto casal Jaime Rolemberg e Elza Lima, enviou ao Chico seu “álbum”, em forma de um trevo de quatro folhas, para que o querido Médiun lhe colocasse nas páginas um pensamento. E o Chico atendeu-lhe, escrevendo:

“Eni, minha bondosa irmã, quando seu afetivo coração estiver em prece não se esqueça de mim, seu irmão, que pede a Jesus por sua felicidade perfeita hoje e sempre. Pedro Leopoldo, 14/6/1954, Chico”.

E Eni, quando leu isto, com lágrimas doces e luminosas nos olhos, exclamou espontaneamente.

— O Chico é uma maravilha!

E é mesmo, dizemos nós, pois o pensamento acima reflete-lhe a alma cândida e maravilhosa.

E por sentir-lhe a felicidade da expressão escrevendo-lhe ao “álbum”:

EM, que muito promete
Na Doutrina de Jesus,
Que os Céus concedam a luz
Ao teu Roteiro cristão.
Que no teu Lar sempre sejas
Elemento de valor,
A realidade do Amor
No Templo do coração.

59

OLHANDO AS PESSOAS, LEIO SEUS NOMES

Visitamos o simpático casal Lauro e Dayse Pastor Almeida.

Ambos admiram o Chico com bastante sinceridade. Sabem alguns casos lindos do Médiun, e, por isto, fomos visitá-los.

Dona Dayse conta-nos o que lhes sucedeu ao verem o Chico pela primeira vez, quando visitavam Belo Horizonte:

— Tínhamos uma vontade imensa de conhecê-lo. Mas achamos isto tão impossível que nada tentamos para ir a Pedro Leopoldo. Mas, uma noite, às vésperas de regressarmos ao Rio, quando Lauro Pastor acabara sua conferência, finalizando a Semana do Livro Espírita, é que vimos o grande Médiun sentado junto aos que compunham a mesa da magnânima sessão. Quando tudo terminou, espontaneamente, vem ao nosso encontro o Chico, numa atitude tão simples e tão fraterna, como se nos conhecesse há anos. Olha para mim e pronuncia meu nome: D. Dayse.

Delicadamente corrijo-lhe a pronúncia, verificando que nada sabe de inglês. E ele, natural e humildemente, justifica-se:

— É que estou lendo seu nome como ele é escrito.

Mais tarde, verificamos que, de fato, olhando às pessoas, lê seus nomes..

Na sessão do “LUIZ GONZAGA” chegam irmãos que passaram anos sem vê-lo e ele, Chico, lhes pronuncia os nomes, particulariza casos, como aconteceu com o Cadete Uliséia, a quem só viu uma vez. Decorridos três anos, quando o viu entre muitos, citou-lhe o nome, o que surpreendeu e encantou o jovem militar espírita. Agradecidos ao querido casal pela dádiva que nos deu, escrevemos-lhe no “álbum”, à saída:

Com Jesus e por Jesus
Entramos na sua casa,
Sentindo que nos abrasa
Sua Paz interior.

Ave, Cristo, bendizemos.
Dizendo de coração:
Que vivam nesta Oração
A Tarefa do Senhor.

60

UMA “PERGUNTA” DA TERRA E UMA “RESPOSTA” DO CÉU...

O nosso caro irmão Flávio de Souza Pereira andava apreensivo com relação às visitas que fazia aos irmãos enfermos, portadores de moléstias contagiosas, como a lepra e a tuberculose, visto que vivia sempre recebendo de parentes e amigos menos crentes constantes advertências:

— Olhe lá, cuidado senão você acabará também com a moléstia.

Indo a Pedro Leopoldo, não se conteve e, na Sessão a que assistira, com sincera atitude de crente, fez a pergunta:

“— Diante da necessidade de assistência direta a um irmão nosso em humanidade, portador de uma moléstia contagiosa como a tuberculose, a lepra, etc., como devemos proceder?”

E Chico recebeu do caroável Bezerra de Menezes a seguinte e expressiva resposta:

“— Cremos que a higiene não deve funcionar em vão, por isso, mesmo não vemos qualquer motivo de ausência do nosso esforço fraterno, quanto aos nossos irmãos enfermos, a pretexto de preservarmos a nossa saúde, de vez que, também de nós mesmos, temos ainda pesados débitos para resgatar. Evitar o abuso é dever, mas acima de quaisquer impulsos de auto-defesa em nossa vida, prevalece a caridade, com seu mandamento de amor, sacrifício e luz”.

61 DOM NEGRITO

Este é o nome de um cãozinho preto, lúcido, simpático, para não dizermos espiritualizado, que, recente e espontaneamente, aparece as sessões públicas do “LUIZ GONZAGA”: chega, vagarosa e respeitosamente, dirige-se para o canto em que está o Chico e ali fica, como em estado de concentração e prece, até ao fim dos trabalhos.

A dona do D. Negrito encontrou-se com Chico e lhe disse:

— Imagine, Chico, o Negrito às segundas e sextas-feiras desaparece das 20 às 2 horas da madrugada. E, agora, há pouco, é que soube para onde vai: às sessões do “LUIZ GONZAGA”.

Isto tem graça. Ele, que é um cão, consegue vencer os obstáculos e procurar os bons ambientes e eu, que sou sua dona, por mais que me esforce, nada consigo...

E o Chico, como sempre útil e bom, a consola:

— Isto tem graça e é uma bela lição. Mas, não fique desanimada por isto; Dom Negrito vem buscar e leva um pouquinho para sua dona e um dia há de trazê-la aqui. Jesus há de ajudar.

Os tempos estão chegados, é uma verdade. Até os cães estão dando lições e empurrões nos seus donos, encaminhando-os com seus testemunhos, à Vereda da Verdade, por meio do Espiritismo, que esclarece, medica, consola e salva.

62 NA DEFESA DO VERME

Um confrade entusiasta elogiava o Chico à queima-roupa, ao fim de movimentada sessão pública, e o Médiun desapontado, exclamou:

— Não me elogie desta maneira. Isso é desconcertante. Não passo de um verme neste mundo.

Emmanuel, junto dele, ouvindo a afirmação, falou-lhe paternal:

— O verme é um excelente funcionário da Lei, preparando o êxito da sementeira pelo trabalho constante no solo e funciona, ativo, na transmutação dos detritos da terra, com extrema fidelidade ao papel de humilde e valioso servidor da natureza... Não insulte o verme, pois, comparando-se a ele, porquanto muito nos cabe ainda aprender para sermos fiéis a Deus, na posição evolutiva que já conseguimos alcançar...

O Médiun transmitiu aos circunstantes o ensinamento que recebeu, ensinamento esse que tem sido igualmente assunto de interesse em nossas meditações.

63 UMA LIÇÃO SOBRE A FÉ

Um simpatizante do Espiritismo, residente em Santos, Estado de São Paulo, veio a Pedro Leopoldo, asseverando desejar conhecer o Chico para melhor acertar os seus problemas de fé.

O Médiun, no entanto, empregado de uma repartição, não dispõe do tempo como deseja e, por determinação de sua Chefia, estava ausente de casa.

O visitante insistiu, insistiu.

E como não podia deter-se por muitos dias, regressou a penates, dizendo a vários amigos:

— Duvido muito da mediunidade. Imaginem meu caso com o Chico Xavier. Viajo para Pedro Leopoldo com sacrifício de tempo e dinheiro. Chego à cidade e informam-me, sem mais aquela, que o Médiun estava ausente. Perdi minha fé, pois tenho a idéia de que tudo seja simples fraude e estou convencido de que o Chico se esconde para melhor sustentar a mistificação.

Um dos companheiros de ideal escreve, aflito, ao Chico, relatando-lhe a ocorrência.

Não seria aconselhável procurar o queixoso e atendê-lo?

O pobre homem parecia haver perdido a confiança no Espiritismo.

O Médiun, muito preocupado pede o parecer de Emmanuel e o devotado orientador responde-lhe, com serena precisão:

— Deixe este caso para traz. Se a fé nesse homem for erguida sobre você é melhor que ele a perca desde já, porque nós todos somos criaturas falíveis. A fé para ele e para nós deve ser construída em Jesus, porque, somente confiando em Jesus e imitando-lhe os exemplos, é que poderemos seguir para Deus.

64

BONDADE PARA COM TODOS

Vários materialistas chegaram a Pedro Leopoldo, para assistir à sessão pública do “LUIZ GONZAGA”, numa noite de sexta-feira.

E, desrespeitosos, começaram por dizer que não acreditavam na Doutrina do Espiritismo e que a mediunidade era pura mistificação quando não fosse simplesmente loucura...

Ainda assim, queriam ver os trabalhos do Chico.

O Médiun, em concentração, perguntou a Emmanuel:

— O senhor não julga melhor convidarmos esses homens à retirada? Afinal de contas, não admitem nem mesmo a existência de Deus...

— Não pense nisso, — exclamou o orientador — são nossos irmãos. Precisamos recebê-los com bondade e ser-lhes úteis, tanto quanto nos seja possível.

— Mas, — ponderou o Chico — Jesus recomendou-nos não atirar pérolas aos porcos.

— Sim — disse Emmanuel com serenidade e compreensão — o Mestre determinou, não atiremos pérolas aos porcos, todavia não nos proibiu de oferecer-lhes a alimentação compatível com as necessidades que lhes são próprias... Procuremos ajudar a todos e o senhor fará por nós todos o que seja acertado e justo.

E o Médiun, emocionado, guardou a formosa lição.

65 QUEM ESCREVE

Um grupo de amigos de Belo Horizonte conversava, em Pedro Leopoldo, sobre as responsabilidades da palavra escrita, comentando a leviandade de muita gente que usa o lápis e a pena no campo da maldade e da calúnia...

Daí a instantes, quando os nossos confrades entraram em oração, junto do Chico, aparece o Espírito da Poetisa Carmen Cinira, endereçando-lhes a seguinte Mensagem.

“Quem Escreve”

Quem escreve no mundo
E como quem semeia
Sobre o solo fecundo..

A inteligência brilha sempre cheia
De possibilidades infinitas.

Planta
Uma idéia qualquer onde te agitas,
Sem ela essa idéia pecadora ou santa,
E vê-la-ás, a todos extensiva,
Multiplicar-se milagrosa e viva.

Sem tanger as feridas e as arestas,
Conduze com cuidado
A pena pequenina em que te manif estas!
Foge à volúpia das maldades nuas,
Não condenes, não firas, não destruas...
Porque o verbo falado
Muita vez é disperso
Pelo vento que flui da Fonte do Universo.

Mas a palavra escrita
Guarda a força infinita,
Que traz resposta à toda a sementeira,
Em frutos de beleza e de alegria
Ou de mágoa sombria,
Para os caminhos de uma vida inteira.

CARMEN CINIRA

66

LEMBRANDO OS FENÔMENOS DE LICANTROPIA...

Falando das obras magistrais de André Luiz, particularizamos seu belo livro LIBERTAÇÃO, lembrando os fenômenos de Licantropia, que é um problema de sintonia. Onde colocamos o pensamento, aí se nos desenvolverá a própria vida. O nosso tesouro está onde está o nosso coração. Recordamos Nabucodonosor, o rei poderoso, a que se refere a Bíblia, que, nos últimos sete anos de existência, viveu sentindo-se animal. Andava de quatro e comia ervas rasteiras ou roía ossos como um cão.

E Chico, citando André Luiz, estendendo-se em considerações interessantes, citou-nos casos outros de Licantropia, inextrincáveis, ainda, para a investigação dos médicos encarnados, conforme ponderou o esclarecido autor de NOSSO LAR, dizendo-nos:

— Andando, às vezes, por aqui e por ali, encontro-me com vários irmãos e neles, observando bem, descubro em cada qual duas fisionomias, uma que tem e outra que molda com seus pensamentos e, sentimentos... Por isto, vez por outra, vejo moças, com fisionomias angelicais, e, nos elementos plásticos de seus perispíritos, cobrinhas, aranhas, gatos, etc., simbolizando-lhes as tendências... E também observo em fisionomias fechadas, carrancudas, feias, pássaros, libélulas, carneiros, pombas mansas... Isso acontece comigo mesmo, pois descubro muitos animais em mim próprio...

Como colaboração ao belo assunto, lembramos-lhe um lume a que assistíramos, há tempos:

— O PINTOR DE ALMAS. O filme revelou um caso verídico da História e o pintor existiu.

De uma feita, pintou o retrato de uma Imperatriz e a fez menos bela do que era e até com sinais grosseiros no semblante.

Com a sua dama de companhia, fisicamente feia, pintou-a diferente, bela. Chamado a explicar-se, justificou-se dizendo:

— Vejo-as assim, espiritualmente. Uma a meu ver, é feia e má, a outra, bela e caridosa. E dizia uma verdade. O Chico deu uma de suas gostosas gargalhadas e mudamos de assunto, receiosos de que o vidente de Pedro Leopoldo observasse, escondido em nós, algum animal ferocíssimo...

67

ENTÃO, DESEJO SER O BURRINHO...

O Chico acabava de ver sair à publicidade mais um dos belos e úteis livros psicografados pelas suas mãos abençoadas. E, além de cartas elogiosas ao seu trabalho, recebia pessoalmente em Pedro Leopoldo e em Belo Horizonte, quando lá comparecia, louvores e mais louvores de confrades e irmãos outros simpáticos ao Espiritismo. E cada qual lhe citava um fato que mais lhe agradou, realçando o valor do livro neste e naquele aspecto.

O Chico andava atrapalhado com tantos confetes sobre sua pessoa. E, em casa, sossegado dos aplausos, dizia de si para consigo:

— Vou deixar de psicografar, pois sou um verdadeiro ladrão roubando referências honrosas que não me pertencem. Os abraços, os parabéns, os elogios que recebo cabem aos Espíritos de Emmanuel, André Luiz, Néio Lúcio e de outros, que são legitimamente os autores dos livros magníficos. Preciso dar um jeito nisto. .

Néio Lúcio, que lhe traduzia o pensamento, que lhe verificara os propósitos, sorrindo, lhe aparece e diz:

— Não há razão, Chico, para sentir-se você magoado com os elogios. Também os merece.

— Não, Néio Lúcio, sinto-me como um ingrato, ladrão, indigno...

— Bem, Chico, vou contar-lhe uma pequena história: — em certo município, dois distritos se defrontavam, separados apenas por pequena distância. Um, com a população quase toda enfermada, sem recurso de espécie alguma. O outro, cheio de vida, víveres, remédios. Apenas faltava um agente intermediário entre os dois. Ninguém queria servir de ligação, realizar o trabalho socorrista. Foi quando, como mandado do céu, apareceu um burrinho humilde, manso, que, com pouco trabalho, tomou-se “apiado”, obediente, capaz de levar, sem ninguém, do distrito rico ao distrito pobre, os recursos de que careciam os irmãos enfermos e sofredores. O burrinho, tendo ao lombo dois jacás, um de cada lado, foi recebendo as dádivas:

Um colocava alimento, outro remédio, mais outro, roupas.

Colocavam-no à trilha, e ele, automaticamente, lá ia para o distrito lazarento e faminto.

Em pouco, era esvaziada toda a carga e voltava, como fora, alegre, satisfeito por haver cumprido um serviço salvacionista, abençoado, para repetir, noutras vezes, quando necessário, a mesma tarefa cristã.

E, antes que Néio Lúcio concluísse, o Chico exclamou:

— Está bem, Néio Lúcio, então, como burrinho, aceito o serviço. E nunca mais se importou com louvores, certo de que agora sabe qual a missão que realiza, entre a terra e o céu, junto à Grande Causa.

Lição de humildade, de conhecimento de si mesmo. Lição para nós todos...

68

A LIÇÃO DOS CHUCHUS...

Dona Maria Pena, que era viúva do Raimundo, irmão do Chico, julgava que este era um mão aberta.

Não era muito crente do dar sem receber. E, certa manhã, em que, sobremodo, sentia a missão do Médiun, que muito estimava, disse-lhe:

— Chico, não acredito muito nas suas teorias de servir, de ajudar, de dar e dar sempre, sem uma recompensa. Não vejo nada que você recebe em troca do que faz, do que dá, do que realiza.

— Mas, tudo quanto fazemos com sinceridade e amor no coração, Deus abençoa. E, sempre que distribuimos, que damos com a direita sem a esquerda ver, fazemos uma boa ação e, mais cedo ou mais tarde, receberemos a resposta do Pai. Pode crer que quem faz o bem, além de viver no bem, colhe o bem.

— Então, vamos experimentar. Tenho aqui dois chuchus. Se alguém aqui aparecer, vou lhos dar e quero ver se, depois, recebo outros dois.

Ainda bem não acabara de falar, quando a vizinha do lado esquerdo, pelo muro, chama:

— Dona Maria, pode me dar ou emprestar uns dois chuchus?

— Pois não, minha amiga, aqui os tem, faça deles um bom guisado.

Daí a instante, sem que pudesse refazer-se da surpresa que tivera, a vizinha do lado direito, também pelo muro, ofereceu quatro chuchus a D. Maria.

Meia hora depois, a vizinha dos fundos pede a D. Maria uns chuchus e esta a presenteia com os quatro que ganhara.

A vizinha da frente, quase em seguida, sem que soubesse o que acontecia, oferece à cunhada do nosso querido Médiun, oito chuchus.

Por fim, já sentindo a lição e agindo seriamente, D. Maria é visitada por uma amiga de poucos recursos econômicos.

Demora-se um pouco, o tempo bastante para desabafar sua pobreza.

À saída, recebe, com outros mantimentos, os oito chuchus...

E dona Maria diz para o Chico:

— Agora quero ver se ganho dezesseis chuchus, era só o que faltava para completar essa brincadeira...

Já era tarde.

Estava na hora de regressar ao serviço e Chico partiu, tendo antes enviado à prezada irmã um sorriso amigo e confiante, como a dizer-lhe: — “Espere e verá”.

Aí pelas dezoito horas, regressou o Chico à casa.

Nada havia sucedido com relação aos chuchus..

Dona Maria olhava para o Chico com ar de quem queria dizer:

“Ganhei ou não? . .

Às vinte horas, todos na sala, juntamente com o Chico, conversam e nem se lembram mais do caso dos chuchus, quando alguém bate à porta.

Dona Maria atende.

Era um senhor idoso, residente na roça.

Trazia no seu burrinho uns pequenos presentes para Dona Maria, em retribuição às refeições que sempre lhe dá, quando vem à cidade.

Colocou à porta um pequeno saco.

Dona Maria abre-o nervosa e curiosamente.

Estava repleto de chuchus.

Contou-os: sessenta e quatro: Oito vezes mais do que havia, ultimamente, dado...

Era demais.

A graça, em forma de lição, excedia à expectativa, era mais do que esperava.

E, daí por diante, Dona Maria compreendeu que aquele que dá recebe sempre mais.

69

“OS MORTOS ESTÃO DE PÉ...”

Gastão Penalva, escritor de raça, pseudônimo de conhecido e estimado oficial de nossa Marinha de Guerra, há pouco desencarnado, pelo “Jornal do Brasil”, de 4 de outubro de 1939, escreveu, com o título: A HUMBERTO DE CAMPOS, “onde estiver”, uma bela página literária, em que, exteriorizando seu estado de alma de homem bom e incompreendido, reviveu para o grande colega de Arte, agora na espiritualidade, o programa doentio da Terra.

Terminou a carta literária pedindo-lhe desculpas por haver-lhe perturbado o sono. E deu-lhe um saudoso até logo.

Pois bem, no dia 6 do mesmo mês e ano, Chico, que nada leu e de nada sabia, recebeu a resposta de Humberto de Campos para seu querido amigo Gastão Penalva.

Trata-se de uma página linda, toda ela, em que, identificando-se pelo estilo e pela sua cultura variada e segura, o mágico escritor maranhense justifica a doença da Terra e lhe oferece o remédio curador e salvador, que nos veio há dois mil anos pelas mãos santas de Jesus.

É uma página magistral, como somente ele, Humberto, sabia e sabe escrever.

Chico a enviou à FEB, por intermédio de M. Quintão, que lhe tirou uma cópia e fez chegar o original às mãos do destinatário.

Gastão Penalva, segundo se soube, surpreendeu-se ao recebê-la e, quando a leu toda, chorou de alegria e consolação, tanto mais por identificar seu querido colega morto, e ganhar, aí, a certeza de que a imortalidade é um fato.

As duas cartas literárias constam do magnífico livro “NOVAS MENSAGENS”, editado pela FEB.

Gastão Penalva, mais tarde, espalhou a notícia e, particularmente, contou o caso, com minudências, ao seu colega João Luso, descrente das verdades espíritas, que, logo depois de ouvi-lo, disse-lhe:

- Isto é um sonho, não acredito que os mortos vivam...

— Bem, retrucou-lhe Gastão Penalva, um dia você terá uma prova. Espere e vera...

Passou-se o tempo.

Ambos ficaram doentes.

E Gastão, sem que João Luso soubesse, desencarnou.

Logo que melhorou e pôde sair, João Luso foi ao “Jornal do Brasil”, de que era colaborador, para pôr em dia seus escritos.

A entrada, vem-lhe ao encontro alguém que o abraça e lhe aperta as mãos.

E João Luso despede-se do amigo, apreensivo, por verificar que ele estava pálido e com as mãos geladas...

Entra na redação e exclama:

— Imaginem, acabo de abraçar o querido Gastão Penalva, que não via há muito, mas verifico que está muito doente, pálido, de mãos frias.

O pessoal da redação se entreolha admirado, e um, dentre todos, diz:

— Não é possível, João Luso, pois ele morreu há quinze dias...

— Há quinze dias? Então é verdade! OS MORTOS ESTÃO MESMO DE PÉ!

Prometeu-me o Gastão uma prova e veio cumprir sua palavra... Graças a Deus!

Abaixou a cabeça.

De seus olhos rolavam lágrimas.

Hoje, João Luso já está na Espiritualidade e poderá, melhormente, verificar, em espírito e verdade, que, de fato, os mortos, tendo à frente o Espírito Humberto de Campos, vivem e estão mesmo de pé...

70 ORAÇÃO DA FILHA DE DEUS

Nelma era uma sobrinha do Chico, a qual desencarnou em Belo Horizonte, em junho de 1944.

Dias antes de partir, a doente, jovem recém-casada, de vinte anos, pediu a Emmanuel lhe desse uma oração para ir repetindo-a, de memória.

Sabia-se no fim do corpo e desejava uma oração que lhe desse forças para a grande viagem.

E a prece veio.

Pelas mãos do Chico, o orientador espiritual escreveu a seguinte rogativa:

ORAÇÃO DA FILHA DE DEUS

Meu Deus, deponho aos teus pés
Meu vestido de noivado.
Meus prazeres do passado
E as rosas do meu Jardim...
Pois, agora, Pai Querido,
Somente vibra, em meu peito,
Teu Amor Santo e Perfeito,
Teu Amor puro e sem fim.

Ah! Meu Pai, guarda contigo
Meu cofre de arminho e ouro,
Onde eu guardava o tesouro
Que me deste ao coração.
Entrego-te as minhas horas,
Meus sonhos e meus castelos,
Meus anseios mais singelos,
Minhas capas de ilusão!...

Pai dos Céus, guarda a coroa
Das flores de laranjeira
Que eu tecia a vida inteira
Como pássaro a cantar!
Oh! Meu Senhor, como é doce
Partir os grilhões do mundo
E esperar-te o amor profundo
Nas bênçãos do Eterno Lar!...

Em troca, meu Pai, concede,
Agora que me levanto,
Que a lã do Cordeiro Santo
Me agasalhe o coração!
Que eu calce a sandália pobre
Para a grande caminhada,
Que me conduza à Morada
Da Paz e da Redenção!

71 CASOS DE M. QUINTÃO

Numa sexta-feira do mês de maio de 1945, M. Quintão, na varanda de sua aprazível vivenda, no Méier, conversava animadamente com o confrade Meireles, quando sua cara companheira o chama para nivelar o piano, isto é, acertá-lo nos pisos.

Com o auxílio do irmão Meireles, pegou na alça do piano e, fazendo força para levantá-lo, sentiu uma torção nos rins, sobre-vindo-lhe intensa dor que o obrigou a acamar-se.

O caso, que antes parecia sem importância, agravou-se, impossibilitando-o de ir à Casa de Ismael presidir à Sessão pública das 19:30. D. Alzira, sua esposa, alvitrou que telegrafasse ao Chico respondendo-lhe M. Quintão:

— Não convém, isto vai alarmar e nada produzirá, de vez que, se for permitido, mesmo de longe ou daqui de perto, receberei o remédio de que careço. Esperemos até domingo, se não melhorar, escreveremos ao Chico.

E, por intuição, foi medicando-se.

Domingo, pela manhã, o correio traz uma carta.

Abrem-na.

É do Chico Xavier, com uma mensagem de Emmanuel, que logo de início, diz:

— Antes de tudo, desejo identificar-me, dizendo-lhe que, em verdade, o telegrama antes alarma e nada beneficia. Desde que sofreu o acidente, estamos medicando-o. E continue tomando os remédios que, por via intuitiva, já lhe receitamos.

Dias depois, o nosso caro irmão ficou restabelecido.

Procurou a Mensagem para nos dar, mas não a encontrou.

Que pena!

Seria mais um clichê documentativo para o nosso Livro!

Também, em começo de abril de 1947, o mesmo confrade sonha com a data de 18.

Constou esse sonho de seu magnífico livro CINZAS DE MEU CINZEIRO.

Depois de várias considerações sobre sonhos, disse-nos:

— “Despertei alta noite, a tracejar uma folha de calendário do ano de 1947.

Era uma dessas folhinhas de parede, modelo comercial, que eu esboçava com requintes de meticulosidade, à tinta encarnada, assim:

1947

18 de abril

sexta-feira

E a impressão era tão viva que não resisti ao desejo de grafá-la imediatamente no meu calepino; nem sopitava a freima de transmiti-la aos confrades mais íntimos. E não faltou quem sorrisse de minha puerilidade.

“Ora para que havia de dar o Quintão no crepúsculo da vida!”

Um houve, que identificou a efeméride com a primeira edição do “Livro dos Espíritos”: em outros eu pressentia o palpito piedoso da minha desencarnação.

Em matéria de sonhos o campo é livre e infinito, e como lá diz: — “O melhor da festa é esperar por ela”, a festa veio no dia 18 de abril passado; o nosso nunca assaz e lembrado Chico Xavier viajou a serviço, de Pedro Leopoldo para Juiz de Fora, e, porque não nos víamos havia três anos, aproveitou o ensejo para uma surpresa de arromba. De arromba, porque me chegou a penates às 22 horas, debaixo de chuva.

Era só para matar saudades, num fugaz e furtivo abraço. Não podia demorar, regressaria no primeiro trem da manhã, precisava parar ainda em Juiz de Fora e estar a tempo em Pedro Leopoldo, a fim de, na próxima terça-feira, seguir para a feira pecuária de Uberaba. Serviço é Lei, manda quem pode. Repousar? Dormir? Não. Poderia perder o trem... Candura do Chico!

— Vamos, então, “bater papo” toda a noite, enquanto chove grosso lá fora. Mesa posta, café, biscoitos e um mundo de idéias, comentários, recordações. O velho Kronos se eclipsa, envergonhado talvez, e Morfeu vai-lhe na pegada com as suas papoulas... As quatro da madrugada canta o galo. Minha mulher pede ao Chico uma indicação, um conselho mediúnico...

— Deixa-te disso, o Chico está fatigado, exausto mesmo; de resto, eu sempre fui infenso a comunicações preconcebidas.

O Médiun, porém, não recalcitrou, toma lesto da lapiseira e sem pestanejar escreve de jato:

AVE, MARIA!

No primeiro aniversário
De minha libertação,
Em teu lar, Quintão amigo,
Procuro o altar da oração.

Ave, Maria! Mãe que por nós velas
Do teu trono de ternos resplendores,
Auxilia os teus filhos sofredores,
Que padecem a fúria das procelas.

Cheia de graça, estrela entre as mais belas,
Anjo excelso dos pobres pecadores,
Balsamiza, Senhora, as nossas dores,
Tu, que por nossas almas te desvelas.

O Senhor é contigo, Soberana,
Astro sublime sobre a noite humana,
Sol que infinitos dons de Deus encerra!

Bendita és para sempre, Mãe querida,
Por teus braços de amor, ternura e vida,
Por teu manto de luz que ampara a terra!

BRAGA NETO

Isto, continua M. Quintão, com a lapiseira que guardo como lembrança do saudoso e inesperado visitante.

Juro que não me lembrava, absolutamente, do seu transpasse nesta data.
Nem o Médiun, tê-lo-ia de memória, tão pouco

E aqui fica mais um lindo caso de um sonho premonitório, para cuja
realização o caro Chico foi o instrumento feliz.

72 UM MORTO ILUSTRE DESCREVE O PRÓPRIO ENTERRO

Noite de 17 de junho de 1945. Chico Xavier, a serviço da repartição da qual é empregado, achava-se na cidade de Leopoldina, em Minas Gerais, numa exposição agropecuária.

Findo o labor do dia, foi visitar o “Centro Espírita Amor ao Próximo”, daquela cidade.

Como se sabe, naquela cidade mineira, desencarnou o Poeta Augusto dos Anjos, cujos despojos, até hoje, ainda lá se encontram.

Alguém, na reunião, que se compunha de mais de cem pessoas, Comentou:

— Ora essa! Se os espíritos se comunicam conosco, seria interessante que o Augusto dos Anjos nos viesse contar, em versos, como foi o seu enterro.

E o Poeta veio mesmo.

Em concentração junto à mesa que dirigia os trabalhos da noite, Chico psicografou a interessante Mensagem que transcrevemos:

RECORDAÇÕES EM LEOPOLDINA

A sombra amiga destes montes calmos,
Meu pobre coração de anacoreta,
Amortalhado em fina roupa preta
Desceu à escuridão dos sete palmos.

Viera o fim dos sonhos intranquillos
entre grandes e estranhos pesadelos,
Satisfazendo aos trágicos apelos
Da guerra inexorável dos bacilos.

A morte terminara o horrendo cerco,
Sufocando as moléculas madrastas...
Eram milhões de células nefastas,
Voltando à paz do túmulo de esterco.

Indiferente aos últimos perigos,
Meu corpo recebeu o último beijo
E comecei o lúgubre cortejo,
Sustentado nos braços dos amigos.

Em triste solilóquio no trajeto,
Espantado, fitando as mãos de cera,
Rememorava o tempo que perdera,
Desde as primárias convulsões do feto.

Por que morrer amando e haver descrido
Do Eterno Sol, do qual vivera em fuga?

Como é sombrio o pranto que se enxuga
Pelo infinito horror de haver nascido!...

Depois, vi-me no campo onde a dor medra,
Ao contacto do chão frio e profundo,
Chegara para mim o fim do mundo,
Entre as cruzes e os dísticos de pedra.

Terrível comoção pintou-me a cara,
Na escabrosa cidade dos pés juntos,
Tornara-se defunta, entre os defuntos,
Toda a ciência de que me orgulhara.

Trêmulo e só, no leito subterrâneo,
Sentia, frente à lógica dos fatos,
O pavor dos morcegos e dos ratos,
Dominar os abismos de meu crânio.

Meus ideais mais puros, meus lamentos,
E a minha vocação para a desgraça
Reduziam-se à mísera carcaça
Para o açougue dos vermes famulentos.

Em seguida o abandono, enfim, do plasma,
Os micróbios gritando independência...
E tomei nova forma de existência
Sob a fisiologia do fantasma.

Fugindo então ao gelo, à sombra e à ruína
Do caos sinistro em que vivE submerso
Revelou-se-me a glória do universo,
Santificado pela Luz Divina.

Oh! Que ninguém perturbe os meus destroços,
Nem arranque meu corpo à última furna,
É Leopoldina, a generosa urna,
Que, acolhedora, me resguarda os ossos.

Beije minhalma, alegre, o pó da rua
Deste painel bucórico e risonho,
Onde aprendi, no derradeiro sonho,
Que o mistério da vida continua...

Bendita sela a Terra, augusta e forte,
Onde, através das vascas da agonia,
Encontrei a mim mesmo, em novo dia,
Pelas revelações de luz da morte.

AUGUSTO DOS ANJOS

O experimentador, que duvidava da comunicação dos Espíritos, ao escutar a Mensagem, franziu a testa e, com toda a assembléia, ficou meditando...

73 PROGRAMA CRISTÃO

Em 11 de outubro de 1947, estavam reunidos diversos companheiros da Mocidade Espírita de Petrópolis, em Pedro Leopoldo.

Depois de vários apontamentos doutrinários, a senhorita Zilda Portugal pediu a Emmanuel um programa destinado aos jovens espíritas e, pela mão do Chico, o querido benfeitor escreveu o seguinte:

PROGRAMA CRISTÃO

- Aceitar a direção de Jesus.
- Consagrar-se ao Evangelho Redentor.
- Dominar a si mesmo.
- Desenvolver os sentimentos superiores.
- Acentuar as qualidades nobres.
- Sublimar aspirações e desejos.
- Combater as paixões desordenadas no campo íntimo.
- Acrisolar a virtude.
- Intensificar a cultura, melhorando conhecimentos e aprimorando aptidões.
- Iluminar o raciocínio.
- Fortalecer a fé.
- Dilatar a esperança.
- Cultivar o bem.
- Semear a verdade.
- Renovar o próprio caminho, pavimentando-o com o trabalho digno.
- Renunciar ao menor esforço.
- Apagar os pretextos que costumam adiar os serviços nobres.
- Estender o espírito de serviço, secretariando as próprias edificações.
- Realizar a bondade, antes de ensiná-la aos outros.
- Concretizar os ideais elevados que norteiam a crença.
- Esquecer o perigo no socorro aos semelhantes.
- Colocar-se em esfera superior ao plano
- Ganhar tempo, aproveitando as horas
- Enfrentar corajosamente os problemas humana.
- Amparar os ignorantes e os maus.
- Auxiliar os doentes e os fracos.
- Acender a lâmpada da boa vontade onde haja sombras e incompreensão.
- Encontrar nos obstáculos os necessários recursos à superação de si próprio.
- Perseverar no bem até o fim da luta.
- Situar a reforma de si mesmo, em Jesus Cristo, acima de todas as exigências da vida terrestre.

EMMANUEL

O programa está aí.
Deus nos ajude a cumpri-lo.

74 SOLILÓQUIO DE UM SUICIDA

Na noite de 7 de março de 1948, Chico Xavier encontrava-se com alguns amigos no Alto do Cruzeiro, em Belo Horizonte.

Desse ponto admirável, extenso panorama se descortinava...

Noite clara e suave.

Um amigo lembra a prece e o grupo ora.

— Alguém da vida espiritual conosco, Chico? — interrogou um companheiro do Sul de Minas, depois da oração.

— Sim, disse o Médiun — vejo um homem chorando ao seu lado.

— O nome dele?

— João Guedes.

— Sim, conheci. Era um pobre moço, Poeta, que morreu por suicídio, em minha terra.

— Desejará alguma coisa?

— Sim, ele diz que pretende deixar-nos uma lembrança. Alguém traz consigo papel e lápis?

Um dos companheiros presentes estende ao Médiun o material solicitado.

E, apoiando-se num poste de iluminação pública, Chico escreve o que lhe dita o visitante do Além.

Quando terminou, estava grafada a seguinte poesia:

Os torvos corações, náufragos de mil vidas,
Distantes de Jesus, que nos salva e aprimora,
Sob o gūante da dor, caminham de hora a hora,
Para o inferno abismal das almas consumidas...

Sementeiras de pranto, aflições e feridas,
No pecado revel que os requeima e devora...
Depois, a escuridão da noite sem aurora
E o sarcasmo cruel das ilusões perdidas...

Alma triste que eu trago, ensandecida e errante,
Por que fugiste, assim, no milagroso instante?
Por que rogar mais luz, se, estranha, te sublevas?

Ah! Mísera que foste, hesitante e covarde.
Não lamentes em vão, nem soluces tão tarde...
Procuremos Jesus, além de nossas trevas!

João Guedes

O moço, amigo do Poeta desencarnado, recebeu a página e guardou-a, enxugando as lágrimas.

75 OFERENDA ÀS CRIANÇAS

Na noite de 16 de julho de 1948, algumas irmãs do Distrito Federal se achavam em Pedro Leopoldo, e, algumas delas, em oração, pediram aos Amigos Espirituais uma lembrança para as criancinhas do “Centro Espírita Discípulos de Jesus”, do Rio de Janeiro.

Foi João de Deus, o suave lírico de Portugal, quem veio e atendeu pela mediunidade do Chico, dedicando aos meninos da referida instituição a Poesia que transcrevemos:

O CAMINHO DO CÉU

Ouve, agora, meu anjinho,
Se procuras o caminho
Do Paraíso no Além,
Cultiva o jardim do amor,
Trabalha e atende ao Senhor
Sem fazer mal a ninguém.

Sê bondoso e diligente,
Serve ao mundo alegremente,
Apega-te aos homens bons;
Foge à discórdia que exalta
A treva, à revolta, à falta,
E busca os divinos dons.

Depois, filhinho, mais tarde,
Entenderás, sem alarde,
Que a senda de perfeição
Para toda criatura
Começa, risonha e pura,
Por dentro do coração.

JOÃO DE DEUS

Lembramo-nos de registrar aqui a presente recordação como oferenda às criancinhas.

76 UMA VISITA DE CRUZ E SOUZA

O confrade Izaltino Silveira Filho, digno companheiro nosso em Juiz de Fora, achava-se em prece com o Chico, em Pedro Leopoldo, na noite de 11 de setembro de 1948, quando ele e o M3diu[m] registraram a presen[ca] de alguns amigos espirituais.

Concentraram-se e, dentre as Mensagens recebidas, veio o seguinte soneto de Cruz e Souza pelas m3o[s] do M3diu[m], dedicado ao irm3o acima referido:

SEGUE

Segue gemendo no caminho estreito,
De p3 pé sangrando em chagas dolorosas,
Sustentando alegrias que n3o gozas,
À ren3ncia rendendo excelso preito.

Na cruz pesada que te oprime o peito,
Encontrar3s estrelas milagrosas,
Sob chuvas de b3n[ca]os e de rosas,
Que dimanam do amor santo e perfeito.

Se o temporal de l3grimas te encharca,
Seja a esperan[ca] a luminosa marca
Que te assinale as s3plicas sinceras!

Somente a dor na terra estranha e escura
Apaga na corrente da amargura
Os erros que trazemos de outras eras...

CRUZ E SOUZA

Assinalamos aqui esse soneto, n3o s3o por sua beleza, mas tamb3m pela exatid3o do estilo que caracteriza o grande e inesquec3vel poeta.

77

O CULTO DOMÉSTICO DO EVANGELHO

Explicando-se, com singeleza e segurança, pelo lápis do Chico, na noite de 16 de dezembro de 1948, assim se expressou Casimiro Cunha sobre o culto doméstico do Evangelho:

CULTO DOMÉSTICO

Quando o culto do Evangelho
Brilha no centro do Lar,
A luta de cada dia
Começa a santificar.

Onde a língua tresloucada
Dilacera e calunia,
Brotam flores luminosas
De sacrossanta alegria.

No lugar em que a mentira
Faz guerra de incompreensão,
A verdade estabelece
O império do Amor cristão.

Onde a ira ruge e morde,
Qual rude e invisível lera,
Surge o silêncio amoroso
Que entende, respeita e espera,

A mente dos aprendizes,
Bebe luz em pleno ar,
Todos disputam contentes,
A glória do verbo dar.

A bênção do culto aberto
Na Divina diretriz,
Conversa Jesus com todos
E a casa vive feliz.

Quem traz consigo a alegria
Combatendo a treva e o mal,
Encontra a porta sublime
Do Reino Celestial.

CASIMIRO CUNHA

Pela oportunidade permanente destes conceitos, deliberamos assinalá-las como precioso aviso a nós todos.

78 O HINO DO REPOUSO

Na noite de 10 de março de 1949, D. Maria Pena Xavier, uma das cunhadas do Chico, entrou em longa e comovedora agonia, depois de persistente enfermidade.

O Médiun, acompanhado de vários familiares, entra em oração. E o Chico vê o quarto humilde povoar-se de numerosas crianças desencarnadas.

E elas cantam delicado hino, como que embalando a enferma a desencarnar.

O Médiun roga a um dos Espíritos Amigos presentes que lhe dê, por generosidade, a letra do hino e o Amigo dita, verso a verso.

Em breves momentos, a composição, abaixo transcrita, está perfeita no papel em que o Médiun está escrevendo o que ouve:

HINO DO REPOUSO

Rasgaram-se os véus da noite...
 Novo dia resplandece.
 Viajor, descansa em prece
 Ao lado da própria cruz.
 No firmamento dourado
 Rebrilha a aurora divina,
 Porque a morte descortina
 Vida nova com Jesus.

Esquece a aflição do mundo!
 No seio da crença, olvida
 Todas as sombras da vida,
 Todo sonho enganador.
 Sob a bênção da alegria,
 És a andorinha celeste
 Na esperança que te veste,
 Voltando ao ninho de amor.

Repete, agora, conosco:
 “Bendita a dor santa e pura
 Que me deu tanta amargura
 E tanta consolação”.
 E orando, em paz, no repouso,
 De alma robusta e contente,
 Agradece alegremente
 A própria libertação.

Descansa! que além da sombra,
 Outra alvorada te espera!
 Abençoa a nova esfera
 A que o Senhor nos conduz.
 Dilatarás, muito em breve,
 Todo o júbilo que vazas,

Desdobrando as próprias asas
No Reino da eterna Luz!

Decorridos instantes, D. Maria desencarnou e até hoje não se sabe a autoria do belo hino cantado pelos Espíritos Amigos junto à humilde viúva, em seu leito de morte.

Esta linda página consta do livro “Cartas do Coração”, publicado em benefício das obras do “Centro Espírita Aliança do Divino Pastor”, sediado no Leblon, no Rio.

79 UMA VISITA DE LUIZ GUIMARÃES

Grande número de irmãos se reunia na residência do nosso confrade Luiz Mescolin, na cidade de Juiz de Fora, em Minas, na noite de 12 de junho de 1949, palestrando sobre Espiritismo e Poesia, quando alguém lembrou a suavidade das produções de Luiz Guimarães.

E se o Poeta viesse escrever algo?

Depois de alguns momentos, congregaram-se os circunstantes num círculo de oração e o Poeta lembrado apareceu, escrevendo pelo Chico o seguinte soneto:

CARTÃO FRATERNAL

Abre teu coração à luz divina
Para que a luz do amor em ti desponte.
E subirás, cantando, o excelso monte
Que de bênçãos celestes se ilumina.

Honra a luta na terra que te inclina
À sublime largueza de horizonte.
A nossa dor é a nossa própria fonte
De profunda verdade cristalina.

Quebra a escura cadeia que te isola!
Faze de teu caminho a grande escola
De renascente amor, puro e fecundo!

Deixa que o Cristo te penetre a vida
E que sejas do Mestre a chama erguida
À luminosa redenção do mundo.

LUIZ GUIMARÃES

Esta produção mediúnica está publicada na revista espírita "O Médium", da referida cidade, em seu número de junho de 1949.

80

O TESOURO DA FRATERNIDADE

Na noite do Ano Bom de 1950, vários irmãos de Belo Horizonte, reunidos em Pedro Leopoldo, em companhia do Chico, comentavam a importância das riquezas para a extensão do bem:

Aqui, desejava-se o salário farto...

Acolá, falava-se em dinheiro da loteria...

Chegada a hora da prece, Emmanuel, pelo lápis do MEDIUM, endereça aos presentes a seguinte Mensagem:

O TESOURO DA FRATERNIDADE

Não desprezes as pequeninas parcelas de carinho para que atinjas o tesouro da fraternidade.

Uma palavra confortadora.

O gesto de compreensão e ternura.

A frase de incentivo.

O presente de um livro.

A lembrança de uma flor.

Cinco minutos da palestra edificante.

O sorriso do estímulo.

A gota de remédio.

A informação prestada alegremente.

O pão repartido.

A visita espontânea.

Uma carta de entendimento e amizade.

O abraço de irmão.

O singelo serviço em viagem.

Um ligeiro sinal de cooperação.

Não é com o ouro fácil que descobrirás os mananciais ignorados e profundos da alma.

Não é com a autoridade do mundo que conquistarás a renovação real de um amigo.

Não é com a inteligência poderosa que colherás as flores ocultas da confiança.

Mas sempre que o teu coração se inclinar para um mendigo ou para um príncipe, envolvido na luz sublime da boa vontade, ajudando e servindo em nome do Bem, olvidando a ti mesmo para que outros se elevem e se rejubilem, guarda a certeza de que tocaste o coração do próximo com as santas irradiações das tuas pérolas de bondade, e caminharás no mundo, sob a invencível couraça da simpatia, para encontrar o divino tesouro da fraternidade em plenos céus.

EMMANUEL

Quem puder ajuntar esse tesouro, decerto, comprará com facilidade um passaporte para o Céu.

81 SALDO E EXTRA

Na noite de 13 de março de 1950, alguns amigos conversavam sobre os problemas do homem na Terra, quando, iniciados os trabalhos, André Luiz veio à assembléia e escreveu a seguinte Mensagem pelo lápis do Chico:

SALDO E EXTRA

O homem comum, em todas as latitudes da Terra, guarda, habitualmente, o mesmo padrão de atividade normal.

Alimenta-se. Veste-se. Descansa. Dorme. Pensa. Fala. Grita. Procria. Indaga. Pede. Reclama. Agita-se.

Em suma, consome e, muitas vezes, usurpa a vitalidade dos reinos que se lhe revelam inferiores.

É o serviço da evolução.

Para isso, concede-lhe o Senhor grande quota de tempo.

Cada semana de serviço útil, considerada em seis dias ativos, é constituída de 144 horas, das quais as criaturas mais excepcionalmente consagradas à responsabilidade gastam 48 em trabalho regular.

Nessa curiosa balança, a mente encarnada recebe um saldo de 96 horas, em seis dias, relativamente ao qual raríssimas pessoas guardam noção de consciência.

Por semelhante motivo, a sementeira gratuita da fraternidade e da luz, para o seguidor de Cristo se reveste de especial significação.

Enorme saldo de tempo exige avultado serviço extra.

Em razão disso, às portas da Vida Eterna, quando a alma do aprendiz, no exame de aproveitamento além da morte, alega cansaço e se reporta aos trabalhos triviais que desenvolveu no mundo, a palavra do Senhor sempre interrogará, inquebrantável e firme:

— “Que fizeste de mais?”

ANDRÉ LUIZ

Oferecemos esta Mensagem aos nossos leitores para as nossas meditações.

82

PÁGINA AO IRMÃO MAIS VELHO

Quando da realização da 1ª Semana do Moço Espírita de Minas Gerais, em Belo Horizonte, em julho de 1950, todos os trabalhos se desdobravam em torno dos jovens, mas Emmanuel se manifestou pelo Chico e escreveu esta “Página ao irmão mais velho”, que of erecemos também aos nossos leitores:

PÁGINA AO IRMÃO MAIS VELHO

Ajuda a teu filho enquanto é tempo.

A existência na Terra é a vinha de Jesus, em que nascemos e renascemos.

Quantos olvidam seus filhinhos, a pretexto de auxílio ao próximo e acabam por fardos pesados a toda gente!

Quantos se dizem portadores da caridade para o mundo e relegam o lar ao desespero e ao abandono?

Não convertas o companheiro inexperiente em ornamento inútil, na galeria da vaidade, nem lhe armes um cárcere no egoísmo, arrebatando-o à realidade, dentro da qual deve marchar em companhia de todos.

Dá-lhe, sempre que possível a bênção dos recursos acadêmicos; contudo, antes disso, abre-lhe os tesouros da alma, para que não se iluda com as fantasias da inteligência quando procura agir sem Deus. Ensina-lhe a lição do trabalho, preparando-o simultaneamente na arte de ser útil, a fim de que não se transforme em alimária inconsciente.

Os pais são os ourives da beleza interior.

O buril do exemplo e a lâmpada sublime da bondade são os divinos instrumentos de tua obra.

Não imponhas à formação juvenil os ídolos do dinheiro e da força.

A bolsa farta de moedas, na alma vazia de educação, é roteiro seguro para a morte dos valores espirituais.

O poder sem amor gera fantoches que a verdade destrói no momento preciso.

Garante a infância e a juventude para a vida honrada e pacífica.

Que seria do celeiro se o lavrador não preservasse a semente?

Quem despreza o grelo frágil é indigno do fruto.

Faze de teu filho o melhor amigo, se desejas um continuador para os teus ideais.

Que será de ti se depois de tua passagem pela carne não houver um cântico singelo de agradecimento endereçado ao teu espírito, por parte daqueles que deves amar? Que recolherás na seara da vida, se não plantares o carinho e o respeito, a harmonia e solidariedade, nem mesmo um pequenino canteiro doméstico?

Não reprovés a esmo. A tua segurança de hoje lança raízes na tolerância de teu pai e na doçura das mãos enrugadas e ternas de tua mãe.

Esquece a cartilha escura da violência. Que seria de ti sem a paciência de algum velho amigo ou de algum mestre esquecido que te ensinaram a caminhar?

O destino é um campo restituindo invariavelmente o que recebe.

Ama teu filho e faze dele o teu confidente. E quanto puderes, com o teu

entendimento e com o teu coração, ajuda-o, cada dia, para que não te falte a visão consoladora da noite estrelada na hora do repouso e para que te glorifiques, em plena luz, no instante bendito do sublime despertar.

EMMANUEL

83

APRENDER COM SABEDORIA E SERVIR COM AMOR

Na noite de 31 de agosto de 1951, estivemos em Pedro Leopoldo e, em prece com o Chico, recebemos a linda Mensagem de João Pinto de Souza, o criador da Hora Espiritualista, apreciando nossa Campanha de Alfabetização, Mensagem essa que aqui transcrevemos:

Hoje, mais do que nunca, entendo que o Espiritismo, qual é aceito e compreendido entre nós, pode ser definido como sendo Caridade e Educação. Através do bem, melhoramos a vida fora de nós, em favor de nossa própria felicidade e, por intermédio do Ensino, aprimoramos a vida igualmente, dentro de nós, para que nossa atuação no mundo se enriqueça de bênçãos.

Enquanto aí, por maiores que se revelem as demonstrações de nossa fé, não chegaremos realmente a apreender toda a extensão e toda a grandeza do tesouro que o Alto nos confia, nos valores que a Doutrina Consoladora dos Espíritos nos oferece. É preciso cerrar os olhos no campo denso da carne, para reconhecer, em verdade, as riquezas imperecíveis de que fomos dotados pelo Espiritismo Evangélico, porque as oportunidades de elevação para nós todos fluem, com abundância e beleza, de todos os ângulos da luta humana, convidando-nos a aprender com sabedoria e a servir com amor, a benefício de nossa ascensão no caminho do reajuste.

Assim, pois, quanto puderem vocês, que ainda estão retendo a graça do corpo físico para engrandecer os interesses de Deus entre os homens, aproveitem o ensejo de lutar e sofrer, ajudar e edificar em nome do Senhor, principalmente na esfera da sementeira cristã que a propaganda espírita possibilita a nós todos, como sublime construção da Mente Nova do Mundo sob a inspiração da Boa-Nova, sentida e realizada, nos círculos de ação em que evoluímos para a frente.

HORA ESPIRITUALISTA é, nesse sentido, uma escola abençoada de conhecimento e de luz que nos cabe desdobrar no verbo santificante do Evangelho, através do céu, para os lares e para os corações sedentos de renovação para o Grande Futuro.

Não desfaleçamos e, sem dúvida, não tardará a frutificação de nossa sementeira com o Cristo.

O tempo é de lições demonstrativas. A graça divina nos visita em todos os caminhos da luta terrestre, em forma de convocação ao esforço incessante no bem eterno.

E, esperando que nos unamos cada vez mais em torno da execução de nosso programa de serviço espiritual, abraço a todos os amigos e irmãos de Ideal.

JOÃO PINTO DE SOUZA

84

DECÁLOGO PARA ESTUDOS EVANGÉLICOS

Na noite de 21 de março de 1952, no “Centro Espírita LUIZ GONZAGA”, em Pedro Leopoldo, discutia-se sobre a melhor maneira de orientar a pregação espírita cristã, quando André Luiz externou-se acerca do assunto, com a seguinte página:

DECÁLOGO PARA ESTUDOS EVANGÉLICOS

- 1 — Peça a inspiração divina e escolha o tema evangélico destinado aos estudos e comentários da noite.
- 2 — Não fuja ao espírito do texto lido.
- 3 — Fale com naturalidade.
- 4 — Não critique, a fim de que a sua palavra possa construir para o bem.
- 5 — Não pronuncie palavras reprováveis ou inoportunas, suscetíveis de criar imagens mentais de tristeza, ironia, revolta ou desconfiança.
- 6 — Não faça leitura, em voz alta, além de cinco minutos, para não cansar os ouvintes.
- 7 — Converse ajudando aos companheiros, usando caridade e Compreensão.
- 8 — Não faça comparações, a fim de que seu verbo não venha ferir alguém.
- 9 — Guarde tolerância e ponderação.
- 10 — Não tenha indefinidamente a palavra; outros companheiros precisam falar na sementeira do Bem.

ANDRÉ LUIZ

Creemos que esta pequena Mensagem oferece interessantes apontamentos, dando-nos o que pensar.

85 O LIVRO DIVINO

O professor Lauro Pastor acabava de fazer uma interessante conferência na Secretaria de Saúde e Assistência, de Belo Horizonte, em 20 de abril de 1952, quando ali era comemorado o livro Espírita, tecendo comentários muito oportunos sobre o LIVRO DIVINO, visto que acabou rematando sua palestra realçando o Evangelho.

Sua palestra foi toda gravada e ele falou, inspiradamente, de improviso.

No fim, achando-se presente o Chico Xavier, este, enquanto o Professor Lauro falava, recebeu a Bela Poesia de Castro Alves, que transcrevemos aqui, como um presente aos leitores:

O LIVRO DIVINO

Gemia a Terra humilhada,
A noite do cativoiro
Dominava o mundo inteiro
Sob o carro da opressão;
Com mandíbulas vorazes
De loba que se subleva,
Roma, encharcada de treva,
Estendia a escravidão.

Entre as águias poderosas,
Jazia Atenas vencida,
Carpia Cartago a vida
Ligada a griihão cruel.
Na Capadócia, na Trácia,
Na Mauritânia e no Egito,
O povo chorava aflito,
Tragando cicuta e lei.

O frio invadira os templos,
Não mais Eros de olhar brando,
Nem bela Afrodite amando,
Nem Apolo encantador;
O Olimpo dormira em sombra,
Cessara a graça de Elêusis,
Não surgiam outros deuses,
Que não fossem do terror.

Mas quando o mal atingira
O apogeu da indiferença,
Disse Deus na altura imensa:
"Faça-se agora mais luz!"
E um livro desceu brilhando,
Para a História envilecida:
Era o Evangelho da Vida,
Sob as lições de Jesus.

Tremeram dourados sólios,
O orgulho caiu de rastros;
Arcanjos vinham dos astros
Em cânticos de louvor.
Mas ao invés da vingança,
Contra o ódio, contra a guerra,
O Livro pedia à Terra:
Bondade, Perdão e Amor...

Começou o novo Reino...
Horizontes infinitos
Descerraram-se aos aflitos,
Perdidos nos escarcéus;
Os fracos e os desditosos,
Os tristes e os deserdados,
Contemplaram, deslumbrados,
Novos mundos, novos céus.

Desde então a Humanidade
Trabalha, cresce, por lia,
Ao clarão do novo dia,
Por escalar outros sóis;
E a Mensagem continua,
Em sublimes resplendores,
Formando Renovadores,
Artistas, Santos e Heróis.

Espíritas, companheiros
Da grande Luz Restaurada,
Tracemos a nossa estrada,
Na glória do amor cristão;
E servindo alegremente
Na luta, na dor, na prova,
Busquemos na Boa-Nova
O Livro da Redenção!

86

O PRESTÍGIO DO CHICO

O professor Lauro Pastor e sua digna esposa, D. Dayse, e o Professor Pastorino passaram uns dias em Pedro Leopoldo.

Numa tarde, dia de sessão, acompanhados do Chico, dirigiam-se ao LUIZ GONZAGA.

Na rua principal, esquina do Centro, esbarraram com um rapaz embriagado, O Chico, ao vê-lo:

— Como vai, meu amigo? Fique com Deus!

— Vai também com Deus, Chico, que eu não sei com quem vou...

Terminada a sessão, o Professor Pastor, sua esposa e o Professor Pastorino, agora desacompanhados do Chico, caminhavam para o Hotel, onde se achavam hospedados, quando vêem o moço, agora bem pior, xingando a todos os que lhe passavam perto.

Receosos de serem molestados, passaram de mansinho, para não serem percebidos. Mas foram por ele vistos e reconhecidos.

E, ante a surpresa dos que o rodeavam, do Professor Pastorino e do próprio casal, o moço ébrio fez um grande gesto para abrir caminho e exclamou bem alto:

— Abram alas, companheiros. Deixem estes passar, isto é gente do Chico!

87 O DIA COMEÇA AO AMANHECER

Estimulando a campanha espírita-cristã de amparo à criança, transcrevemos aqui a reconfortante Mensagem de Meimei, dada por intermédio do Chico, em 10 de agosto de 1952, em Pedro Leopoldo:

O DIA COMEÇA AO AMANHECER

Compadece-te da criança que surge ao teu lado.

O dia começa ao amanhecer.

Pai, mãe, irmão ou amigo, ajuda-a com teu coração, se pretendes alcançar a Terra melhor.

Lembra-te das vozes amigas que te induziram ao bem, das mãos que te guiaram para o trabalho e para o conhecimento.

Por que não amparar, ainda hoje, aqueles que serão, amanhã, os orientadores do mundo?

Em pleno santuário da natureza, quantas árvores generosas são asfixiadas no berço? Quanta colheita prematuramente morta pelos vermes da crueldade?

A vida é também um campo divino, onde a infância é a germinação da Humanidade.

Já meditaste nas esperanças aniquiladas ao alvorecer? Já refletiste nas flores estranguladas pelas pedras do sofrimento, ante o sublime esplendor da aurora?

Provavelmente dirás — “como impedirei o sofrimento de milhares”?

Ninguém te pede, porém, que te convertas num salvador apressado, cheio de ouro e de poder.

Basta que abras o teu coração, com as chaves da bondade, em favor dos meninos de agora, para que os homens do futuro te bendigam.

Quando a escola estiver brilhando em todas as regiões e quando cada lar de uma cidade puder acolher uma criança perdida — ninho abençoado a descerrar-se, carinhoso, para a ave estrangeira — teremos realmente alcançado, com Jesus, o trabalho fundamental da construção do Reino de Deus.

MEIMEI

88

MENSAGEM DE BOM ÂNIMO

Em 5 de agosto de 1953, estávamos no “Centro Espírita LUIZ GONZAGA”, em Pedro Leopoldo, junto do Chico.

E sinceramente, no íntimo, desejávamos receber alguma palavra de estímulo dos Amigos Espirituais.

E essa palavra veio no soneto intitulado “Mensagem de Bom Ânimo”, abaixo transcrito, que nos foi endereçado:

MENSAGEM DE BOM ÂNIMO

Enquanto o mundo hostil ruge e se desatina
No mal com que a si mesmo alanceia e atraiçoa:
Guarda contigo a paz risonha, amiga e boa
E avança com Jesus na jornada divina.

Segue ostentando na alma a rútila coroa
Da humildade e do amor, na fé que te ilumina.
E, abrindo o coração qual fonte cristalina,
Aprende, aluda e crê. Serve, luta e perdoa...

Fita o Mestre na cruz e segue-O monte acima
Recebe, jubiloso, a dor que te sublima
E abraça na bondade a senda meritória.

E, embora a tempestade em que a terra se agita.
Terás contigo mesmo a beleza infinita
Da Suprema Alegria em Suprema Vitória!

AMARAL ORNELAS

89

APELO AO TRABALHO MAIOR

Em 1 de dezembro de 1953, de volta a Pedro Leopoldo, recebemos, pela mão do Chico, a seguinte Mensagem do nosso caro companheiro Braga Neto, que oferecemos aos nossos leitores:

“Aí vai o nosso apelo ao Trabalho Incessante e Maior.

Hoje entendo que o Espiritismo é muito mais que uma Doutrina para o nosso modo de crer, muito mais que um sistema de indagação da fé... Representa, acima de tudo, uma luz para o coração e para a inteligência, requisitando-nos todas as possibilidades para expressar-se em serviço aos nossos semelhantes que, no fundo, é sempre socorro e assistência a nós mesmos.

Um corpo carnal é um templo vivo, onde nosso espírito consegue furtar-se às escuras reminiscências do passado culposo e, simultaneamente, em que nos cabe aproveitar o presente na estruturação do futuro.

Por mais que se nos agigante o entendimento no mundo, no estado atual de nossa evolução, não compreendemos a riqueza da reencarnação, em todo o sentido que lhe diz respeito. A existência física é dádiva das mais preciosas, de vez que, por ela, é possível renovar o caminho de nosso espírito para a imortalidade vitoriosa. A Terra é uma escola onde conseguimos recapitular o pretérito mal vivido, repetindo lições necessárias ao nosso reajuste. Por isso é imprescindível procurar, enquanto aí, o aproveitamento individual da oportunidade, disputando, em nosso benefício, os louros do aprendiz aplicado aos ensinamentos que recolhe... Muito nos pesa reconhecer valiosos companheiros nossos mergulhados na corrente agitada de velhas discussões que, a rigor não edificam, perdendo-se elevado patrimônio de tempo e de empréstimo ao Senhor.

O rótulo não define a substância. O título, entre os homens, nem sempre se reveste do valor que lhe corresponde. Palavras precisam de base para o auxílio a que se destinam. Do que posso agora observar, à distância do turbilhão, destaca-se o reconhecimento das horas perdidas, de mil modos diferentes, no curso de nosso breve aprendizado, na experiência física, que, em não nos pertencendo, já que o tempo é um depósito do Senhor, nos agravam os compromissos. Tudo na face do planeta é pura transformação. Os dias se sucedem uns aos outros, mas não são iguais. A infância de hoje é juventude amanhã, tanto quanto a mocidade de agora é maturidade depois. Mais que parece, voa o século e, com ele, se apaga o ensejo de ressurreição espiritual, dentro de nós mesmos, se não soubermos gastar sabiamente o crédito que Jesus nos empresta, em precioso adiantamento, no santuário da confiança.

Aproveitemos, desse modo, a Mensagem do Evangelho por norma de luz, no ímo da própria consciência, a fim de que a libertação definitiva surja para nós na vida eterna. Enquanto a perturbação palavrosa se alonga nas linhas da luta a que fomos chamados, saibamos construir em nós mesmos o altar de serviço ao próximo para receber a Divina Vontade, oferecendo-lhe a execução.

Continuemos em nosso antigo passado, buscando dessedentar a própria alma na fonte da humildade e da oração. A subida com Jesus é sacrifício na marcha da renúncia a nós próprios. Na Jerusalém convulsionada do mundo, autoridades e poderes, sacerdotes e doutores, filósofos e cientistas, homens e

mulheres ainda se aglomeram ao pé da cruz, indiferentes à sorte do Divino Emissário, hoje personificado em seus princípios, que sofrem menosprezo em quase todas as direções; mas o discípulo sincero não ignora que o Mestre não somente escalou o Monte do testemunho, mas além do Monte, escalou o madeiro de martírio e perdão, para ressurgir triunfante, enfim...

Não esmoreçamos.

Prossigamos com Jesus, hoje amanhã e sempre.”

BRAGA NETTO

90

A VERDADE É COMO O DIAMANTE

Uma irmã, companheira de viagem, conversava conosco no Hotel Diniz, em Pedro Leopoldo, sobre um assunto familiar.

De uma feita, foi obrigada a dizer a verdade nua e crua a uma parenta, como uma advertência ao seu mau gênio e por haver incidido num erro grave.

Delicadamente, contrariamos seu ponto de vista afirmando-lhe:

— Que ninguém ensina ferindo, como nos lembra André Luiz num de seus poemas de AGENDA CRISTÃ.

A irmã considerou-se vencida mas não convencida.

Fomos à casa do irmão André, onde o querido Chico nos esperava.

Depois dos abraços, já sentados e atentos à palavra do benquisto Médiun, sob nossa surpresa, conta-nos, logo de início:

Emmanuel, uma vez, me disse que a Verdade é como o diamante.

Olhamos para a irmã, convencidos de que os Espíritos ouviram a nossa conversa no Hotel.

E o Médiun prosseguiu:

Oferecemos o diamante a uma moça e ela, com a pedra preciosa, transforma-a numa jóia de realce à sua beleza; oferecemos o mesmo diamante a um pobre irmão enfermo e, ele satisfeito, troca-o por dinheiro, com que compra alimento e remédio. Mas, numa hora de descontrole moral, jogando-o à face de alguém, esse alguém todo se envergonha e envia-nos um olhar cheio de vingança e de ódio... Então, a Verdade deve ser dosada. Não deve ser dita nua e crua, senão, ao invés de bem, fará mal...

A caríssima irmã, companheira de viagem, considerou-se afinal convencida.

A Vitória era de Jesus, nas Lições de seu Evangelho.

91

A LIÇÃO DO PRÉDIO QUE SE INCLINARA

A Imprensa belorizontina noticiara, com alarde, que um prédio de 10 andares, depois de pronto e com o HABITE-SE, inclinara-se visivelmente.

Em redor, aglomeravam-se muitas pessoas curiosas, comentando o erro de cálculo do Engenheiro construtor.

O Chico por ali, passa, vira o prédio interditado e ouvia as diversas críticas.

Emmanuel a seu lado, lhe diz:

— Veja e medite. Por um erro de cálculo perde-se um prédio de dez andares: também em nossa existência, por um erro, conseqüente da falta de oração e vigilância, inclinamos, tombamos, inutilizando muitos séculos de nosso edifício espírita!...

92

O HÁBITO DE FUMAR

Um irmão, que fumava 100 cigarros por dia, pediu um conselho ao Espírito de Emmanuel sobre o hábito pernicioso a que se entregava, e o Mentor espiritual atendeu-o, exclamando:

— Melhoremos a nós mesmos, meu filho.

Disse o consulente, — eu — desejava um conselho mais direto.

— Fume menos...

— Ora essa! o que desejo é uma resposta positiva...

Emmanuel, então, endereçou-lhe as seguintes palavras:

— Meu amigo, entre fumar e não fumar, é melhor não fumar. Entretanto, se você pretende fazer alguma coisa pior, continue fumando...

93

OURO E EXPERIÊNCIA

O Chico, em excursão com seu chefe de serviço, expondo aqui e ali apuradas amostras de gado, passou por Sabará e, dali, pelas Minas de Morro Velho.

Visitou-as por horas.

E deslumbrou-se com o que viu.

O trabalho afanoso e sacrificial da extração do ouro, sua busca, em cascalhos, no seio da terra, numa profundidade e distância incomensuráveis, causou-lhe assombro inopinado.

Observou um irmão idoso, calejado naquele serviço, a que dera toda sua existência, e perguntou-lhe:

— Amigo, o ouro é extraído com facilidade?

— Nada disso, moço. Em 40 toneladas de pedra, encontramos, às vezes, tão somente 100 a 200 gramas de ouro.

E Emmanuel, que tudo ouvia, comentou:

— Assim, Chico, sucede na vida. Precisamos, quase sempre, de 40 toneladas de aborrecimentos bem suportados para obtermos 100 a 200 gramas de conhecimentos e experiência..

94

QUE SERIA DA PEDRA SEM O MARTELO?...

Na sua profissão de serventuário público, o Chico, certa vez, foi visitar um companheiro, que residia a alguns quilômetros além de Pedro Leopoldo.

O companheiro, intempestivamente, o recebe com duas pedras na mão. Xinga-o a valer.

E, quando o Chico tentava responder, delicadamente, Emmanuel intervém, dizendo-lhe:

— Não diga nada, exemplifique a própria fé, suportando-lhe a injustiça e os desabafos.

— Ele sofre do fígado, e há dias que vem sentindo cólicas hepáticas.

— Não revide a insultos e exacerbações. Ele precisa exteriorizar os venenos que lhe estão na alma e no corpo e, você, de limar-se, apurar-se e burilar-se, silenciando...

E com um sorriso doce, o bondoso Mentor rematou o assunto com esta pergunta:

— Ademais, que seria da pedra sem o martelo?...

95 A LIÇÃO DO BILHAR

Num domingo em que estava de plantão no estabelecimento do qual é empregado, Chico levantara-se cedo e foi a pé para seu escritório.

Ao passar, às 7 horas da manhã, defronte de um bar, admirou-se por ver, tão cedo, um grupo de rapazes jogando bilhar.

Na hora do almoço, os mesmos rapazes jogavam bilhar..

De tarde, às 17 horas, veio para jantar, e, de volta, reparou que o mesmo grupo ali estava, no bar, carambolando.

Por fim, às 22 horas, ao regressar à casa, acabada sua tarefa, passou de novo pelo mesmo local e, surpreso, verificou que o mesmo conjunto de jovens ali estava ainda no mesmo entretenimento.

Exclamou consigo mesmo: — Meu Deus, será possível o que vejo? Tenho tanto trabalho, não me sobra tempo para perdê-lo. No entanto, esses moços atravessaram o dia inteiro em passatempo inútil...

De imediato, porém, ouviu a palavra de Emmanuel, a dizer-lhe:

—O bilhar também é uma criação de Deus.

Detém os espíritos para que não sigam o caminho das trevas.

Enquanto estes jovens se divertem, não mentalizam crimes, não aumentam as próprias faltas e nem dão acesso aos pensamentos tenebrosos dos espíritos cristalizados na delinqüência. Aprendamos, desse modo, a respeitar a Bondade de Deus.

96 UMA ADVERTÊNCIA E UM ENSINO

O Chico, em certa noite de sessão pública, no “LUIZ GONZAGA”, achava-se muito triste.

Um jornal atirara-lhe ao nome acusações descabidas.

A maledicência, crescera, abundante.

Casimiro Cunha, porém, aparece-lhe, sorri com bondade e escreve, tomando-lhe as mãos:

Homem com pressa no bem,
Cujos passos não recua,
Não consegue reparar
O cão que ladra na rua.

O Médiun lê e sorri.

Consolado, retorna ao serviço da noite e segue para a frente.

E a quadra ficou valendo por um ensino, podendo ser encontrada no livro “Gotas de Luz”.

97

RECEITA PARA MELHORAR

Em julho de 1948, o nosso confrade Jacques Aboad, de passagem por Pedro Leopoldo, conversava, ao lado de outros confrades, em companhia do Chico, sobre os trabalhos de aperfeiçoamento da alma.

A conversação deu lugar à prece em conjunto.

E, manifestando-se, pelo Mèdium, José Grosso, dedicado e alegre companheiro desencarnado, dedicou aos presentes os seguintes apontamentos:

RECEITA PARA MELHORAR

Dez gramas de juízo na cabeça.
Serenidade na mente.
Equilíbrio nos raciocínios
Elevação nos sentimentos.
Pureza nos olhos.
Vigilância nos ouvidos.
Lubrificante na cerviz.
Interruptor na língua.
Amor no coração.
Serviço útil e incessante nos braços,
Simplicidade no estômago.
Boa direção nos pés.
Uso diário em temperatura de boa-vontade.

JOSÉ GROSSO

Supomos descobrir, neste curioso receituário, excelentes motivos para sorriso e meditação.

98

O HOMEM DOS VINTE CONTOS

Um amigo de Belo Horizonte disse, um dia, ao Chico:

— Tenho ido ao Centro “LUIZ GONZAGA”, sempre que me é possível, e, nas preces, tenho rogado a Loteria.

E vendo a estranheza do Médiun acentuou:

— Se eu ganhar, darei ao “LUIZ GONZAGA” vinte contos.

Os dias correram e o homem ganhou a sorte grande.

Duzentos mil cruzeiros.

Quando isso aconteceu, sumiu de Pedro Leopoldo...

Se via o Chico por Belo Horizonte, evitava-lhe a presença.

— Imaginem! — costumava dizer na prosperidade crescente que o Céu lhe concedera — em minha ingenuidade, prometi uma dádiva a um Centro Espírita, se melhorasse de sorte! Quanta asneira falamos sem perceber!

Catorze anos rolaram e o homem da sorte grande morreu... Passados alguns dias, apareceu, em espírito, numa das sessões do “Centro Espírita LUIZ GONZAGA”.

— Chico! Chico! — disse ao Médiun, buscando abraçá-lo, — preciso pagar a minha dívida! Estou devendo vinte contos ao “LUIZ GONZAGA” e vou trazer o dinheiro...

— Acalme-se, meu amigo, agora é tarde — respondeu o Médiun, — o câmbio mudou para você. Não se preocupe. A sua fortuna está em outras mãos.

— Por que? Nada disso... O dinheiro é meu...

— Já foi, meu irmão! Você está desencarnado.

A entidade gritou... gritou... e acabou perguntando em lágrimas:

— E, agora, que fazer?

Mas o Chico lhe respondeu:

— Esqueça-se da Terra, meu amigo. Nós todos somos devedores de Jesus. Paguemos a Jesus nossas contas e tudo estará bem.

Amparado pelos benfeitores espirituais da casa, o homem dos vinte contos, já desencarnado, retirou-se chorando.

99

AS CARTAS DO DR. GUILLON RIBEIRO (1)

Conversávamos com o Chico Xavier o assunto das cartas, focando os irmãos que se utilizam das mãos para abençoar e escrever e, assim, consolam e medicam. Abençoadamente, escrevem cartas que nos levantam de situações delicadas, cartas que afagam, que são como raios de sol penetrando às sombras de nossos corações doentes.

Lembrávamos-lhe de outras contendo reprimendas, asilando estados de cólera, carregando venenos, bombas, derruindo lares, adoecendo almas e corpos, semeando o mal.

Humberto de Campos, o mago do conto e da crônica, em uma de suas inspiradas “Reportagens de Além-Túmulo”, cita-nos o mal que uma dessas cartas fez.

Então, o nome querido do sãudoso Dr. Guillon Ribeiro vem à tona. E Chico cita-nos o bem que lhe fizeram as cartas do bondoso e culto Espírito, que, por muitos anos, a contento geral, foi o Presidente da Casa de Ismael. Citamos-lhe também os nossos casos, pois que os temos muitos, e graças outras obtidas pelas cartas do esclarecido autor do belo livro NEM HOMEM NEM DEUS, que melhor definiu a personalidade imácula do Divino Amigo. E concluímos: que esta era a sua especialidade através do que escrevia, mandar seu coração, todo bondade, seu espírito, todo Evangelho, aos lares dos irmãos amigos e até adversários. Ninguém as lia sem que se sentisse visitado por algo balsamizante, que esclarecia e emocionava.

Nesta altura, o Chico particulariza: que atravessava uma fase dolorosa no seu mediunato. O Dr. Guillon Ribeiro soube, pois se carteavam constantemente. E mandou-lhe uma carta que vive, com outras, no meio de seus papéis de estima. Escreveu-lha, parece-me, com a pena do coração e a tinta do pranto, pois que, ao recebê-la, sentiu-se afagado, esclarecido, emocionado, finalmente, alegrado com a Tarefa árdua que realiza, em nome do Senhor.

E, por algum tempo, ficamos memorando passagens outras das cartas do grande Irmão, tão modesto quanto bom, que escrevia seus artigos refertos de ensinamentos cristãos e não os assinava. Fazia o bem e escondia-se. E aí está, concluímos, porque busca nas missivas o melhor meio para anonimar-se, fazendo o bem, escrevendo as mais lindas e eruditas páginas sobre doutrina e deixando, nelas, um pouco de si mesmo, raios de luz de seu espírito. As flores do seu coração!

Que Jesus o abençoe!

100 FLORES DO CORAÇÃO

Em Pedro Leopoldo, numa Sessão do LUIZ GONZAGA, em fevereiro de 1956, assistimos ao seguinte: um auditório numeroso superlotava o Centro. Perto do Chico, um grupo de mães sofredoras e pesarosas, chorando o decesso de seus filhos amados. O querido Médiun ouviu-as com atenção e considerou amorosamente: Minhas irmãs, consolai-vos com esta verdade: um dia vereis, na Pátria Espiritual, os vossos filhos, todos os vossos entes familiares. É preciso, no entanto, que daqui partais triunfantes para vê-los também triunfantes. E, para saídes daqui triunfantes, faz-se mister que luteis, que não deixeis de lutar. Transformai, pois, esta tristeza do mundo, que vos adoce, pela Tristeza segundo Deus, que tudo sabe. A luta é redentora. É ela que nos fará vencer a morte em busca da vida verdadeira. Estou há 28 anos no exercício da mediunidade. Ainda não passei um dia sem sofrer e chorar. Posso morrer, tenho este direito e isto me consola, mas ficar triste e parar de lutar, nunca. Nosso Dever é lutar, com fé, como uma gratidão a Jesus, que até hoje luta e sofre por nós.

Todos os olhos cheios de lágrimas das mães presentes deixavam de chorar e encheram-se de um novo brilho. Consolaram-se. Em seus corações caíram luzes esclarecedoras, flores do coração de um vero servidor de Nosso Senhor Jesus Cristo!

101 PERDOAR E ESQUECER

Alguém já disse que a falta de perdão e de esquecimento de injúrias tem sido a causa de muito fracasso na prova de todos nós.

Muitos irmãos perdoam, dizem, mas não esquecem as ofensas recebidas. Não sabem ou não podem esquecer. Por mais que façam por onde, a ofensa, a ingratidão, a injustiça, que ferem e magoam, não saem de suas mentes e de seus corações.

Conversamos assim, em Pedro Leopoldo, com alguns confrades, após havermos participado da Sessão do LUIZ GONZAGA, que fora como sempre tão instrutiva. Nela, diante de uma assistência quantiosa, caiu, por sorte, a lição evangélica: O PERDÃO E O ESQUECIMENTO DAS OFENSAS, que foi comentado por parte dos irmãos que tomaram parte na mesa.

Em caminho para a casa do caro Irmão André, o Chico, que ouvira a nossa conversa, contou-nos: há tempos, há uns 20 anos ou menos, recebi uma grande ofensa por parte de alguém a quem muito beneficiara. Calei-me, tendo pedido a Jesus para me ajudar a não guardar mágoa pelo ofensor, a não lhe querer mal e a esquecer a ofensa recebida.

O ofensor mudou-se de Pedro Leopoldo e não lhe soube mais notícias. Esqueci-o de fato.

Passado muito tempo, observei que um irmão, daqui não me era estranho, e, logo assim me via, escondia-se, fugia de mim. Fiquei preocupado: teria eu lhe feito algum mal!... E esperei. Numa tarde, numa esquina de rua, encontramos-nos e fui ao seu encontro e o abracei, dizendo-lhe: que é isto, por que foge de mim, será que o molestei alguma vez? O irmão, mostrando nos olhos grande surpresa e comoção, me respondeu:

- Eu é que estou arrependido da ofensa que lhe fiz...
- Ofensa, não me lembro, quando, em que lugar?
- Há uns 20 anos atrás, ali no bar.

Foi, então, que me lembrei da ofensa, que, dentro de mim, estava morta, porque Jesus me ajudara a esquecê-la... Abraçamo-nos. E, de novo, caminhamos como bons irmãos.

A lição do Caso nos comoveu, perguntou-nos o espírito e valeu pela mais linda das lições e pelo melhor dos remédios à nossa doença de não querermos perdoar ou de não sabermos ou querermos esquecer ofensas recebidas.

102 AS CARTAS DO DR. GUILLON RIBEIRO (2)

Nosso distinto confrade Thomas Menezes, estimado Espírita da cidade de Petrópolis, onde dirige, com segurança, o Centro Bezerra de Menezes, compareceu à nossa residência especialmente para louvar os LINDOS CASOS DE CHICO XAVIER, que, ao seu dizer, lhe confortavam muito, e para nos mostrar, dentre outras, uma carta do Dr. Guillon Ribeiro, que transcrevemos abaixo, como testemunho do que afirmamos: que esse nosso saudoso irmão, através de suas cartas, evangelizou muitos corações e resolveu de muitos irmãos casos dolorosos. Nosso caro irmão Thomaz Menezes, em 1933, atravessava uma quadra difícil; como se compreenderá da resposta que recebeu. Pôs em prática os conselhos recebidos e conseguiu solucionar sua situação.

E, hoje, decorridos 26 anos, pode afirmar que Jesus, por intermédio do Dr. Guillon Ribeiro, o ajudou, e lhe deu o remédio de que precisava. Leiamos, pois, a carta, com atenção e carinho, tanto mais que revela lições importantes e que se atualizam com os nossos dias:

Rio, 31/1/1933.

Prezado irmão Thomaz Menezes.

Paz em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Recebi sua estimada carta de 14 do corrente e vivamente me penalizaram as rudes provas por que tem passado pessoalmente, bem como os demais membros da sua família, provas de que nela me informa e que culminaram e ficar o seu irmão Eugênio com as faculdades mentais perturbadas.

Não sei se o amigo conhece alguma coisa da Doutrina Espírita. Como quer que seja, procure conhecê-la bem, porque só ela explica racionalmente essas e todas as outras vicissitudes de ser das dores e dos sofrimentos que lhe são peculiares, em face da justiça, da misericórdia e do amor infinito de Deus, nosso Criador e Pai. Só ela nos dá a conhecer o que é a existência corpórea, em seu verdadeiro significado, o que representa, como fator do progresso de nossos Espíritos, objetivando a realização do destino único para que ele nos criou a todos — a suprema felicidade, que alcançaremos quando chegarmos à perfeição moral. Ainda mais: só por ela conhecerá todo o valor da prece e aprenderá a valer-se desta, para atrair o amparo, a assistência, e o auxílio dos bons Espíritos que, como mensageiros do Senhor, são os distribuidores das esmolas do seu coração boníssimo.

Digo-lhe isto, porque na prece, feita de coração, com fervor e humildade, é que o amigo e os que o rodeiam encontrarão o conforto de que necessitam, o bálsamo para as feridas que se lhes tem aberto na alma e as energias morais indispensáveis a enfrentarem com paciência, resignação e humildade as provações que ainda lhes estejam reservadas, certos de que, se Deus, que é bom, que é infinitamente bom, permite que as soframos, Ele a cuja revelia não cai um só cabelo das nossas cabeças, é que elas são úteis e necessárias aos nossos Espíritos, a fim de que estes sejam o que devem ser, correspondendo aos seus desígnios, isto é, verdadeiros filhos seus, pela observância da lei suprema, que enfeixa em si todas as leis emanadas da sua onisciência, a que nos prescreve amá-LO acima de todas as coisas, amando ao próximo como a nós mesmos, perdoadando a todos e sempre para sermos perdoados de nossos

erros, culpas, faltas e crimes, oriundos todos do orgulho e do egoísmo, que são os nossos maiores inimigos. Fazendo-nos ter olhos de ver somente as coisas da vida material, em detrimento da vida espiritual, que é a verdadeira vida, o orgulho e o egoísmo são a causa principal das nossas decepções, aflições e amarguras. E a força nos faltará sempre para combatê-los, para deixarmos de ser escravos, para deixarmos de ser, pelo ascendente deles, filhos do pecado e nos tornamos filhos de Deus pela posse das virtudes que lhe são opostas, se não recorrermos continuamente à prece, entendendo-a no seu verdadeiro significado e fazendo-a, não de lábios apenas, mas com verdadeiro sentimento cristão. Ponha em prática estes conselhos e verá como a alegria se voltará ao seu Espírito e dos que lhe são caros.

Quanto ao seu irmão Eugênio, o Espírito amigo a quem consultei sobre ele, respondeu o seguinte:

“Alma sem a força da fé, não resistiu à prova. Só um trabalho espiritual, feito com a unção do sentimento da caridade, e com absoluta confiança em Deus, poderá curá-la. Mas, para isso, é indispensável que ele esteja num meio afetuoso e calmo, sem o que não haverá possibilidade de bom êxito. Lá onde se acha não melhorará, ao contrário, piorará cada vez mais.

Para os membros da sua família, imploro a Deus coragem e resignação nas suas provas”.

A isso, nada me resta acrescentar, depois do que acima deixei dito.

O que lhe posso afirmar é que a Jesus e à nossa Mãe Santíssima rogarei com fervor o bálsamo do amor e da misericórdia de seus corações amantíssimos, para o amigo e para todos os membros da sua família.

Paz, humildade e fé.

Fraternas e cordiais saudações do irmão e amigo

GUILLON RIBEIRO

103

PROFESSORA ROSÁLIA LARANJEIRAS

A prezada irmã Naná, proprietária do Hotel Diniz, — posto seguro de descanso e fraternidade para os espiritistas que chegam a Pedro Leopoldo, visto que, nele, ela mantém, com sua boa conversa e seu espírito evangelizado um clima de paz e boa vizinhança, contou-nos o seguinte: D. Rosália Laranjeiras morreu no ano passado em Belo Horizonte. Era uma boa criatura, muito abnegada, sincera e serviçal. Foi a primeira e única Professora do Chico no Grupo Escolar desta localidade. Foi quem descobriu a mediunidade notável de nosso bondoso Francisco Cândido Xavier. Fazia convescotes, passeioS campestres com os alunos, uma vez por semana, possibilitando-lhes sentirem a natureza, traduzirem-lhe a Mensagem de amor, viverem um dia de primavera. No dia seguinte, no entanto, teriam de dar-lhe por escrito, a impressão do passeio. O Chico, nas descrições, tirava sempre o primeiro lugar. Era dele a composição melhor. E isto foi chamando a atenção de todos e dela mesmo. Não era possível. O Chico deveria ter de cór o que escrevia porque excedia e muito o que aprendera. E assim pensando, preparou-lhe uma armadilha.

Realizou um passeio mais cedo e na volta encaminhou todos os alunos para o Grupo.

Desejava ali, naquele mesmo dia, a impressão. Distribuiu-lhes o papel e esperou. No julgamento, o Chico tirou, de novo, o primeiro lugar: escrevendo uma verdadeira página literária sobre o amanhecer e daí tirando conclusões evangélicas. D. Rosália mandou os alunos para casa e foi mostrar aos seus amigos íntimos a composição do Chico e todos foram acordes em reconhecer que aquilo ou fora copiado ou, então, era dos espíritos. Cheirava mediunidade... E, desta forma, o querido Médiun ficou sob observação e sendo o assunto do dia como até hoje ele o é...

Depois, alguém apareceu na sua Estrada. As primeiras sessões foram feitas, O PARNASO DE ALÉM-TUMULO foi iniciado. A Fonte começou a jorrar e tornou-se com o tempo, por graças de Deus, uma corrente de água pura, maravilhando-nos e dessedentando-nos. Que o Divino Mestre dê hoje e sempre bastante Luz, Força, Paz e Proteção ao seu vero servidor que lhe exemplifica o Apostolado e nos mostra, como modelo, como devemos servi-LO.

104 HUMILDADE OU SEM VERGONHA?

O Chico, num momento de distração, em que se sentia fisicamente desgastado, pois já havia atendido cerca de 80 casos, cada qual mais doloroso, como sucede diariamente, foi procurado por um irmão que o caceteou por mais de duas horas. O boníssimo Médiun sentia-se experimentado em demasia. Tratava-se de um desses casos para o qual o saudoso Dr. Bezerra receitara prisão em vez de oração, por se tratar de espíritos abusadores. E, num momento de descuido, deixou o importuno irmão falando sozinho, dizendo-lhe: não me amole e até logo... Isto foi o bastante para criar um desafeto que passou, daí em diante, a não corresponder ao seu cumprimento.

O Chico sentiu o CASO. Nunca fizera desafetos. Possuía, como possui, a sua estrada livre, sem inimigos. E procurou resolvê-lo cristãmente. E, numa tarde, pondo a vergonha de lado e vestindo-se de bastante humildade, procurou o INIMIGO. E esse, atendendo ao Chico e à sua justificativa, saiu-se com esta: Chico, você me procura por ser humilde ou sem vergonha?

— Por ser sem vergonha...

— Ah! Então aceito o seu gesto de amizade, porque vejo que você é mesmo sincero... E tornaram-se, de novo, bons amigos.

105 O MELHOR DOS PRESENTES

Nosso caro irmão Agostinho João de Deus residiu em Sabará, no Estado de Minas, entre os anos de 1940 a 1946, em cuja estação da Central exerceu a função de Auxiliar de Agente. Neste período, prestou ótima colaboração à nossa Campanha de Alfabetização.

Hoje, reside no Rio e, como é sincero admirador de Francisco Cândido Xavier, a quem visitava semanalmente e de quem recebeu muitos benefícios, contou-nos os dois Casos abaixo:

Durante 6 anos seguidos, uma vez por semana, visitou o Chico Xavier e, muito especialmente, em 2 de abril de cada ano, data do seu aniversário natalício.

Em 2 de abril de 1945, compareceu a Pedro Leopoldo, levando apenas, como presente para o Chico, um pequeno ramallete de rosas vermelhas, visto que seu pequeno ordenado de ferroviário não lhe permitia comprar algo melhor. Humildemente, deixou-o com a bondosa Geralda, irmã do estimado Médiun e, ela sem que o Chico soubesse, colocou-o numa jarra da mesa do Centro Espírita Luiz Gonzaga, momentos antes da sessão.

O Chico, às voltas com os abraços dos muitos amigos, que o felicitavam pela grande data, somente conseguiu ver e abraçar o Agostinho no término da reunião.

E, como a provar-lhe de que não se esquece de ninguém, não faz pouco caso de nenhum irmão, acercou-se dele e foi dizendo-lhe, sob sua surpresa e emoção:

Agostinho, Emmanuel pede-me que lhe agradeça as lindas rosas. Trazem algo de você e enfeitaram a nossa reunião. E acredite: foi o melhor dos presentes que recebi.

106 VENDO MAIS ALÉM...

Em fins de 1945, o irmão Agostinho João de Deus adquirira a MALEITA. E foi a Pedro Leopoldo pedir ao Chico uma receita.

O Chico o atendeu prontamente. Na receita vinha o medicamento ATEBRINA. E, ao entregar-lhe a receita, considerou:

— Agostinho, este remédio é alemão e, em virtude da guerra mundial, está muito escasso nas farmácias. Pensou um pouco e, como quem procurava ver mais além, concluiu:

— Mas você vai encontrá-lo numa das farmácias de Sabará, que ainda possui meia dúzia dele.

Agostinho agradeceu ao Chico e partiu... Em Belo Horizonte procurou-o em várias drogarias e farmácias e não o encontrou. Em chegando a Sabará, foi incontinenti procurá-lo. E, de fato, numa das três farmácias existentes, encontrou meia dúzia de vidros de ATEBRINA...

Tomou-o e, graças a Deus, com um só vidro, ficou curado.

107 CISCO

Falávamos ao Chico dos nomes e suas traduções, particularizando alguns de nosso conhecimento. Lembramos de um caro irmão, hoje na Espiritualidade, e com quem trabalhamos na Central do Brasil. Chamava-se JULEMO e seu nome veio de Juvenal, seu pai, Leonor, sua progenitora, e Moraes, o sobrenome de ambos.

O Chico sorriu e saiu-se com esta, revelando-nos a alma cândida e humilde:

— Então, meu nome não serve para nada, porque termina em cisco...

108

A TERRA VAI TREMER...

Nossos irmãos Protestantes, numa segunda-feira de agosto de 1951, distribuíram em Pedro Leopoldo uns panfletos em que pediam à população para comparecer ao seu templo, a fim de orar e se preparar para os momentos difíceis anunciados. Finalizavam prenunciando que a TERRA IA TREMER como um aviso premonitório à recomendação das Escrituras..

À noite, na sessão do LUIZ GONZAGA, o Chico, quando psicografava, viu dois espíritos comentando:

— Você leu o que dizem os Protestantes?

— Não, que foi?

— Anunciaram que a TERRA VAI TREMER...

— Pois TREME TARDE, respondeu-lhe o outro, sob o riso velado de outros espíritos presentes..

Felizmente, durante a sessão, por vários oradores, foi prelecionado, a contento, o tema do Evangelho sobre os TEMPOS CHEGADOS, para que todos ficássemos a TREMER de medo, não porque a terra vai tremer, mas pelos nossos quantiosos e seculares vícios e pelas responsabilidades que temos conosco, com Jesus e Deus!

109

CASOS DOS CASOS DE CHICO...

O prezado confrade Manoel Franco, Presidente do Centro Espírita FILHOS DE DEUS, da Colônia de Curicica, desta Capital, Contou-nos:

Li e reli, com prazer e emoção, os LINDOS CASOS DE CHICO XAVIER. Viajando, há dias, num trem da Central, no ramal da Linha Auxiliar, observei que uma senhora, a meu lado, lastimava-se, junto a uma companheira, porque residia perto de uma vizinha, que, na sua ausência, lhe roubava as galinhas. Lembrando-me do Caso da HISTORIA DA CHAVE dos Lindos Casos, contei-o à irmã para que o experimentasse. Aceitou meu conselho. E, dias depois, veio dizer-me, encantada, que a História da Chave, que ela procura adaptar ao seu caso, dera um ótimo resultado. Todas às vezes que sai, dá a chave da casa à vizinha. E, até hoje, as galinhas deixaram de desaparecer e nunca sua residência ficou tão bem guardada.

110 O REMÉDIO...

Em julho de 1957, fomos a Natal, no Rio Grande do Norte, a fim de assistir ao casamento de um filho. Chegamos às 14 horas, numa sexta-feira, e, às 19, depois do jantar, fomos visitar a Federação Espírita, que tinha como Presidente o distinto confrade, Professor Abdias Antônio de Oliveira, já desencarnado.

Foi uma festa de corações afins, que se estimam e sentem as mesmas responsabilidades junto ao Cristo. Tomamos, parte na Sessão Doutrinária, que começou às 19:30. Instado pelo Presidente e sentindo a elevação do ambiente, falamos aos caros irmãos nordestinos. Quando terminamos, a prezada irmã, D. Dagmar Melo, Vice-Presidente da Federação, visivelmente emocionada, contou-nos:

Há dias, antes de sua chegada, recebi do Sr. Abdias um exemplar do magnífico livro LINDOS CASOS DE CHICO XAVIER. Levei-o para casa e, a noite, li, comovendo-me e esclarecendo-me com alguns Casos. E, imediatamente, escrevi uma carta ao querido Chico Xavier, fazendo-lhe uma consulta sobre um problema do lar. Terminada a carta, dobrei-a e a coloquei numa página do livro. Dormi e sonhei com o abnegado Médiun, que me dizia bondosamente:

— Irmã Dagmar, não precisa me mandar a carta, pois a resposta que me pede está na página em que a colocou. Nessa página encontrará a solução para seu problema.

Acordei, abri o livro e li, entre lágrimas, o Lindo Caso: — O REMÉDIO. Quando acabei, senti-me esclarecida. Chamei meu marido, colocando-o a par do sucedido. No dia seguinte, pusemos em prática o conselho recebido, servimos, tomamos o remédio oferecido pelas mãos abençoadas do Chico, e, graças a Deus, resolvemos nosso problema e nos sentimos curados de velhas e graves enfermidades...

111 INTUIÇÃO ATRAVÉS DO SONHO

Nossa irmã Olinda Marques servia de enfermeira a uma senhora idosa, parálitica e um pouco desmemoriada.

Sabendo que íamos visitar o Chico, pediu-nos obtivéssemos dele uma orientação. A resposta foi:

— Diga à nossa irmã Olinda que lhe darei uma intuição em sonho...

Em chegando aqui, nossa companheira Zezé Gama encontrou-se, casualmente, com D. Elvira Freitas. Presidente do Centro Espírita AMARAL ORNELAS, que ia fazer uma visita à sua consóror Olinda, e deu-lhe a resposta do Chico.

D. Elvira chega à casa de Olinda e não consegue falar-lhe, porque esta, logo que a vê, lhe diz enlevada:

— Imagine, D. Elvira, que sonhei com o Chico na noite de ontem. Ele me mostrava dois cérebros, um sadio e outro doente e dizia: o cérebro são deve tratar do cérebro doente, com paciência e amor.

E recebendo depois, o recado do Chico, ficou emocionada e seu caso esclarecido. E isto dentro de um ambiente de ternura e ajuda espiritual para que se patenteasse, ali, mais um Serviço do Senhor com vistas ao engrandecimento iluminativo dos corações chamados à Tarefa do Amor e da Luz!

112

VÁ COM DEUS! FIQUE COM DEUS!

Temos notado que, ultimamente, em nossos meios espíritas, principalmente, por parte de confrades que têm visitado o Chico ou lido os seus Lindos Casos, efetiva-se esta saudação entre os que ficam e os que partem:
VÁ COM DEUS! FIQUE COM DEUS!
DEO GRATIA!

113 ANTENA DE LUZ

O estimadíssimo polígrafo de Pedro Leopoldo é, em verdade, uma Antena de Luz captando de mais Alto, esclarecimentos, benefícios, consolação para seus irmãos da Terra.

Não podemos contar tudo quanto ouvimos do Chico ou lhe descobrimos em redor, revelando graças de Deus. Infinitades de Casos particularizam problemas íntimos e se referem a irmãos infensos à publicidade...

Ah! Se pudéssemos colocar aqui, como foram ouvidos e sentidos, todos os Lindos Casos, cada qual mais emocionante!

* * *

Ah! Pudesse o Chico revelar tudo o que vê, o que observa, no ar, junto às pessoas, dentro dos lares, em plena sessão do LUIZ GONZAGA, e quantas lições viriam à luz para alegria de poucos e contrariedade de muitos!.

E, desta forma, somente de leve, registramos aqueles que não firam a modéstia do Médiun e nem lhe tragam sofrimentos.

* * *

Pelo menos, citaremos os títulos de alguns, que guardam preciosas lições Evangélicas: — Comerciando com Deus; Boaventurices; O homem do Sedan; Uma flor e uma Prece; Vida Noturna; A coisa mais difícil; A escolha das rezes; Guia atrasado, Colaboradores dedicados; Meu Deus é outro; Se esperasse; A máquina de escrever; Seu desejo maior; A lição do bife; Mau alimento e mágoa; Parafuso pedindo férias; Conheçamos a nós mesmos; Datilógrafo da Espiritualidade; Trabalhite aguda; A grande socada; Se fosse preso; A arte não é para mim; Chico Xavier é preso, por engano; Depois ficou pior; Água e Conselho; Seremos uma Estrela de Cinco Raios; Remédio contra a Vaidade; Cachorro espírito; Uma flor murcha que revive; O contaminador; Bela Lição evangélica e muitos e muitos outros, que somente virão à publicidade se o abnegado Servidor de Cristo, que é Chico Xavier, nos autorizar.

114 O PREVISTO ACONTECEU...

Alguém procura-o em prantos, porque fora vítima de uma maledicência, da vingança de um adversário e cita-lhe o nome... E o caríssimo Médiun, estuário de infinidades de problemas, de queixas, de anseios os mais extravagantes, sofre e chora para, daí a instante, prelecionar:

— Perdoe, minha irmã, seu ofensor. Procure ter dó, comiseração de seu adversário, porque daqui a uns quinze dias, ele vai sofrer mais do que você. Vai passar por uma prova tão dolorosa, visto que apenas tem semeado espinhos em sua estrada, que você vai comiserar-se dele e esquecer o mal que lhe fez. Não procure, pois, vingar, revidar o insulto recebido. Deixe que cada um seja vingado por si mesmo, até compreender, com Jesus, o benefício do Perdão e o esquecimento das ofensas..

O previsto aconteceu. O ofensor, 15 dias depois, colheu o que semeara. Sofreu tanto que o povo do lugar em que residia soube e, dele, se comiserou, inclusive nossa irmã a quem tanto fizera mal. E mais uma Lição do Perdão vitoriou os princípios salvadores do Evangelho!

115 ESTAVA DOENTE E NÃO SABIA...

Nossa querida irmã Naná, proprietária do Hotel Diniz, possui uma série de Lindos Casos do Chico. Apenas estes nos autorizou a publicar:

Em 1943, em dias do mês de julho, achava-se gravemente enferma e não sabia. A lida do hotel era muita e não havia tempo para pensar em seu corpo. E encontrou-se com Chico, na porta do Correio, que lhe diz:

— Naná, o Espírito de sua mãe esteve comigo há pouco e pede para você urgentemente, procurar o Dr. José de Carvalho, pois você está muito doente e não sabe e pode, de um momento para outro, desencarnar e partir fora do tempo...

Dona Naná procurou o médico, que era de confiança de sua família, que lhe diagnosticou: apendicite em supuração. Foi imediatamente hospitalizada e operada horas depois, no momento exato. Se passasse um dia, talvez seu Espírito tivesse desencarnado.

116 O HOTEL DINIZ NÃO DEVE MORRER...

No ano de 1956, visto que seu Hotel estava condenado pela Prefeitura local, que planejava cortar-lhe a frente para prolongar a rua Herbster, paralela à estação, resolve não tirar a licença para o ano de 1957. Isto em novembro, no mês dedicado a este mister.

Achava-se neste propósito, quando na varanda de sua casa, chega o Fiscal Municipal com a petição para ela assinar, pedindo a licença. Algo estranho sucedeu com ela. Esqueceu de tudo e, com as mãos trêmulas, assinou a petição com uma letra bem diferente.

Daí a instante, o Chico apareceu-lhe e diz-lhe:

— Naná, sua mãe me apareceu e pede para você não abandonar esta casa. O Hotel Diniz não deve morrer. E a rua não vai passar por aqui. Você pode fazer as reparações desejadas. O dinheiro vai aparecer, abençoadamente. E foi sua mãe quem fez você assinar o pedido da licença...

E tudo sucedeu com o Chico renunciara. E até o dinheiro, que não sabia donde tirar para reparar sua casa, como que veio do céu, abençoadamente. Vários quinquênios atrasados da Prefeitura, de que é Professora, vieram sem que os esperasse e, com eles, vai resolvendo seu caso. Graças a Deus!

117 VISITA MEDICAMENTOSA...

Numa quinta-feira do mês de agosto de 1946, D. Naná acordou assustada ouvindo a voz do Espírito de sua progenitora, que lhe dizia:

— Levanta-te e vai visitar tua irmã Santinha, em Barbacena, que está muito mal.

Levantou-se e saiu para a rua. Encontrou-se com o Chico, que lhe diz:

— Naná, sua mãe lhe manda dizer para você embarcar, imediatamente, para Barbacena, a fim de cuidar de sua irmã. Seus familiares e o médico da casa crêem que ela está na hora da morte.

Mas ainda não vai desta vez. E sua chegada vai ser um remédio para a doente que, com isto, vai melhorar para daqui a alguns dias, levantar-se salva.

Horas depois, D. Naná recebe um telegrama de Barbacena, dizendo: sua irmã Santinha gravemente enferma. Venha com urgência.

D. Naná embarcou, horas depois, para Barbacena. Lá sucedeu o que Chico lhe dissera. Com sua chegada, a doente melhorou. E, dias depois, estava salva.

Gratos à sua hospitalidade cristã, escrevemos-lhe no Álbum, em 8/11/1957, quando a visitamos com o distinto casal: José Carlos e Marcele Moreira Guimarães e a Professora Carlinda Guimarães:

SONETO À Cara Irmã Naná

Nesta casa cristã, que há anos visitamos,
Naná aos seus irmãos banquetes oferece,
Com os quais a alma e corpo repletamos
De força e de alegria, de alimento e prece.

Numa conversação confortante ficamos;
Quando viemos aqui, isto sempre acontece;
E o nosso coração doente medicamos
E a nossa alma sem luz na Luz se reabastece.

É uma Ponte para o Chico a Casa da Naná;
É Posto assistencial às nossas santas dores;
É um lugar de repouso e uma Fonte de Luz;

Que Jesus abençoe a Casa que nos dá;
Alívio espiritual, remédios salvadores;
O Roteiro do Chico em busca de Jesus!

118 GRAÇAS SOBRE GRAÇAS!

Conhecemos, sobremodo, a Missão trabalhosa e benéfica do Chico. Sabendo como vive, porque vive e sempre em permanente jejum e oração, alimentando-se apenas uma vez por dia e, mesmo assim, com uma refeição sóbria, de verduras e pouca carne, feita com pouco sal, evitamos, quando o visitamos, procurá-lo fora das sessões do LUIZ GONZAGA.

Tem, em cada dia, as horas tomadas. O tempo lhe é um patrimônio sagrado e sabe validar até a bênção dos minutos. Levanta-se cedo e vai para o Escritório da Fazenda Modelo, onde trabalha até às 17 horas, vindo à casa apenas para o almoço. À tarde, se não há nenhuma sessão no LUIZ GONZAGA ou no Centro MEIMEI, aproveita-a, para atender à recepção de algum livro, para responder cartas, visita, algum doente. Seu tempo é, pois, todo repletado de bons exemplos.

Não fazemos parte dos que o procuram para satisfazer curiosidade ou dar-lhe sofrimento com palestras contrárias às normas cristãs, ou ainda, para lhe pedir a solução de assuntos pessoais, que devem ser solucionados pelos seus respectivos donos.

Nossas visitas trazem sempre o imperativo da necessidade de um esclarecimento doutrinário e o benefício de nosso próximo ou a possibilidade de consolo para irmãos necessitantes, vivendo os dramas dolorosos do desencarne de entes amados.

119

IRMÃOS CARLITINHOS E ZEZÉ

E, por isso, temos sido bem sucedidos, graças a Deus!

Em maio de 1956, levamos conosco o General Carlos Gomes e sua prezada esposa. Havia uma necessidade. O trabalho era cristão. Nossos caros irmãos sofreram o golpe do desencarne de seu filho único, Carlitinhos, de 24 anos, que se deu em plena robustez física, quando cursava o sexto ano de medicina. Tinham os nossos amigos de infância de suportar aquela prova crucial em sua vida e somente o conseguiram indo conosco a Pedro Leopoldo, onde receberam a

elucidação do homicídio espiritual, de que seu filho fora vítima, —aquilo que não compreendemos, pobres que somos das luzes celestiais e que vive, justificado, nas Leis de Deus.

Fomos todos obsequiados com a graça do Pai! Pela mediunidade de Chico Xavier, nossos amigos receberam uma mensagem esclarecedora e cheia de ensinamentos evangélicos de seu saudoso filho, que se mostrava mais vivo nos seus conceitos, nos seus anseios, na sua identificação preciosa, comovedora. O Chico viu perto do General dois de seus queridos colegas de Exército, hoje na Espiritualidade. Ilha Moreira e Marçal Nonato de Faria. Depois, no momento em que dedicava vários exemplares do Evangelho aos familiares do General, o querido Médiun para, um instante, para lhe dizer:

— General, a seu lado, entre outros amigos, está o Espírito de seu irmão ZEZÉ, que vem assistir ao ato fraterno da oferenda desse livro à sua esposa: Marina e aos seus filhos: José Carlos e Maria Cândida.

O General Carlos Gomes, sua esposa e todos nós ficamos sensibilizados, porque o Chico não sabia que, no Além, havia um irmão do nosso Amigo e que se chamava José e era, na intimidade, tratado por ZEZÉ...

Outras graças vieram e pudemos descer de Pedro Leopoldo para o Rio trazendo os corações agraciados e os nossos companheiros de viagem consoladíssimos, traindo nas fisionomias e, por certo, nos corações, uma nova compreensão, quanto aos justos desígnios de Deus.

120

MARIA LUIZA, TIO TONIO, MARTINHO ROCHA E ANTONIETA

De outra vez, comparecemos em Pedro Leopoldo com Moreira Guimarães, sua cara esposa D. Marcele e a Professora Carlinda Guimaraes. Vivemos também momentos de rara emoção.

Todos recebemos graças inesperadas. A irmã Marcele, que veio da França, em plena guerra mundial, em 1945, acompanhada de uma senhora cega e íntima de sua família, recebeu algo que a fêz chorar, quando o Chico lhe dizia:

— Irmã Marcele, a seu lado está o Espírito de uma senhora, que se chama Maria Luiza, que era cega, quando na Terra, e que, segundo me diz, a trouxe da França para o Brasil... Moreira recebe notícias de um irmão, de confrades da velha guarda, no Além, como de Inácio Bitencourt e outros. A Professora Carlinda também ganha algo para seu nobre coração de mãe abnegada, criando filhos alheios. E, por fim, quando menos esperávamos, o Chico diz: irmã Zezé, a seu lado está um senhor, que quer se identificar por TIO TONIO. Tratava-se do Dr. Antonio Costa, tio de nossa esposa, estimado e culto advogado, homem de bem, desencarnado recentemente.

E, para nós:

— Ramiro, há um Espírito aqui, que desencarnou em Três Rios, meses atrás, e manda-lhe um abraço. Chama-se Martinho Martins da Rocha. Referia-se a um confrade Espírita com que trabalhamos no FÉ E ESPERANÇA, na querida localidade fluminense e que desencarnara sem que o soubéssemos.

E, finalizando, dirige-se ainda à Irmã Zezé:

— Aqui está o Espírito de D. Antonieta. A irmã Zezé lembra-se de uma pessoa da família mas o Chico retruca:

— Não é esta, mas sim D. Antonieta, aquela que foi sua vizinha e que morava defronte à sua casa. A irmã Zezé chora de emoção. Pois nem de leve se lembrava dessa vizinha, que desencarnara meses atrás, se bem houvesse recebido de sua família, ao embarcar, um pedido de prece para esse Espírito.

E, assim, graças sobre graças recebemos e Longe iríamos se fôssemos registrar aqui o que temos ganho e, conosco, nossos companheiros de viagem, junto à mediunidade abençoada de Chico Xavier.

Que Jesus sempre e cada vez mais o ilumine, pois, em verdade, é uma Antena de Luz por onde o Divino Mestre vem consolando, esclarecendo e medicando seus irmãos sofredores da Terra.

121 COM A VIDA POR UM FIO

Falávamos ao Chico, de criaturas enfermas que anseiam por vê-lo e abraçá-lo e de outras que, para o mesmo fim, têm logrado vê-lo e realizam sacrifícios indescritíveis jogando com a própria vida e quase desencarnam em plena sessão do LUIZ GONZAGA...

E o psicógrafo de PARNASO DE ALÉM-TÜMULO conta-nos:

Há tempos, numa sessão do LUIZ GONZAGA, quando estávamos psicografando e na fase final, observei que um irmão na assistência trazia o coração por um fio. Tratava-se de alguém, residente em Belo Horizonte, que viera ver-me, se bem que se achasse gravemente enfermo. Apelei para o bondoso Emmanuel para que não deixasse o querido companheiro desencarnar ali, em plena sessão, o que iria trazer certa emoção para os presentes e, talvez, motivos para os adversários do Espiritismo culparem-no como o causador de tudo... Observei que os caros Mentores, à frente meu Guia, começaram a medicar o irmão enfermado. Terminada a reunião, foi o mesmo amparado pelos companheiros da Terra e do Espaço para a gare da Estação local.

Quando lhe transpunha a roleta, caiu fulminado por uma síncope cardíaca e desencarnou. Os irmãos do Alto deram-lhe assistência e evitaram-nos possíveis e graves complicações.

122 IRMÃ NOÊMIA NÓVOA

Lembrou-nos mais: de que uma nossa conhecida e prezada consóror, D. Noêmia Nóvoa, esposa do nosso confrade Amadeu Nóvoa, parente do confrade Flávio Pereira, residentes no rio, comparecera em Pedro Leopoldo, gravemente enferma, com o coração também por um fio. Hospedara-se na residência de nosso caro Ataliba Alves Sobrinho. Assistiu às sessões do LUIZ GONZAGA, durante umas 4 vezes. E o Chico sempre a lhe observar o coração suspenso apenas por um fio, pára não pára. E a orar, com fervor, junto aos Mentores, para que a cara irmã não desencarnasse na sala de sessões do Centro.

Felizmente, regressou ao Rio, satisfeita por haver conhecido e abraçado o Chico, e, um dia depois, desencarnou, feliz.

Como não deve sofrer o nosso abnegado Médium! Vê e sente coisas que nem sempre pode contar. Tem de calar-se, orar e esperar que da misericórdia infinita de Deus venha o socorro, algo que faça com que todos que ali cheguem saiam aliviados, contentes, esclarecidos, com a Paz de Nosso Senhor Jesus Cristo no coração.

E, graças a Deus, sempre o tem conseguido!

123

DESEJO CORRECCIONAL

Um irmão, residente em Pedro Leopoldo, encontrava-se com o Chico, à beira do caminho da Fazenda Modelo, vez por outra.

Era um obstinado. Como que procurava o Médiun para lhe experimentar a paciência. Não acreditava na reencarnação. E apresentava seus argumentos ilógicos. E atrás deste, outros assuntos vinham à tona, obstinando-se o nosso irmão nos seus pontos de vista incoerentes...

O Chico, humildemente, lhe explicava o erro em que insistia e, principalmente, o de não querer esquecer mágoas e perdoar seus adversários, que ele mesmo os arranjava com sua teimosia irreverente...

Os conselhos, a paciência entremostrada, nada convencia o inveterado birrento, que tinha lá seu modo diferente de ver as coisas e assim ficava e com isto experimentava os nervos de seus irmãos de trabalho.

Um dia, já cansado de ser tentado e, entrevendo no encontro provocado, um abuso, disse-lhe o Chico, séria e amorosamente:

— Sabe de uma coisa, vim pelo caminho pensando em você e desejando-lhe um bom remédio, isto é: uma reencarnação na qual tenha uma progenitora bem brava para lhe dar, de quando em quando, umas boas chineladas, a fim de deixar de ser tão teimoso com as coisas santas.

O desejo correccional fêz sorrir o irmão obstinado, que acabou sentindo-lhe a sinceridade e deixando de ser teimoso e estorvo no caminho do querido Médiun.

Este caso contou-nos o Irmão Manoel Diniz.

124 É OUTRO KARDEC

De quando em quando, em alguns Centros Espíritas onde vamos falar das Lições de Jesus, observamos Médiuns, bem orientados, recebendo Mensagens assinadas por Allan Kardec.

Ficamos em dúvida lembrando que, em OBRAS PÓSTUMAS, do Codificador, há uma amorosa advertência de um de seus Guias lembrando-lhe o aproveitamento do tempo na conclusão de suas obras e de que, como fora previsto, seu desencarne estava próximo e que iria ficar no Espaço cerca de 40 anos para, depois, voltar à Terra e completar sua Missão junto ao Espiritismo. Verificando o ano de seu descenso, 1869, deveria estar entre nós, mais ou menos, entre os anos de 1909 e 1910...

E, segundo ouvimos de uma vez, de M. Quintão, quando entre nós, Allan Kardec dera na Federação Espírita Brasileira sua última comunicação em 1902. Daí, por diante, silenciara.

Como explicar as Mensagens assinadas com seu nome? Talvez, justificamos, sejam de seu representante, alguém credenciado, preposto ao seu valioso Trabalho. Porque ele, Kardec, ou deveria estar entre nós ou em esferas mais elevadas, em serviços de grande relevância espiritual, incapaz, pois, de se revelar a não ser através de terceiros. Se não, porque não tem dado sua presença pelo nosso querido Médiun de Pedro Leopoldo?

De uma feita, sozinhos com o Chico, pedimos-lhe uma explicação. E o Médiun humilde, primeiramente, mostrou-se surpreso, meio contrariado com o grave assunto.

Depois, sorriu e respondeu-nos:

— É, deve ser outro Kardec, pois não tem aparecido por aí, tantos Andrés Luizes e Emmanuéis?...

Ficamos satisfeitos com a explicação recebida, que, desta maneira, não deixa os recebedores das Mensagens em situação delicada.

* * *

Vale dizer que esta é uma explicação pessoal do Médiun, porque, em novembro de 1957, um grupo de irmãos de França, em nossa presença, entrevistando-o, sem antes lhe haver submetido as perguntas à sua aprovação, a respeito do assunto em causa, pediu-lhe que ouvisse seu Guia e, ele, assim se houve:

— Nossos Mentores espirituais até hoje não têm tocado no assunto. Talvez, algum dia, o façam...

125

PARA ANDAR COM CUIDADO E SEM VAIDADE...

O Manoel Pereira, amigo de há muito anos do Chico, contou-nos também vários Lindos Casos e pediu-nos apenas publicássemos este:

Um confrade de S. Paulo foi a Pedro Leopoldo para ver o famoso Médium. Encontra-o numa esquina de rua, no meio de muitos Irmãos do Rio e de Belo Horizonte. E, abraçando-o, realça-lhe, em altas vozes, os dons mediúnicos, comparando-o com Anjos e Apóstolos. O Chico ouviu-o apiedadamente, complacientemente, chorando por dentro e, numa atitude de quem ora em silêncio para livrar-se do veneno das lisonjas, com a certeza de quem já traduziu o IN TE DESCENDI dos gregos, respondeu-lhe:

— Eu sou é um verdadeiro sapo, que traz às costas uma vela acesa. Beneficia-se com a claridade mas, para a possuir, constantemente, tem que sofrer com a cera derretida que lhe cai sobre a pele, queimando-a, como a lhe recordar de que é preciso ANDAR com cuidado e SEM vaidade se quiser chegar ao fim da jornada...

Os irmãos presentes deixaram de rir e entenderam o que seja a Tarefa mediúnica a serviço de Jesus.

Observaram mais: que o psicógrafo pedroleopoldinense é, de fato, um instrumental mediúnico seguro e humilde, por onde o Pai do Céu nos vem enviando, de forma mais compreensível e inédita, os Ensinos de Seu Filho Amado, Nosso Senhor Jesus Cristo. E que nem todos os irmãos, esclarecidos pela Terceira Revelação, aprendem com que sacrifício ele, Chico, realiza sua tarefa e quantos esforços faz para se manter de pé, no clima das incompreensões, dentro da luta com as tempestades, os coriscos, os trovões das lisonjas, dos elogios, de todas as experimentações, e conseguir atender aos imperativos sagrados da sua Missão junto ao Grande incompreendido e ainda pouco conhecido, que é Jesus.

126 VER A MORTE

Antes da sessão do LUIZ GONZAGA, alguém comentava o desencarne de um parente e o Chico pergunta-lhe:

— Ele viu a morte?

Todos se entreolharam sem saber o que responder. Perguntamos-lhe, então, meio curiosos:

— Que quer dizer, Chico, VER A MORTE?

— Responde-nos o bondoso Médiun: é saber o enfermo que vai morrer. Partirá assim mais preparado para despertar, na Espiritualidade, sem outras ilusões.

Falamos-lhe do nosso querido progenitor, cujo decesso se dera a 5 de maio de 1955, e que, dias antes de partir para o Além, tinha a intuição de sua morte e a recebeu serenamente como serenamente vivera.

— Sim, concluiu-nos o Chico, terá sempre uma boa morte quem possuir uma consciência boa, pura, sem remorsos de haver malbaratado a bênção do tempo.

E ficamos a nos lembrar, dando razões ao querido Padre Germano, quando afirmava: é preciso viver bem e no bem para morrer bem, ver a morte e ter um feliz despertar na Espiritualidade.

127 CHAPÉU A PRESTAÇÃO

O sr. Armandinho é um dos habitantes mais velhos de Pedro Leopoldo. Foi companheiro de infância do sr. João Cândido, progenitor do Chico.

Possui uma bem sortida casa de negócio, que defronta com o Hotel Diniz.

Contou-nos Lindos Casos do querido Médiun, que ele conheceu desde criança, tendo acompanhado todas as fases boas ou dolorosas de sua vida. Estima-o como a um filho. E, dentre muitos, Contou-nos, para publicar, estes dois:

O Chico foi sempre uma criatura bondosa, prestativa, humilde, pobre e honestíssima. Numa ocasião, deveria ele acompanhar o Dr. Rômulo Joviano, seu Chefe, a uma excursão longe de Pedro Leopoldo. E, porque não possuía um chapéu, procurou-me. Como sabe, meu negócio tem de tudo, desde o alimento ao vestuário. E pediu-me, humildemente, para lhe vender um chapéu a prestação. De outra maneira não poderia pagá-lo. Atendi-o com alegria, pois tudo que me comprova pagava-me pontualmente. Vendi-lhe um chapéu por Cr\$ 40,00, em 8 prestações, isto é: Cr\$ 5,00 por mês. Ficou satisfeito e fechou o negócio, porque, dizia, estava dentro das possibilidades de seu pequeno salário. Pagou-me durante 8 meses os 5 cruzeiros. Por isto, tem ele comigo um crédito extraordinário.

Encontramos com o Médiun e lhe falamos sobre o caso do chapéu. Sorriu e respondeu-nos:

— É verdade e hoje tenho até chapéus demais; o que está faltando-me agora é cabeça.

128

NÃO POSSO ACEITAR DINHEIRO

Uma senhora, residente em Belo Horizonte, casada com um alto funcionário do Estado, por ser parente do Sr. Armandinho, procurou-o para, por seu intermédio, falar ao Chico. Atravessava uma quadra de sofrimentos. Havia perdido o pai e um ente familiar achava-se gravemente enfermo. O Sr. Armandinho levou-a à casa do Médiun, que resolveu, satisfatoriamente, o seu caso, e, ainda, possibilitou-lhe recebesse uma Mensagem do progenitor, que se autenticara pela letra, pelo assunto e pela espontaneidade com que fora recebida. Agradecida e emocionada com o que recebera do seu pai, tanto mais que o Chico ignorava o que se passava, pegou uma cédula de 200 cruzeiros e a ofereceu ao Médiun como gratidão e para que comprasse um presente.

E escusando-se delicada e humildemente, o Chico a abraçou, dizendo-lhe:

— Não posso aceitar, minha irmã, nenhum dinheiro. Tudo que recebo é de graça, vem de mais Alto, por misericórdia imensa do Pai; devo também dar de graça para continuar digno do Amparo que lhe recebo.

A senhora, concluiu o Sr. Armandinho, despediu-se surpresa, agradecida e emocionada, por ver um rapaz tão pobre, tão bondoso, portador de tanta virtude, inclusive da que o fazia renunciar ao dinheiro. E exclamou: Ele é mesmo digno da Missão que possui! Que Jesus o proteja!

E partiu feliz pelo exemplo a que assistira e pelo bem que recebera.

129

UMA LIÇÃO PARA OS MÉDIUNS...

Às quarta-feiras, de preferência, à tarde, o Chico, durante os anos de 1955 e 1956, espiritualmente se preparava para as Sessões de quinta-feira, no Grupo MEIMEI. Era uma sessão de grande responsabilidade, pois que se destinava aos obsedados. Numa quarta-feira, José Xavier, que fora irmão do Chico, e que, hoje, na Espiritualidade, é um dos seus abnegados colaboradores, pede-lhe para se preparar, abstando-se de alimentos pesados, e, mais do que em outros dias, viver com o Evangelho às mãos, pois que iria receber, na sessão seguinte, o luminoso Espírito de Frei Eustáquio.

E o caro Médiun atende. Viveu, toda a quarta-feira, pela tarde, e todo o dia seguinte, em quase jejum e em permanente oração e vigilância. À noite, de fato, recebe de Frei Eustáquio uma bela e instrutiva Mensagem, que emocionou os companheiros presentes. Essa Mensagem consta do livro INSTRUÇÕES PSICOFONICAS.

Estávamos, nesta ocasião, em Pedro Leopoldo e tivemos a ocasião de ouvi-la na máquina que a gravou. É, realmente, emocionante e instrutiva.

Em aqui chegando, encontramos-nos com alguns companheiros pertencentes a um Grupo Espírita dos subúrbios. E, um deles, nos falou:

— Ontem, em nosso Grupo, recebemos uma comunicação lindíssima de Joana D'Arc, e apontou-nos o Médiun presente que a recebera, acrescentando: ele fez um grande esforço para ir ao Grupo, chegou até a brigar com seus familiares... Se não fosse, não teria sido o instrumental de tão bela Mensagem.

* * *

O Chico, para receber Frei Eustáquio, teve de preparar-se, ele que vive, constantemente preparado.

No entanto, aqui, outro irmão, sem nenhum preparo espiritual e quando até brigou com os familiares, recebe Joana D'Arc!

Que a lição nos sirva e trabalhe nossos pobres espíritos avessos aos sacrifícios morais, — únicos meios pelos quais poderemos penetrar o Templo sagrado das Verdades do Mestre, Caminho, Verdade e Vida para nossa salvação!

130 QUANTA EXPERIMENTAÇÃO!

O Chico faz a sua Prece antes e depois das Sessões do LUIZ GONZAGA.

Quando termina sua tarefa, que vai das 9 da noite às 2 da madrugada, depois de atender para mais de 2 mil pedidos de receitas, está esgotadíssimo e como quem, no seu dizer, houvesse levado uma grande SURRA DE PAU

Todavia, com o auxílio de seus Amigos da Espiritualidade, se refaz e melhora.

Conta-nos, para que lhe sintamos a responsabilidade e o ajudemos, que, em meio às Sessões, sem que ninguém observe, espíritos zombeteiros procuram obscurantizar-lhe o Serviço, tentando contar-lhe histórias de crimes tenebrosos para que fracasse no seu desiderando cristão. E é preciso um grande esforço seu para se livrar de uma derrota. É por isso que os seus Guias recomendam, por ele, aos assistentes, uma concentração homogênea, sadia, e, aos comentadores da Lição, extraída do Evangelho, uma explanação sincera, feita com humildade semlouvaminhas ao pobre Médium ou alusão a assuntos sem seiva evangélica..

E, no dia seguinte, como acabamento à experimentação da véspera, ao ir de charrete para a Fazenda Modelo, ainda é tentado. Espíritos, que ainda não ouviram a Voz do Divino Amigo e se perdem na estrada larga dos vícios, da provocação e do mal, procuram fazê-lo parar para lhes ouvir a continuação das histórias... E é orando e vigiando, pensando no Bem e na responsabilidade de servidor de Cristo, que consegue passar e se ver livre das ciladas... Se parar, se se descuidar de orar e vigiar, perderá seu dia e dará de si um sinal de fraqueza.

Aí está mais um belo exemplo, revelando a vitória da oração e vigilância, quando realizadas com o coração suspenso e voltado para Jesus.

131

PARA NÃO PERDER O CLIMA

Os Médicos da Terra e do Espaço aconselham ao Chico para que tenha repouso e dó do seu corpo.

Vai, às vezes, forçado pelos amigos, para uma pensão, localizada à beira do mar, no Estado do Rio, a fim de buscar melhoras para a vista e o ouvido. Chega lá, e na hora em que todos descansam, põe-se, descuidadamente, a trabalhar, a receber as Mensagens dos Espíritos queridos.

E, quando é advertido amorosamente pelos seus colegas de repouso, justifica—se:

— Se não trabalhar, sofrerei mais e perderei o clima de Bom Ânimo e ajuda em que vivo.

132

DINHEIRO BEM GANHO E GASTO

O Chico recebe um pequeno ordenado como Datilógrafo da Fazenda Modelo, pertencente ao Ministério da Agricultura. Mesmo assim, afirma-nos que seu salário é demais para ele, que recebe além do que merece. Ganha-o, todavia, abençoadamente, visto que não falta um dia ao serviço e gasta-o, abençoadamente, menos consigo e mais com seu próximo. Veste-se pobremente e alimenta-se pouco. Recebe, por semana, umas quinhentas cartas pedindo-lhe receita. E, dessas, muitas vem sem o selo para a resposta. E o pobre Médiun tira de seu pequeno salário a importância dos selos. Antigamente o selo de uma carta custava 30 centavos. Hoje, custa 50...

133 LEBRANDO DEVERES...

Há pessoas que se sentem mal com as visitas dos que são verdadeiras cartas vivas do Cristo, porque suas presenças lembram-lhes deveres que não cumprem, visto que vivem fora do Roteiro cristão.

Justifica-se, portanto, a aversão e, em seguida, o remorso, que alguns irmãos têm quando vêm aqueles que palmilham caminhos estreitos e procuram seguir o Mestre de perto, testemunhando-lhe os Ensinos salvadores.

Uma criatura, que estimamos, evita-nos a presença, porque nos poucos momentos em que nos encontramos, a conversa é toda referente ao Amigo Celeste, lembrando-nos o tempo perdido, os erros, disseminados, os deveres que temos, por havermos lhe ouvido a Voz e atendido o chamado aos Seus Serviços.

Se tal se dá conosco, que não temos as virtudes do Chico, quanto não sofrerá, por isso, o nosso queridíssimo Médiun, que vive em Pedro Leopoldo com a sua liberdade limitada, porque sua presença, para os que desejam da vida apenas direitos, lembra-lhes deveres libertadores, que vão deixando de cumprir junto à Realidade Viva, que é Jesus, o qual hoje ainda cumpre Deveres junto a Deus a benefício de todos nós.

134

EM DOIS JEJUNS PERMANENTES

Se faz jejum espiritual constantemente, refreando a língua, cuidando do pensamento, vigiando os olhos e demais sentidos, para não perder a assistência de seus Mentores, o Chico também faz o jejum material abstendo-se de comer o que gosta e lhe faz mal.

Há tempos, foi vítima de uma cólica hepática que lhe amargou a existência por dois meses e fê-lo rolar de dor, no quintal de sua casa. José Xavier, que foi seu irmão na Terra e que, hoje, no Além, o ajuda na Missão mediúnica, recomendou-lhe que se alimentasse uma só vez por dia e mesmo assim de chuchus, batatas, pouquíssima carne e cozida em água e sal, e, à tarde, que tomasse, tão somente, uma chavena de chá com UMA bolacha apenas.

Sofreu o Chico bastante com a dieta recomendada. Uma de suas irmãs, às vezes, tentava-o com lhe oferecer um pastel delicioso. Ele aceitava-o, esfregava-o nos lábios e, depois, arrependido, jogava-o às galinhas.

Hoje, graças ao seu poder de vontade e à ajuda de seus Amigos da Espiritualidade, está curado. Venceu a dolorosa prova da alimentação. De 99 quilos passou para 74. Sente-se mais leve, com melhor saúde e sem a repetição das cólicas.

Deus ajuda quem faz por onde.

Belo exemplo, para todos nós, que nos achamos apegados a tantas coisas inúteis e nem sempre damos o primeiro passo para delas nos libertarmos como um preparo à vida espiritual, que nos espera e onde tudo é ESPIRITUALIDADE.

135 A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO

Palestrávamos com o Chico a respeito de enfermidades graves e da influência que tem o Pensamento sobre elas. E citou-nos o Mèdium um caso: uma sua conhecida era portadora de um câncer no útero e de nada sabia. A medicina da Terra sentiu-se impotente para curá-la. Emmanuel, colocado a par da situação, alvitrou: vamos, com a ajuda de Deus, medicá-la. É preciso, todavia, que ela continue ignorando sua enfermidade. Se souber, seu mal agravar-se-á e neutralizará todo o nosso esforço.

O tratamento foi feito e, por misericórdia de Deus, a doente, que sempre ignorou seu padecimento, melhorou e, hoje, está completamente curada.

Lembramo-nos de um doente, vítima do câncer, que se localizara na uretra, que vivia regularmente bem e sob tratamento médico, enquanto ignorava a causa da sua enfermidade. Mas, de repente, por descuido de um parente, veio a saber de sua moléstia. Alarmou-se. O Pensamento refletiu seu pavor na doença e influiu na sua piora. E desencarnou dias depois.

136 CONSELHOS RÁPIDOS E ABENÇOADOS

Cerca de 300 Lindos Casos, que temos do Chico Xavier, foram, em grande parte, obtidos quando o vimos em palestra com os assistentes do LUIZ GONZAGA, respondendo a consultas, resolvendo problemas íntimos, consolando o desencarne de entes amados.

Nas respostas dadas, nos conselhos ministrados, nas consolações distribuídas, observamos dádivas de Deus, lições evangélicas, que devem ser divulgadas para beneficiarem a outros irmãos portadores de iguais problemas e vivendo idênticas provas dolorosas.

Até conselhos rápidos e abençoados guardamos do querido Médiun. Nossa ida a Pedro Leopoldo é, pois, benéfica, para nós, e nosso próximo, porque, depois, escrevendo ou falando, vamos, com seus Lindos Casos, objetivar e documentar lições magistrais do Evangelho, com vistas às nossas Tarefas, aos nossos deveres, aos nossos interesses, à nossa melhoria moral.

137 WANDA MÜLLER

Nossa irmã Wanda, abnegada esposa do nosso querido amigo Helio Müller, residente em Petrópolis, pede ao Chico algo sobre sua mediunidade de desdobramento, em início, tanto mais que já houvera obtido um fenômeno de bi-corporeidade.

E a resposta veio: Você, irmã Wanda, tem, de fato, esse dom mediúnico. Mas a Maternidade fê-lo parar, por enquanto, porque há nela algo de sagrado, mais importante no momento. Quando você ficar mais idosa, sua mediunidade vai reaparecer mais desenvolvida, com possibilidade de lhe ser e aos seus familiares mais útil.

138

IRMÃO FRANCISCO PORTUGAL

Nosso prezado irmão Francisco Portugal sentara-se a nosso lado e dizia-nos, entristecido, não ter ainda uma possibilidade para abraçar o Chico e falar-lhe. E, em virtude de ver tanta gente na Sessão e em redor do Médium, calculava que seu desejo não seria satisfeito. Teria de assistir à Sessão e regressar no sábado à Petrópolis, onde reside, sem ao menos receber algo de que carecia, principalmente com relação a um irmão desencarnado. Rápido como um relâmpago, o Chico captou o anseio do seu Irmão, pois, deixando de lado alguns Amigos, já atendidos, chegou-se perto de nós e disse:

— Irmão Portugal, então, você pensava que não o abraçaria, que não o tinha visto! Está enganado, você, como outros Irmãos, está também dentro de meu coração.

Nosso caro Irmão Portugal chorou de emoção. Depois da Sessão, o Chico lhe deu uma Mensagem que recebeu. Mais se comoveu, o nosso irmão de Petrópolis, pois era de seu Irmão desencarnado, que lhe veio contar particularidades de sua vida quando na Terra e agora no Espaço, dando-nos, com isto, uma prova real da sua imortalidade.

Antena de Luz, em verdade, é o caro Chico Xavier, porque sempre suspensão, atraindo de mais Alto a misericórdia de Deus e sentindo, a todo instante, as nossas necessidades de galés, espíritos cheios de dívidas, buscando redenção.

Segue abaixo a Mensagem que o digno Irmão Francisco Portugal recebeu, em 1 de outubro de 1947, em Pedro Leopoldo, de seu Irmão Alfredo Portugal, por intermédio de Francisco Cândido Xavier:

“Francisco, meu querido irmão, aqui me encontro ao lado de vocês, rogando a Deus que nos ajude e nos abençoe.

Perdoe-me se lhes falo aqui, de alma aberta, decorridos tantos anos sobre a minha forçada libertação.

Sou o peregrino que chega de longe, cansado, desiludido... Quero esvaziar o cálice do coração, tocado pela nova fé que estou abraçando em seu lar abençoado. Compadeçam-se de meus pés feridos, de minhas mãos extenuadas, e ajudem-me. A morte provocada é um caminho doloroso, que nós mesmos povoamos de espinhos. Dizer-lhes das espessas trevas que atravessei é tarefa impossível. As palavras da Terra, se não conseguem exprimir o verbo dos anjos, também não expressam a indescritível angústia de todos aqueles que, como eu, penetram a noite do horror.

Se eu pudesse, retornaria agora ao mundo para sentir-me feliz no corpo mais defeituoso da Terra. A vida mais obscura, nos órgãos mais dolorosamente mutilados, constituiria, para mim, uma bênção e espero que vocês me amparem com o serviço das preces restauradoras. Graças a Jesus, o orvalho das orações de seu ninho doméstico caiu sobre mim à maneira de chuva suave e benéfica.

Depois de longo tempo nas trevas abismais, com a força que me proporcionaram, emergi da escuridão aflitiva e meus olhos, inflamados de nova luz, vertem lágrimas de esperança, aguardando o novo dia de lutas terrestres... Derramo lágrimas de renovação, porque compreendo hoje, em companhia de vocês, que a dor é um divino dom de salvação para a eternidade.

Sinto-me edificado porque, entendo na atualidade que o sofrimento é a única força capaz de reerguer-nos para Deus. E aqui me têm vocês, agradecido e reconfortado, pedindo-lhes cada vez mais zelo na preservação dos tesouros que receberam. Vocês possuem uma lâmpada que nos faltava noutro tempo. Guardam, em casa, uma fonte de dádivas imperecíveis. A paz da alma e a possibilidade de fazer o bem com Jesus, é, realmente, a verdadeira felicidade, agora, e sempre.

Perdoem-me se as minhas visitas, muitas vezes, lhes fizeram sentir indefiníveis amarguras.

Reconheço que Carolina e Jorge, principalmente, registraram, com mais intensidade, a minha presença e, em mais de uma ocasião, se deixaram dominar pela minha influência. Creiam, porém, que meu espírito permanece transformado e rogo a Deus para que nenhum de vocês, por mais venenosos sejam os espinhos da luta a que foram chamados, jamais se deixem vencer pelas sugestões sombrias da morte provocada.

Abracem a cruz da existência humana com alegria. As horas efetivamente preciosas da experiência material são aquelas em que podemos provar a nossa fé, o nosso espírito de sacrifício e a nossa vocação de renúncia. E essas horas não são encontradas entre as flores que persistem apenas por um dia, não se abrem nas câmaras felizes das vidas sem trabalho digno e frutuoso.

Atendamos ao convite divino, aceitando o benéfico desafio do mundo. Por não recebê-Lo, com serenidade e amor, quase sempre perdemos nossas mais belas oportunidades de evoluir para os lucros efetivos da experiência.

Fujam da tristeza, do desânimo, da desesperação. Situem a mente no santuário da fé para vencerem os dragões da sombra, que rondam à porta.

Não respirem o clima da invigilância e agradeçam ao Senhor tantas bênçãos de paz e luz, porque, em verdade, seu lar é uma fonte de graças que devem ser aproveitadas a benefício de muitos.

Agradeço a Carolina, Zoé, Zilda, Jorge, Sylvio e Malena, as alegrias que me despertam na alma. Vocês receberam de Jesus um depósito sagrado e você, meu irmão, é a sentinela desses sublimes dons. Reduza, quanto estiver ao seu alcance, os problemas que ainda o prendem à luta material mais intensa, para que a bendita claridade do Alto se reflita com brilho sempre mais em seus caminhos.

Sou apagado servidor da verdade, agora, esperando o ensejo de regressar à luta, mas estarei ao lado de vocês, recebendo o conforto de seu auxílio e pronto a colaborar, de algum modo, a fim de revelar-lhes alguma coisa de meu infinito reconhecimento.”

ALFREDO

* * *

Como vemos, instrutiva e comovedora a Mensagem do irmão de Francisco Portugal, que se suicidara aos 21 anos, por motivos sentimentais. O Chico ignorava por completo a existência de todos os fatos relatados. Que sirva ela de lição preciosa para todos nós e para quantos, desanimados com a prova redentora, se deixem vencer pelas sugestões sombrias da morte provocada.

139

NÃO HÁ GLÓRIA MAIOR

Em 1950, Chico Xavier havia recebido, pela sua psicografia, mais de 50 ótimos livros.

Vivia no apogeu de triunfos mediúnicos. Estava conhecidíssimo no Brasil e no mundo inteiro.

O Parnaso de Além-Túmulo, por si só, valia pelo mais legítimo dos documentos, validando-lhe o instrumental mediúnico, o mais completo e seguro que o Espiritismo tem tido para lhe revelar as verdades, inclusive o intercâmbio das idéias entre os dois Mundos.

Mas, além disso, recebera romances, livros e mais livros, versando assuntos filosóficos, científicos, e, sobretudo, realçando o espírito da letra dos Evangelhos, escrevendo e traduzindo, de forma clara e precisa, as Lições consoladoras e imortais do Livro da Vida.

Nesta fase, conforme esperava, por intuição recebida dos seus abnegados Mentores, mais orava e vigiava.

Numa manhã, ao caminhar para a Fazenda Modelo, viu uma leva de espíritos zombeteiros emboscados, à sua espera.

E durante quase um mês sofreu deles toda sorte de escárneo. Foi apupado, zombado, assobiado, chasqueado, escameado. Por fim, começaram a lhe mediocrizar a Tarefa, asseverando-lhe: que seus livros não continham senão mentiras e, mais ainda, que se precavesse porque iria acabar obsidiado, louco.

O Chico suportou tudo, com paciência e humildade. Mas no fim de tanta experimentação, mostrou-se temeroso, acreditou que poderia ficar maluco em virtude de seu trabalho mediúnico. E consultou seu querido Guia, Emmanuel.

Colocado a par da situação, cujo desfecho previra, Emmanuel sorriu e disse-lhe:

—Mas você, Chico, é mesmo um tolo dando ouvidos aos comentários infantis desses espíritos-infelizes, que ainda não encontraram em seus caminhos a Luz do Grande Amor, porque ainda não sabem amar. Lembre-se que é uma glória alguém morrer pelo Cristo! E você já imaginou que glória imensa você teria se, pelo mediunismo, captando as Verdades Consoladoras prometidas por Ele, daqui partisse imolado na prova da loucura! Sirva, sem temor, ao Cristo de Deus, e jamais fracassará.

O querido Médiun sorriu também e perdeu todo o receio. Agora, acalentava um desejo, ser digno do Amor do Amigo Celeste e, no seu coração, ressoava a senha cristã: comigo, não tomais.

Os espíritos zombeteiros, que lhe experimentavam o potencial da fé, vendo-o convicto e feliz na Tarefa mediúnica, afastaram-se, certamente, um pouco doutrinados, surpresos pela grande lição recebida. Graças a Deus!

140

DUAS PEQUENAS HISTÓRIAS

Em outubro de 1956, tivemos a ventura de assistir à peregrinação do Chico. Primeiramente, iniciamo-la pela visita à Ponte, já conhecidíssima, porque abriga uma família numerosa de pobres irmãos doentes, sem dinheiro, sem emprego, sem alimentos.

— Nós temos o crime de TER e eles têm a graça de não possuir haveres materiais. Apenas têm a Fé em Deus, que lhes vale muito, motivo porque são sempre ajudados.

— Ganhamos mais do que lhes damos. E, ainda, o exemplo que nos dão, recebendo, com humildade, nosso abraço, um pouco de alimentação e vestuário. E ainda nos dizem, agradecida e sinceramente. à despedida: Vão com Deus, Deus lhes pague!

Em seus lugares, será que agiríamos assim?

São, pois, mais heróis do que nós...

141 LIÇÃO PRECIOSA

Assim, conversava o caro Médiun conosco, diante de um pequenino riacho, que orava, baixinho, humildemente, aos nossos pés, colaborando com o ambiente, tão pobre de valores materiais, mas tão opulento de graças espirituais, cuja presença sentíamos comovidos.

Pressentindo, deste modo, a história dolorosa dos Irmãos visitantes e visitados, muitos de cujos membros familiares desencarnaram, uns pelo suicídio, por não agüentarem a experimentação permanente, outros, pelos seus sofrimentos, agravados, pela desesperação, — o Chico pediu-nos a colaboração da palavra, a fim de que lhes contássemos casos evangélicos e para que, melhormente, pudéssemos ler e sentir uma Lição do Livro da Vida. Num clima de SURSUM CORDA, atendemo-lo. Falamos a nós e aos presentes. Finalizamos, lembrando-nos de que somente nos desamarramos dos vícios e das paixões e nos damos pressa de atravessar o rio dos preconceitos em busca da Verdade, quando somos apartados de entes amados ou empurrados pelo agulhão da dor. Pegando a nossa deixa, o prezado Médiun, inspiradamente, contou-nos a pequena história abaixo, que muito nos comoveu e possibilitou vivêssemos todos um momento de respeito e exaltação à Palavra do Divino Mestre:

142 O ATEU

— Em certa localidade do interior de Minas Gerais, morava um ateu incorrigível. Era casado com linda e digna mulher e possuía um único filho, que contava 12 anos e se constituía o seu maior tesouro. O ateu, tanto quanto possível, não perdia a oportunidade de revelar seu ateísmo doentio, como que zombando da crença alheia. Sua prendada esposa o advertia, quase sempre, sem proveito. Continuava negando Deus, multiplicando seu ouro e adorando seu filho único...

Quando menos esperava, a morte veio, silenciosa, e levou-lhe o filho, entristecendo o coração materno e enchendo de desespero o coração do ateu.

Passaram-se dois anos. O ateu, agora, magro e pobre, sem a esposa, que também fora levada para o Além, sentia-se só e doente. A conselho de alguns amigos, batera à porta de vários Templos, ate que, numa tarde abençoada, foi ter a uma sessão espírita.

Aí começou a receber os primeiros socorros. Seu coração, trabalhado pela dor, perdera as vestes negras da vaidade e do orgulho. E, numa noite, quando mais se mostrava convicto da verdade espírita, o filho incorpora-se num Médiun e lhe fala:

— Meu pai, como me sinto feliz em vê-lo aqui! Como demorou a encontrar a grande Estrada! Graças a Deus, que veio! Mas foi preciso que eu e minha mãe pedíssemos muito, a seu favor, para que o Pai do Céu nos atendesse. E VOU contar-lhe uma historieta que um de meus Mentores me contou com relação ao nosso caso: Numa aldeia da Índia, vivia um fazendeiro rico, que se especializara na criação e seleção de animais. Possuía grande quantidade de vacas reprodutoras de boa qualidade. Era um homem bom e prestativo. Desejava ajudar a todos os seus irmãos de romagens na Terra. E, assim, resolveu partilhar sua obra com os seus vizinhos de outra aldeia, que limitava com seus rumos por um pequeno rio. Mandou selecionar alguns bois e uma vaca, que possuía um bezerro único e os enviou aos seus companheiros. Mas, na passagem do rio, todos os bois passaram, menos a vaca e o bezerro... Tudo foi tentado sem proveito. Alguém então alvitrou: amarrem o bezerro e atravessem com ele o rio, que a vaca acompanhá-lo-á... De fato, a vaca, vendo o filho amarrado, berrando, pedindo-lhe socorro, atravessando o rio, não se fez de rogada e também o atravessou...

— Aí está, meu pai, a lição preciosa que a historieta nos dá: foi preciso que eu fosse também amarrado pela enfermidade e jogado no rio da morte para que o senhor atravessasse o rio do preconceito e viesse até a mim e sentisse, como está sentindo, comigo, a vida verdadeira e, deste modo, iniciasse o resgate de suas faltas! Louvado seja Deus!

143 A LIÇÃO FOI TAMBÉM PARA NÓS...

Como vemos, a pequena história, contada pelo caro MEDIUM, tem a sua aplicação, na hora presente, junto a nós todos..

Igual ao ateu, outros irmãos existem fechados à realidade da missão redentora. Espíritos endurecidos, cheios de preconceitos, enferrujados pelo orgulho e pela vaidade, indiferentes ao seu progresso espiritual, por aí vivem sem Roteiro, colocando o coração no tesouro dos prazeres, do dinheiro fácil e no endeusamento à família material.

Quando menos esperam, vem o temporal das dores, os ciclones das separações, os relâmpagos das quedas do poder, e a grande hora de silêncio, para a meditação, chega também para que sintam: que aqui viemos resgatar faltas do passado, penetrar pela porta estreita da virtude e entender os chamados do Grande Amigo, que há dois mil anos espera pela nossa chegada, como ovelhas perdidas, ao Seu Redil abençoado e acolhedor.

* * *

No ambiente da Ponte achavam-se muitos confrades do Rio e de S. Paulo, médicos, professores, advogados, homens de negócio, e todos compreendemos que a história contada pelo querido Chico foi um verdadeiro medicamento para as enfermidades de visitantes e visitados...

* * *

Acordara-nos para o Cristo de Deus, convidando-nos a abandonar as amarras dos vícios e das paixões, a lutar, com fé, pela nossa reabilitação, a renunciar, a amar e a perdoar. Para não termos mais ilusões. Para possuímos o coração iluminado pelas Luzes do Evangelho, colocando-O no tesouro imortal dos Ensinos Daquele, que é Caminho, Vida e Verdade, Nosso Senhor Jesus Cristo!

144 TUDO SE PAGA...

Na Peregrinação pelo Morro das Viúvas vimos preciosas lições. Sentimos não as poder registrar todas aqui. São verdadeiras carapuças, gritos de alerta, abençoados estímulos para todos que as vimos, a fim de que, colocando as barbas de molho, aproveitemos o tempo e lutemos por apagar tudo, isto é com o Bem feito hoje o mal que fizemos ontem...

145 COM O AÇOITE NO BRAÇO...

Vimos um homem sofrendo a prova da miséria, porque era doente e sem ninguém para o assistir.

O Chico pediu-lhe que nos mostrasse o braço direito. Tirou o paletó e nos colocou diante dos olhos um braço enorme com uns babados de carne mole, arroxeadas, esquisitas, mais parecendo um açoite enrolado, cheio de nós.

Sáimos de seu quarto impressionadísimos. Mas adiante, o Chico explicou-nos: este nosso irmão foi, no passado, um capataz muito mau. Com aquele braço direito açoitou infinidades de escravos, muitos dos quais desencarnaram, vítimas de sua impiedade. Voltou assim, como vocês o vêem, trazendo no braço o que lhe está no espírito, que é como um eco dos açoites irados que deu, e daí o sofrimento indescritível das suas vítimas... Aqueles babados já estão endurecendo-se e acabarão cancerosos, trazendo-lhe sofrimentos medicamentosos, a fim de que, com isso, inicie o pagamento de suas grandes faltas.

146 PROVA DE ISOLAMENTO...

Vimos ainda uma senhora, aparentando ter uns sessenta e poucos anos, sofrendo a prova do isolamento. Está totalmente parálitica. Mora sozinha num quarto com uma cama e uma mesa apenas. A Peregrinação lhe possibilita alimentação material e assistência espiritual. Tem na fisionomia ares de nobreza, fazendo-nos crer que foi figura de relevo em algum Império...

E o Chico nos traduz sua prova: trata-se de alguém que foi Aia da imperatriz Tereza Cristina, esposa de D. Pedro II. Desencarnou em 1884, tendo, como pessoa de confiança da Imperatriz, castigado exageradamente muitas escravas, colocando-as em cubículos escuros, por vários meses, com alimentação de água e pão. Quando acordou na Espiritualidade, verificou a enormidade de seus crimes e pediu, com arrependimento sincero, a prova em que está. Ficou no Espaço poucos anos e a Misericórdia Divina lhe deferiu o pedido para ressarcir suas faltas. Às vezes, sente-se tão isolada, tão sozinha, tão sem ninguém em seu derredor, que lhe vem o desejo de suicidar-se. Então, por ato de bondade celestial, aparecem-lhe os Espíritos de D. Pedro 2º e da Imperatriz Tereza Cristina, que a acarinham, lhe dão ânimo e a deixam confortada, com a certeza de que deve continuar sofrendo sem rebeldia, pois sua prova está a findar-se, e, brevemente, estará libertada de seus débitos e com a transformação de suas inimigas em amigas, tanto trabalhadas pela sua missão humilde, resignada e crente, arrependida e boa.

Nota: Em 11/1/1958, quando datilografávamos este caso, a nossa irmã em prova desencarnou, feliz, sob a assistência de Chico.

147

NOS DOMINIOS DA PALAVRA

Não vamos tratar aqui da arte de falar e escrever bem, obedecendo às leis gramaticais.

Recordamos a palestra que tivéramos, de uma vez, com o Chico, sobre o que sai de nossa boca, que nos revela o caráter, a personalidade.

Sem que policiemos a língua, dificilmente conseguiremos ganhar o nosso dia. Quando damos acordo de nós já tomamos parte nos torneios da maledicência, conversamos futilidades ou demos respostas infelizes, que nos trarão sofrimentos e arrependimentos tardios.

E veio à tona o revide que recebemos, pelo ar, do sem fio do Pensamento, de pessoas de quem, em momentos invigilantes, fizemos mau juízo...

Até punhaladas e tiros temos recebido, exclamou o Chico, particularizando-nos: de uma feita, porque advertira um companheiro, sem vestir-se da defesa da humildade, recebeu depois, do mesmo, quando menos esperava, um tiro, projetado sobre ele com a força de um pensamento carregado de ódio... Os amigos da Espiritualidade, por mercê de Deus, abrandaram o efeito do choque, mas mesmo assim passou vários dias com dor no ombro, que foi o ponto visado...

Nossa companheira, Zezé Gama, contou que recebera de uma empregada, há tempos, uma forte punhalada espiritual, nas costas, tudo porque, levemente, lhe chamara a atenção por uma falta cometida. Ficara vários dias, com dor em todo o tórax.

No belo livro ROSÁRIO DE CORAL, há um caso idêntico, lembramos.

E o inspirado Médiun deu-nos uma verdadeira aula sobre os malefícios que uma língua descontrolada pode realizar, para que, mais uma vez, ficasse vitoriosa a assertiva evangélica: que não é o que entra mas o que sai de nossa boca que traz felicidade ou infelicidade, triunfo ou derrota para nosso pobre espírito.

148 AGORA

Na sessão do LUIZ GONZAGA, de 30/8/1951. estávamos presentes juntamente com vários confrades do Distrito Federal. O salão do Centro achava-se à cunha. Às 19 horas, o Chico chegou e começou a atender os pedidos de autógrafos em livros ali adquiridos, e, a resolver, rapidamente, problemas íntimos de vários irmãos. Num momento de folga passou perto de nós e pediu-nos e ao nosso grupo:

— Vocês, que são mais esclarecidos, que são meus Amigos, procurem me auxiliar para obtermos bom ambiente, pois sinto no ar relâmpagos e trovoadas prenunciando aguaceiro.

Começamos, com auxílio de outros confrades queridos, a vasculhar o ambiente, contando casos evangélicos aqui e ali. Depois com a declamação de uma meiga menina de 8 anos, filha de um confrade ali residente, conseguimos melhorá-lo mais, pois tudo se vestiu de ternura, de poesia, de emoção. A voz carinhosa, sentimental, sincera, da irmãzinha, declamando versos de Casimiro Cunha, de João de Deus, e dizendo, de cór, várias passagens evangélicas, fez com que nossos pobres corações se suspendessem e vibrassem.

O Chico sentia e acabamos sentindo que, além de pensamentos e sentimentos futilizantes, por parte de algumas pessoas mais curiosas do que crentes, no ar cruzavam-se os pedidos mais estúrdios, os desejos de sinais nos céus... Uns a vibrarem por Mensagens de parentes desencarnados, outros a quererem algo que lhes pudesse aumentar a fé e fazê-los solucionar determinados problemas materiais. E assim, com raras exceções, os pedidos eram diversos e nem todos integrando os apelos do Evangelho.

Quando a sessão foi iniciada, o ambiente era outro. E o abnegado Médiun conseguiu começar sua Tarefa com duas assistências, a dos irmãos encarnados e desencarnados, em estado de oração, de respeito e de humildade. E, no seu final, como presente do Amor de Jesus, veio este Poema de Meimei, que nos deu o que precisávamos:

AGORA

Se a consolação do Evangelho nos visitou a alma...
 Se a bênção da fé nos ilumina...
 Se a nossa confiança permanece restaurada...
 Se a fraternidade é o ideal que buscamos...
 Agora, realmente, a nossa vida aparece modificada.
 Agora, conhecemos, agora temos e agora somos.

Porque, em Cristo, nossa alma sabe o que deve fazer, recebe do céu o suprimento de recursos e valores, de acordo com as nossas próprias necessidades e é demora de bênçãos e dons que nem todos, de momento, nos vêem desfrutar.

Nosso horizonte jazia velado pelas trevas.
 Antes, seria difícil a tarefa do auxílio.
 Crisálidas da inteligência descansávamos no casulo da ignorância.
 Agora, porém...
 O Senhor, utilizando mil pequeninos recursos, acendeu a luz do

conhecimento divino em nosso espírito e, com a visão mais alta da vida e do mundo, cresceram a nossa importância de pensar e a nossa responsabilidade de viver.

Se já te encontraste com Jesus, não te queixes.

Ontem, poderias alegar fraqueza e desconhecimento como pretexto para ferir ou repousar, fortalecendo o poder da inércia ou da sombra.

Hoje, porém, é o teu dia de servir e de caminhar.

MEIMEI

E todos saímos do LUIZ GONZAGA lenimentados, visitados, abençoados, estimulados, compreendendo cada qual que, agora, só deve ter uma preocupação, um dever imperioso, servir, servir, servir sempre.

149 CRISTO EM CASA

A DELENDA CARTAGO de nossos escritos, o tema de nossa predileção em nossas humildes palestras, tem sido, há quase 30 anos, desde que nos tornamos espíritas, o EVANGELHO NO LAR, CRISTO EM CASA.

E diz bem Emmanuel, com experiência e sabedoria, amorosamente prelecionando-nos:

“Quando o crente percebe a grandeza da BOA NOVA, compreende, que o Mestre não é apenas o Reformador da civilização, o Legislador da crença, o Condutor do raciocínio ou o Doador de facilidades terrestres, mas também, acima de tudo, o Renovador da vida de cada um”.

E, assim, “procura trazer o Amigo Celeste ao Santuário familiar, onde Jesus, então, passa a controlar as paixões, a corrigir as maneiras e a inspirar as palavras, habilitando o aprendiz a traduzir-lhe os ensinamentos eternos através de ações vivas, com as quais espera o Senhor estender o Divino Reinado da Paz e do Amor sobre a Terra”.

O Lar, que é a escola das almas, somente será Templo, quando aí penetrar o Evangelho, Lâmpada Encantada, no dizer de Goethe, que o resguardará de todo o mal, possibilitando-nos compreender e traduzir a Voz e os Ensinamentos do Divino Mestre.

Na hora presente, os Espíritos do Senhor não se cansam de nos enviar Mensagens, Poesias, pedindo-nos para acendermos, com Esse Livro da Vida, em torno de nós, uma claridade nova, que iluminará nossos passos e nos levará à vitória de nossa destinação.

Todos os sábados, há 30 anos, junto à cara companheira e de nossos filhos, O lemos e todos Lhe comentamos as Lições sábias, e todos Lhe sentimos o objetivo sagrado com relação à nossa reforma espiritual. E, graças a Deus, malgrado ainda sentirmos defeitos em nós, Jesus, o Cristo de Deus, já habita nossos corações e seu Livro, em lugar bem à vista, mora em nosso lar, a nos lembrar, em todos os momentos, os deveres para com Ele, junto à família, à sociedade e à Pátria, cujas fronteiras se alargaram para vermos em todos os romeiros da vida o nosso próximo e nossos irmãos.

De uma feita, pois, em Sessão no LUIZ GONZAGA, fomos todos obsequiados com estas oitilhas de Luz, de João de Deus:

Do culto cristão do lar
Nasce a fonte cristalina
De bênçãos da Paz Divina,
De dons da Divina Luz!
Nele, aprendemos a amar
A dor, a luta, a alegria
E a iluminação cada dia
Na inspiração de Jesus.

Cultiva em teu doce abrigo
A sublime sementeira
Que te guarde a vida inteira
No amor, na consolação.
Sentirás, então, contigo,

Sobre a crença que te abrasa,
 O Evangelho vivo em casa
 E o Mestre no coração!

JOÃO DE DEUS

E, na sessão de 21/11/1956, Casimiro Cunha, o Poeta do Evangelho, encheu os corações dos presentes com estes raios de Luz de sua inspiração e do seu Espírito cristianizado.

CRISTO EM CASA

Se desejas extinguir
 A sombra que aflige e atrasa
 Não olvides acender
 A luz do Evangelho em casa.

Quando possível nas horas
 De doce união no lar,
 Estende a Lição Divina
 Ao grupo familiar.

Na chama viva da prece
 O culto nobre inicia
 Rogando discernimento
 A eterna sabedoria.

Mentiras da vaidade
 Velhos crimes da avidez,
 Calúnia e maledicência
 Desaparecem de vez.

Serpentes envenenadas
 De orgulho torvo e escarninho,
 Sob o clarão da Verdade
 Esquecem-nos o caminho.

Dificuldades e provas
 Na dor amargosa e lenta
 São recursos salvadores
 Com que o Céu nos apascenta.

Logo após, lê meditando
 O texto Renovador
 Da Boa Nova Sublime
 Que é fonte de todo Amor.

Verás a tranqüilidade
 Vestida em suave brilho,
 Irradiando esperança

Em todo o teu domicílio.

Ante a palavra do Mestre
Generosa, clara e boa,
A experiência na Terra
É luta que aperfeiçoa.

E o trabalho por mais rude
No campo de cada dia
É dádiva edificante
Do bem que nos alivia.

É que na bênção do Cristo
Clareia-se-nos a estrada,
E a nossa vida ressurge
Luminosa e transformada.

Conduze, pois, tua casa
À inspiração de Jesus.
E o Evangelho em tua
É pão da Divina Luz.

CASIMIRO CUNHA

150

SEBASTIÃO CAROLINO DOS SANTOS

Ao sairmos do Rio, na tarde de 4 de março de 1956, nossa tia Luiza Gama dos Santos, conhecida na intimidade por D. Lulu, recomendou-nos:

- Não se esqueça de pedir na Sessão do Chico pelo Carolino e por mim.
- Com muito prazer, não esqueceremos, afirmamos-lhe.

Em Pedro Leopoldo, assistimos às Sessões de 2ª e sexta-feiras no LUIZ GONZAGA.

Pedimos, nelas por tanta gente e esquecemos do pedido da caríssima Tia Lulu.

Na sessão do dia 7, segunda-feira, a que assistíamos, como despedida, no seu final, o Chico declara-nos:

— Ramiro, há um rapaz na Sessão de nome DEWET COUTO, recém-desencarnado, que agradece as preces que tem feito por ele.

— É um colega de aviação de nosso filho Ramiro, confirmamos.

— E o Chico continuou: perto de D. Zezé, bastante satisfeito, está um Espírito que se diz chamar: SEBASTIÃO CAROLINO DOS SANTOS, que lhe envia o seguinte: “Vivamos na Terra fazendo o bem, porque, o bem praticado é a única bagagem que assegura a paz do viajor da vida, além da morte.” E pede-lhe para dizer à D. Lulu: “O câncer me ajudou muito. Graças a Deus, depressa me aclimei na Espiritualidade. A doença que chega devagarinho dá tempo da gente pensar e preparar-se. .

Não pensávamos no caro irmão Dewet Conto e muito menos em nosso Tio Carolino, pois havíamos nos esquecido do pedido da Tia Lulu. Ficamos emocionados, pois havíamos recebido uma lição para nosso descuido e uma prova preciosa da sobrevivência e da identidade dos Espíritos. Graças a Deus!

151 BEIJOU O BURRINHO...

De S. Paulo chegou a Pedro Leopoldo um conhecido e estimado confrade. Ao entrar, às 20 horas, no Centro Espírita LUIZ GONZAGA, esbarra com o Chico e, demonstrando saudade e apego ao grande Médiun, declara:

— Vim de S. Paulo, especialmente, para lhe dar um beijo. E dando-lhe o beijo na face, conclui: beijando-o, tenho impressão de que beijei seu querido Guia Emmanuel.

— E o Chico, com toda candidez e humildade: Não, meu caro Irmão, você não beijou Emmanuel mas sim o seu burrinho, que sou eu.

152 SETENTA VEZES SETE...

Alguém ouvia de Emmanuel, incorporado no Chico, uma bela lição sobre o Perdão.

O irmão, doutrinado amorosamente, retrucava:

— Não, não é possível. Sou vítima de grande injustiça. E, não obstante, tenho perdoado 70 vezes sete vezes, como Jesus nos recomendara.

Inspiradamente, o evangelizado Guia de Chico Xavier, terminara a magna Lição:

— Mas Jesus recomendou que perdoássemos, sim, 70 vezes 7 vezes, mas isto todos os dias, diariamente, sempre, e não vez por outra...

O irmão não esperava por esta. Abaixou a cabeça e saiu convencido de que precisava lutar consigo mesmo para conseguir perdoar, não uma vez por outra, mas todos os dias, a todos os momentos, para poder ter o Mestre no coração, abençoando-lhe os atos.

153

O CACHO DE BANANAS

O Chico foi instado para entrar em certa residência nos arredores de Pedro Leopoldo. Os donos da casa, vivendo vida descuidada, sem oração e vigilância, desejavam conversar com o Médiun.

O Chico atendeu-os. Ao entrar, viu sobre a mesa um lindo cacho de bananas-maçãs, justamente as de que mais gosta... Desejou, pelo pensamento, que lhe oferecessem uma, pelo menos. Mas a conversa veio sobre um assunto sério e o desejo foi esquecido.

Quando conseguiu atender às consultas dos irmãos visitados, olhou para a porta da rua e viu dois espíritos galhofeiros, e, um deles, dizia:

— Vamos entrar e comer estas bananas. O outro atendeu e ambos entraram. Comeram as bananas e saíram.

Surpreso pelo acontecido, o Chico pede a Emmanuel uma explicação. E seu querido Guia explica-lhe:

— Isso acontece com as casas cujos moradores não oram nem vigiam. Agora, essas bananas, desvitaminadas, apenas farão mal aos que as comerem, em virtude de se acharem impregnadas de fluidos pesados... Tem razão os nossos Irmãos protestantes, quando oram às refeições, porque sabem, por intuição, que, no ato simples da alimentação, no lar, reside a nossa defesa. A nossa oração aí, além do mais, é um ato de agradecimento ao Pai por tudo que nos concede: atrairemos, com ela, as Suas Bênçãos para o que comemos e para o nosso domicílio.

E vieram-nos à lembrança as belas páginas que André Luiz escreveu num de seus instrutivos livros com relação à oração e aos bons assuntos de conversa e leitura, nos atos de dormir e das refeições como, medidas felizes para comermos bem, dormirmos bem, e acordarmos bem.

154 NA CURVA DO CAMINHO...

No escritório da Fazenda Modelo, quando datilografava uma relação para seu Chefe e Amigo, Dr. Darwin, sentiu-se mal o Chico. Algo esquisito, inexplicável, acontecia com ele. Fazia-o tremer, trazia-lhe tonteiras, apertava-lhe o coração, fazendo-o sentir até falta de ar...

Acabou o trabalho, pediu licença ao Chefe e saiu. No caminho, o mal-estar aumentava. E, na suposição de que ia morrer, implorou o auxílio de Emmanuel, que lhe diz:

— Caminhe, esforce-se um pouco, pois, mais adiante na curva do caminho, receberá o socorro.

Mas, a aflição perdurava. E o Chico sentia que não chegaria em casa. Tornou a pedir o auxílio do seu bondoso Guia, e, este, tornou a pedir-lhe que tivesse calma, que esperasse, pois, alguns metros à frente, receberia o remédio de que estava carecendo.

E o caro Médiun, com muito esforço, caindo e levantando, conseguiu enfim chegar à curva do caminho, quase às portas da cidade.

Ao seu encontro vem uma senhora, trazendo à cabeça uma bacia cheia de roupa. Vendo o Médiun, alegre-se demorada e ternamente, dizendo-lhe:

— Este abraço é por conta do bem que você me fez ontem. Você me deu remédio para o corpo e para a alma no passe e nos conselhos.

O Chico surpreendeu-se. Era outro. Seu sofrimento desaparecera. Não sentia mais nada. Estava bom de saúde, outra vez. Recebera no abraço da irmã, tão cheia de reconhecimento pelo bem que lhe fizera na véspera, o remédio de que necessitava. A luz da gratidão afugentara a sombra de uma experimentação.

No Bem está a nossa defesa, o remédio para todos os nossos males.

Que a lição nos sirva!

155 MÃE CIDÁLIA

Assim se chamara na Terra a segunda Mãe de Chico Xavier, a criatura amorosa e boa, que dissera ao seu noivo João Cândido:

— Somente me casarei com você se permitir que ajunte, em nosso lar, para os criarmos, os filhos de sua primeira mulher, nossa santa irmã Maria João de Deus, os quais vivem por aí distribuídos e criados ao léu da vida...

O Sr. João Cândido, homem cordato e bom, aquiesceu. Casou-se e, graças à Mãe Cidália, voltaram as aves ao ninho antigo, saudosas, alegres, felizes.

Foi essa Mãe por vocação, missionária do Amor, que ensinou o Chico a orar, que o encaminhou na vida, que lhe orvalhou a alma dorida e pura de ensinamentos cristãos e que realizou, com ele e seus demais irmãos, Neuza, Luíza, Lucília, Geralda, Gina, José Raimundo e outros, uma Tarefa educacional.

Mas o que é bom dura tão pouco!

Sua vida foi curta, como curtos eram seus débitos. Mas mesmo assim realizou muito, algo que comove. Desencarnou, deixando uma funda tristeza, uma enorme saudade nos corações dos filhos de sua alma.

Antes, chamara o Chico à beira de seu leito e lhe dissera entre lágrimas e num misto de saudade e consolação:

— Sei que vou morrer, meu querido filho. Mas, antes, desejo que me prometas uma coisa: que não permitirás que teus irmãos sejam, de novo, distribuídos, semeados por aí, entregues a terceiros. Desejo que tomes conta da casa, que ajudes teu pai, que veles por todos, como fiz. Lá de Cima, ajudar-te-ei sob as Bênçãos da Divina Mãe, a fim de que triunfes da Missão grandiosa que tens e que agora vai ser iniciada! O Chico prometeu-lhe atender, entre saudades e prantos. E, num halo de angelitude, respeito e proteção espiritual, mãe Cidália desencarnou feliz!

Alguns anos passaram. Todos viviam no mesmo lugar, numa casinha pobre e cheia de Paz, tendo o humilde Médiun por mentor, Amigo e Irmão dedicado. O pouco que recebia, como caixeiro de uma venda humilde dava para as despesas, porque era UM POUCO COM DEUS. E, assim, entrou Chico na posse de sua Missão maior. A fonte mediúnica rebentara e uma torrente de luz beneficiava toda Pedro Leopoldo. E admirava-se por não ver entre as comunicações recebidas e nas aparições de Espíritos Amigos, seus valiosos colaboradores, a de Mãe Cidália.

Numa noite, entretanto, numa sessão íntima, realizada em casa de um parente, sob sua surpresa, vê, em plena sala, o Espírito luminoso de Mãe Cidália. Parecia-lhe mais linda. Comove-se e chora de contentamento pela auspiciosa ocorrência. Amorosa, como dantes, o Espírito chegou-se-lhe ao pé e lhe diz confidencialmente:

—Custei a aparecer, meu caro filho, porque meus trabalhos são muitos. Mas, vejo-te sempre protegido e me alegre. Esforcei-me, hoje, para vir até aqui, porque há um justo motivo...

—Justo motivo, tartamudeia o bondoso Médiun...

— Sim. Preparem-se, pois um de vocês vai partir daí para aqui. Obtive a permissão para ficar perto de vocês, por alguns dias, a fim de receber o que foi escolhido.

Abraçou e abençoou seu filho e desapareceu. Acabada a Sessão, o Chico contou o que vira e ouvira aos seus caros entes familiares. Uma das irmãs pensou em seu pai João Cândido, portador de grave pielite e de uma hérnia ameaçando estrangular-se, caso não a operasse. E cada ente familiar pensou em alguém do lar.

Dias se passaram. O Sr. João Cândido foi operado e estava fora de perigo.

Então, quem seria? Cada um perguntava a si mesmo.

Nesta conjetura, recebem a notícia de que a irmã Neuza, residente em Sete-Lagoas, adoecera. E, não obstante o cunhado, esposo de Neuza, afirmar ser uma enfermidade leve, o Chico pede para a trazerem para Pedro Leopoldo, porque sentia que era grave o seu estado. Era a escolhida para partir. Mãe Cidália vinha buscá-la.

E Neusa vem e fica sob os cuidados dos irmãos, inclusive do Chico. O Médium lhe sente o desencarne próximo.

Numa tarde, depois da prece costumeira, feita pelo Chico, sob surpresa dos presentes, pétalas de rosas chovem sobre o leito da enferma, O fenômeno, revelando o mérito de Neuza e seu desencarne iminente, comove a todos e os prepara para o golpe que se avizinhava.

E, na manhã seguinte, como um pássaro, o Espírito de Neuza, esclarecido e bondoso, deixa a gaiola da carne e sobe à Espiritualidade do Lar Maior.

Mãe Cidália aparece ao Chico e diz-lhe:

— Foi este o Anjo escolhido. Fique em Paz. Vou acompanhar a Ave libertada e feliz. Adeus!

Uma parente do Chico nos contou este lindo Caso, comovendo-se e comovendo-nos. Dá-nos uma bela lição, revelando-nos o que espera, na hora libertadora, os que sabem viver bem, com e por Jesus. Depois, sem nada dizer-nos, foi ao seu quarto e de lá nos trouxe duas pétalas, já murchas e perfumadas, das que caíram sobre o leito de Neuza. O presente nos emocionou, sobremodo. E o guardamos na carteira, junto ao coração.

De quando em quando, junto com a prezada esposa, contemplamos as duas pétalas. E lembramo-nos de Neuza e sentimo-la como uma Estrela, que ganhou os cinco raios, e vive, radiante e feliz, num Trabalho Maior, junto à Grande Estrela, que é Maria Santíssima, na Constelação de Jesus!

E achamos nossa cruz leve, nossa prova, tão fácil de ser vencida e vontade imensa de sermos melhores!

Que Jesus possa abençoar, hoje e sempre, os Espíritos queridos de Mãe Cidália e de Neuza!

156

O BENFEITOR JÚLIO MARIA

De 1932 a 1945, o Padre Júlio Maria, residente em Manhumirin, em Minas, não deixou o pobre Chico e seu incansável Guia Emmanuel, em paz. Criticou-os tenaz e injustamente. Os trabalhos de Emmanuel, recebidos pelo sensível Médiun, eram esmerilhados, apontados, criticados, obscurecidos, adulterados.

Aconselhado pelo Guia, o Chico nada respondeu e evitava, até em família ou com amigos, comentar os doestos, as verrinas, as injustiças do jornal O LUTADOR. Mal o recebia, no entanto, assustava-se, adivinhando-lhe a pancadaria...

Quando saiu à publicidade nosso livro de versos O Sol da Caridade, prefaciado por M. Quintão, o Padre de Manhumirin, pelo seu jornal O LUTADOR, desapreciou-nos a humilde obra, criticando até o prefaciador. M. Quintão, pelo NOSSO GUIA, dedicou-lhe uma série de alexandrinos humorísticos, à moda Gregório de Matos, que fê-lo calar-se.

Em 1945, inopinadamente, desencarna o Padre Julio Maria. E Emmanuel aparece ao Chico e lhe diz:

— Hoje, vamos fazer uma Prece em conjunto e toda particular pelo nosso grande benfeitor Julio Maria, que acaba de desencarnar em Manhumirin, conforme acaba de anunciar a Imprensa do Rio...

— Não sabia! Mas benfeitor, por que?

— Sim, benfeitor. Pois durante 13 anos seguidos ajudou-nos a compreender o valor do trabalho a bem de nossa melhoria espiritual, convidando-nos a uma permanente oração no exercício sublimativo de ouvir, sentir e não revidar, lecionando o adversário na Lição do silêncio.

Quem virá, agora, substitui-lo? Substituir quem nos adversou e nos limou, nos maltratou e nos possibilitou melhoria espiritual, colóquio permanente com o Grande Incompreendido, o Injustiçado de todos os tempos, que é Jesus?

157

PREGAR E EXEMPLIFICAR...

Durante uma Sessão no Centro MEIMEI, um irmão turbulento dá presença e desanda a criticar os que PREGAM e não EXEMPLIFICAM... Detesto estes mentirosos, dizia, que falam, pedem, imploram, predicam e nada cumprem do que dizem... Emmanuel, amorosamente, pelo Chico, doutrina-o, dizendo-lhe:

— De qualquer maneira, pregam embora não cumpram. Já fazem alguma coisa. Outros há que nem isso. Pregam e não cumprir é como o Semeador que já possui a semente e não a semeia. O próprio criminoso que prega já realiza algo, pois vemos Jesus nele. Pregam é, pois ter a semente. Cumprir, exemplificar, é semeá-la. E finalizando:

Trabalhemos com Jesus no coração, para que a Mensagem dEle seja, em nossa vida, a carta de luz endereçada pelo Evangelho aos semelhantes. Eis que pregaremos e exemplificaremos, com Ele e por Ele!

158

LEMBRANDO DANTE E SEU INFERNO...

Quando psicografava os livros de André Luiz, via-se o Chico, em dado momento, transportado àquelas regiões de que lhe falava o esclarecido autor de LIBERTAÇÃO. Cenas dantescas presenciava:

Homens com fisionomias de crocodilos, cobras, arrastando-se, conturbando o ambiente já de si pavoroso; outros, urrando, como animais ferozes, lembrando-lhe Dante, revelando-lhe, nos círculos do inferno dântico, criaturas transformadas em árvores, enterradas até à cintura, verdadeiros duendes, animalizados. E o Médiun conclui sua visão:

Dante era um grande Médiun, além de culto Poeta. Nos momentos em que seu corpo descansava no sono, ia, em espírito, às regiões boas e más, classificando-as como sendo o Paraíso, o Purgatório e o Inferno. Seu Guia, Virgílio, possibilitou-lhe já naquela época, conhecesse aquilo que André Luiz, hoje nos atualiza de forma mais perfeita. Foi, não resta dúvida, o Grande Gibelino, um dos precursores das Verdades, que o Espiritismo nos revela através da Mediunidade gloriosa.

159

REPRESENTANTE DO IDEAL CRISTÃO

Quando o Chico, em 1944, juntamente com o Dr. Rômulo Joviano, visitou pela primeira vez a cidade de Leopoldina, para uma Exposição de animais selecionados da Fazenda Modelo, houve muita curiosidade por parte da população, principalmente, do lado dos confrades. Pois, o nome do grande Médiun estava em evidência com o CASO HUMBERTO DE CAMPOS.

Sem que soubesse, à sua revelia, os diretores do Centro Espírita local convidaram os espíritas leopoldinenses e das cidades vizinhas para assistirem à Sessão Especial, na qual comparecia, segundo o aviso, o Médiun Francisco Cândido Xavier.

Foi um alvoroço. O Chico soube do sucedido, da propaganda excessiva que faziam de seu nome, amedrontou-se e disse de si para consigo:

— Não vou à Sessão. Isto é mais uma exibição, uma experimentação à minha vaidade. Que irão dizer de mim?...

Como não era conhecido na cidade, pôde andar livremente. Dirigiu-se a uma barbearia, a fim de cortar o cabelo. Lá, ouviu os comentários mais estúrdios. Um dos presentes dizia:

— Sabem da grande novidade? o conhecido Médiun de Pedro Leopoldo está entre nós e, logo mais às 20 horas, vai à Sessão Especial do Centro Espírita! Vai haver uma enchente colossal!

Vocês devem ir, como eu vou, cedo, se quiserem encontrar lugar.

O Chico mais convencido ficara de que não deveria comparecer. Saiu da barbearia e refugiou-se no Hotel. Ali pelas 19 horas, quando se achava deitado, descansando, Emmanuel lhe aparece e diz:

— Na Exposição, a que tomamos parte, estão representados todos os valores da Terra, através da Lavoura, da Indústria e do Comércio. Até a Creolina Tierson está representada. Estou agora, procurando alguém que represente, na Exposição e fora dela, aonde quer que estejamos, o Ideal Cristão. Desta forma, esse Representante com-pareceria à Sessão que humildes Irmãos realizam, hoje às 20 horas, no Centro Espírita local... Certamente, você não quererá ir, está cansado, quer sossego...

Diante desta lição, o Chico levantou-se rápido e compareceu à Sessão Espírita. Perante uma numerosa assistência, curiosa por vê-lo, ouvi-lo e senti-lo, falou, recebeu Mensagens significativas e tocantes, inclusive um belo soneto de Augusto dos Anjos, que desencarnara naquela cidade mineira e, naquela hora magistral, pagava sua dívida à Terra que lhe acolhera os ossos, votando-lhe uma Poesia, que é um cântico de agradecimento à Leopoldina e aos seus filhos ilustres e queridos, que nos seus últimos momentos, como encarnado, lhe deram tão comovedora provas de carinho e de assistência espiritual. Essa bela Poesia consta do PARNASO DE ALÉM-TÚMULO.

Que belo e consolador Trabalho realizou o Representante do Ideal Cristão, na Terra, naquela noite, pela pessoa do Chico, perante uma numerosa assistência ávida de esclarecimento, corações preparados para receber as sementes de luz dos Ensinos do Divino Mestre!

160 MARAVILHOSAS VISÕES

Ao psicografar o belo livro AVE, CRISTO! de Emmanuel, obra histórica, que nos rememora uma fase do Terceiro século ainda inédita referta de ensinamentos cristãos, por isto que comove e esclarece quem a lê, o Chico nos declara que, nesta ocasião, recebera muitas graças, entre as quais as de Maravilhosas Visões.

Emmanuel colocava-lhe diante dos olhos os quadros mais emocionantes da perseguição aos cristãos e pedia que os olhasse com atenção. E via, então, em quadros aumentados, as figuras marcantes dos mártires, perseguidos por amor ao Emissário Celeste.

Guardou, entre outras, a visão extraordinária de S. Inácio de Antioquia, chegando a Roma, acorrentado e, à entrada da Cidade Eterna, parar e sorrir... Os guardas, que o acompanham, surpreendem-se e o advertem:

— Por que sorri, quando daqui a instantes, será martirizado com outros rebeldes? -

E. o santo, calmo e feliz, responde-lhes:

—, Estou sorrindo pelo que vejo e me conforta, pois chego à conclusão de que Deus é mesmo Bom. Se permitiu que os pagãos levantassem, na Terra, essa maravilha, que é Roma, que não reservará Ele aos seus veros servidores!.

E, empurrado pelos guardas, partiu, sereno e grande na fé, a caminho do suplício e onde deveria ganhar as asas da sua libertação e o prêmio de seu testemunho de amor a Jesus!

161

COM UMA ESTRELA NO CORAÇÃO

Um dos seguidores de Cristo, tão sincero quanto destemeroso na propagação do cristianismo nascente, é chamado à frente de César:

— Onde está o homem do caminho, o filho do carpinteiro, o teu Cristo!...

Ergue-se o mártir, e apontando para o coração: — está aqui.

E César, arrogante, terrível tocado no seu orgulho:

— Arranquem-lhe, então, o coração...

E o Chico vê instantes depois, iluminando-lhe o ambiente o Espírito do mártir trazendo na altura do coração uma Grande Estrela!

162

REMÉDIO PARA ARREPENDIMENTO...

Preparávamo-nos para a Sessão do LUIZ GONZAGA, quando um viajante, hospedado no Hotel Diniz, pergunta a D. Naná:

— Que é bom para arrependimento?

E a prezada Irmã nos indica como sendo o portador do remédio. Tratava-se de um caso que podíamos e devíamos resolver logo; assim, inteiramo-nos dele, tanto mais que nos achávamos no clima do Chico e, portanto, rodeado de bons Espíritos, cuja presença sentíamos.

O Irmão viajante havia brigado com a esposa por motivos fúteis. Estava, portanto, arrependido e desejoso de um remédio. Receitamos-lhe, de começo, a leitura do Evangelho e o convidamos a tomar parte na Sessão do LUIZ GONZAGA, que deveria realizar-se daí a algumas horas. Aceitou e foi conosco. No fim, estava satisfeito. Ganhara o de que necessitava através do abraço do Chico e dos comentários da Lição da noite, que focou o assunto da Cólera, fazendo-nos compreender os seus malefícios. Na manhã seguinte, seguira para Belo Horizonte, onde reside.

Partimos à tarde. Quando chegamos à Capital mineira, tivemos o prazer de vê-lo, pois estava esperando-nos para nos apresentar sua esposa, que se mostrava radiante com a transformação do marido. E foi dizendo-nos:

— Meu esposo parece que ganhou a sorte grande assistindo à Sessão do LUIZ GONZAGA, em Pedro Leopoldo, pois aí recebeu oportunos conselhos, como me disse, que valem pelos mais ricos dos Presentes. E a prova aí está: fez as pazes comigo, arrependeu-se do que me disse, em momento de raiva, e jamais nos sentimos tão felizes! Trouxe-me o EVANGELHO Segundo o Espiritismo para que o leiamos todas as noites, porque foi Nele que ganhou o remédio para o arrependimento, um Roteiro novo para nossa vida no lar e fora do lar. Graças a Deus!

163

REMÉDIO PARA FEBRE

— Chico, apenas vamos, hoje, ficar até ao meio da Sessão, pois sentimos que a GRIPE nos pegou e nos trouxe febre...

O Médiun deu-nos um abraço, chamou-nos para um canto e contou-nos rapidamente:

— No mês passado, numa sexta-feira, às 19 horas, comecei passar mal com febre. Já há dias vinha tossindo, sentindo dores no corpo, um grande desânimo. E, por isso, dizia de mim para comigo:

Hoje, não vou ao Centro, estou doente e preciso dar descanso ao corpo... As 19:45, achava-me sossegado, sentado numa cadeira de balanço, quando Néio Lúcio me aparece e diz:

— Então, é assim que o vero servidor atende a Jesus!...

— Mas, estou doente, febril, Néio Lúcio. .

— E você não fez por onde ainda para se livrar desta FEBRE...

Faça por onde, leia um livro, realize o POUCO para Jesus lhe dar o MUITO. E partiu.

Envergonhado de minha fraqueza, procurei alguma coisa para ler. No chão, vi o JORNAL BATISTA. Abri-o com desinteresse e vi, logo na primeira página, um artigo com o título: COMIGO, NÃO TEMAIS... Li-o todo. Banhei-me na sua luz. E parti para o Centro com o final do belo artigo a falar-me. A serviço de Jesus o servidor nada deve temer, nem doenças e nem ameaças... Tomei parte na sessão, que correu, como sempre, na Paz do Senhor. No final, examinei-me e convenci-me de que não tinha mais febre, nem cansaço, nem dores no corpo....

Olhamos para o querido Médiun. Sorrimos os dois. E ficamos até ao fim da Sessão para, no seu término, sentirmos que não tínhamos mais febre. Graças a Deus!

164

A BARATA NA SOPA...

D. Josefina era uma senhora cega, muito estimada nos arredores de Pedro Leopoldo, e tinha uma verdadeira adoração pelo Chico.

Seu desejo maior era o de que seu conterrâneo, um dia, jantasse com ela.

Tanto pediu, que o filho de D. Maria João de Deus a atendeu. Foi marcado o dia e o Chico compareceu.

A mesa estava posta. Numa ponta, sentou-se o convidado de honra, na outra, sua admiradora e, nos lados, duas amigas, conhecidas de ambos.

Por ser pobre, D. Josefina apenas fez uma sopa substanciosa. No prato fundo, diante de cada convidado, achava-se a sopa, contendo ingredientes apetitosos.

O Médiun, emocionado com o tratamento afetuoso, devagar, dando atenção à palavra da dona da casa, foi tomando a sopa, quando de repente, dá com uma barata preta no meio do prato... Afasta-a para o lado, no momento em que D. Josefina lhe pergunta:

— Então, Chico, está gostando da minha sopa? olhe que a fiz com cuidado e carinho em sua homenagem.

— Está ótima, minha irmã. Sou-lhe muito grato pela sua bondade. Não mereço tanto, respondeu-lhe o Médiun, e, para que ninguém observasse seu achado, foi conversando e tomando a sopa.

D. Josefina ria de contente. O humilde homenageado sentia-se contrafeito. Mas, diante da alegria da irmã querida, que se sentia tão honrada com sua presença, esqueceu-se da barata e começou a conversar, animadamente, contar casos e a comer...

No fim, quando todos acabaram, olhou para o prato: estava vazio. Havia tomado a sopa e a barata também.

Mas concorrera para alegrar o coração de uma velha e sincera admiradora. Valeu o sacrifício.

165 VÁ COM DEUS

O Chico veste-se humildemente. Possui apenas dois ternos, um do uso e outro da reserva. Certo Médiun de São Paulo, que o visitava, vendo-o tão mal vestido, exclama:

— Pensava em encontrá-lo, como o maior Médiun de todos os tempos, bem vestido, bem ALOJADO, vivendo uma vida folgada e o encontro assim, maltrapilho. Não está certo. Precisamos fundar a SOCIEDADE DOS MÉDIUNS. O Chico sorri e nada responde...

Lembrando-se, conosco, deste caso, pondera-nos...

— Vivo assim e sempre hei de viver, enquanto estiver aqui, vivendo a minha prova. E ainda assim me criticam, achando-me rico, com dinheiro nos bancos. .. Imagine se vivesse diferentemente, o que não diriam... Depois, reportando-se ao passado, conta-nos:

Tempos atrás, passou momentos críticos. Um infeliz irmão, dado ao vício de tirar coisas alheias, entrou no seu quarto, e, na sua ausência, levou-lhe o único terno, que possuía de reserva.

Ficou aflito mas não desesperado. Seus irmãos, sabendo do acontecido, reagiram.

Combinaram uma armadilha para pegar o viciado, certos de que ele voltaria, tanta facilidade encontrou para agir... E fizeram uma trouxa de roupas usadas e a colocaram à janela de seu quarto, bem à vista. Traduzindo-lhe as intenções, ofereceu-lhes o Chico para ficar de guarda. Aceitaram. E por algumas noites, vigiou. Quando menos esperava, alta hora da noite, vê alguém entrar no seu quintal, dirigir-se à sua janela, pegar na trouxa e levá-la. Deixou passar alguns minutos e, depois, deu o alarme. Levantaram-se os familiares apressadamente, inteiraram-se do ROUBO, e deram uma busca. Tudo em vão. Não encontraram o ladrão.

— Mas, Chico, como deixou o ladrão fugir, advertiu-lhe um dos irmãos.

— Estava cansado e dormi. Quando acordei já a trouxa não estava na janela, respondeu-lhe.

Mas, todos, ficaram contrafeitos, achando que, diante do acontecido, não deviam ter dó do Chico; que, por castigo, deveriam deixar que ele andasse só com um terno, até que, de sujo, se apodrecesse no seu corpo.

O caso morreu. Uma tarde, vinha o Chico na sua charrete, de volta da Fazenda, quando alguém fê-lo parar e lhe implora:

— Irmão Chico, pare, desejo lhe pedir perdão.

— Perdão de quê, meu irmão.

— Fui eu quem lhe roubou as roupas... E, quando fui verificá-las, encontrei seu bilhete, que me tocou o coração, pois que me dizia: VÁ COM DEUS! E até hoje sinto que estou com Deus e Deus está comigo e não posso roubar mais.

O Chico abraçou-o comovido, perdoou-lhe a falta e, satisfeito por vê-lo reformado, tornou a dizer-lhe:

— VÁ COM DEUS, meu Irmão!

166 AMAR AO INIMIGO...

Numa das Sessões do LUIZ GONZAGA, caiu por sorte a lição:

Amar aos inimigos. Muitos confrades, sentados em redor da mesa, abordaram, com inspiração e oportunidade, o tema utilíssimo. Chegando à nossa vez de falar, lembramos o que, a propósito, à véspera de nossa viagem, nos contara um colega de Ensino:

Morava junto a um vizinho briguento, insociável. Tudo fizera para o conquistar, para transformá-lo de inimigo de outras vidas em amigo e irmão da hora presente. Mas, tudo em vão.

Diante disto, alçara o coração e pedira ao Amigo Celeste uma inspiração, um meio para vencer seu adversário. E Jesus o atendeu. Deu-lhe, na hora aprazada, a instituição precisa. Dois filhos do vizinho, segundo-anistas de um Ginásio, por mais que se esforçassem, foram reprovados.

Como atenuante à derrota recebida, cada um, no entanto, foi apenas reprovado numa disciplina, podendo, reabilitar-se na segunda época. Mas a dificuldade estava na aquisição de um professor, que lhes desse aulas individuais e intensivas por um mês, pelo menos. O colega soube do sucedido e, por intermédio de sua esposa, mandou oferecer-lhes seus préstimos. Aceitaram e agradeceram. Durante todo um mês receberam os filhos do vizinho aulas individuais e intensivas, um sobre matemática e outro sobre português, que eram as matérias de reprovação. Chamados a exame na segunda época, ajudados também pelo Alto, que tudo observou, foram aprovados e promovidos ao terceiro ano. Isto sobremodo, concorreu para afastar as nuvens pesadas, os mal-entendidos constantes, a turra, as provocações, as inimizades do vizinho, que acabou conquistado com a graça que os filhos receberam. E, assim de forma tão fácil, porque inspirados pelos bons Espíritos, dois corações inimigos se uniram, desobstruindo o caminho de suas provas remissivas. O irmão, professor, mais esclarecido, colocou fogo na cabeça do seu adversário gratuito, no símbolo de favores, apagando com a água do amor o pequeno fogaréu de antipatias.

Outro confrade, colaborando conosco, contou outro caso, salientando o benefício da Prece intercessória, do pensamento bom, projetado sobre os que nos malquerem. O ambiente estava deveras comovedor. Emmanuel, trazendo-nos a lição final, compendiando e resumindo o assunto versado, fechou com chave de ouro e tertúlia cristã, o substancioso ágape espiritual. O Chico, que tudo observara, à despedida comentou:

— A Sessão, como sempre, foi benéfica para encarnados e desencarnados. Houve preciosas catequeses, lá e cá, de ovelhas tresmalhadas para o Redil do Mestre. É uma verdade o que foi conceituado; devemos acertar nossas contas, no dizer de André Luiz, com o vizinho do lado, da frente, da retaguarda e da vanguarda, enquanto a hora nos é favorável. Amanhã, todos os quadros podem surgir transformados.

167

A PRECE DOS CRIMINOSOS

Nossa Irmã Maria José acercou-se do Chico na ocasião em que lhe contávamos os benefícios usufruídos pelos penitenciários do Distrito Federal com as visitas que lhes vêm fazendo, aos domingos, pela manhã alguns diretores da Federação Espírita Brasileira. A conversão de muitos Irmãos detentos à nossa Doutrina tem sido permanente, segura e confortadora. No final, quase sempre, cabe a um dos presos, em meio do pranto e do arrependimento, orar, agradecendo a Deus as graças recebidas. E nossa irmã atenta aos nossos comentários, indaga do querido médium:

- Se a prece representa um estado de alma pura, como poderá tê-lo o criminoso? Vale alguma coisa, aos olhos de Deus, a oração dos delinqüentes?

E o prestativo servidor, em dia com os assuntos santos do Senhor, ajudado pelos seus esclarecidos mentores espirituais justifica:

- A prece de um criminoso, por ser a de um irmão faltoso, vale muito quando feita com arrependimento sincero. Numa prisão acham se encarnados e desencarnados, algozes e vítimas, ligados pelos laços do Amor de Deus. E, quando, dentre eles, um se mostra arrependido do mal que fez e, ajoelhando a alma, ora ao Pai, na linguagem do coração, na sinceridade e na humildade, com vontade de ressarcir suas faltas, uma surpresa aponta no íntimo dos outros colegas e todos acabam envolvidos na Resposta do Criador, que é sempre algo de incentivo de Seu Amor e de Suas Bênçãos!

Via de regra, depois de uma Prece assim feita entre almas dormidas, fechadas, endurecidas no crime, algumas acordam para a realidade do Roteiro cristão, sentindo os remorsos primeiros, dando os primeiros passos em prol de sua redenção.

168 O SUPÉRFLUO

Numa sexta-feira do mês de março de 1956, encontramos o Chico na hora do correio e palestramos. Depois, fomos andando e admirando os novos prédios que modificam a feição urbanística de Pedro Leopoldo. No ar, sentíamos um assunto provocando-nos o Pensamento: O SUPÉRFLUO. E lembramos ao Médiun a preocupação demasiada de certas criaturas com a construção luxuosa de suas residências, colocando-lhes enfeites, bem-estar excessivo, dando ganho de causa à superfluidade. Perdem tempo, dinheiro, esforço, saúde na criação de monumentos residenciais. E depois não se beneficiam com os exageros de seu luxo, de sua vaidade, de sua preocupação material... Uns, como naquele caso evangélico, desencarnam deixando na terra o tesouro onde colocaram o coração... Outros não chegam a realizar seus sonhos, a desilusão vem no desencarne de um ente amado e em sofrimentos que lhes aparecem como verdadeiros educadores... O Chico, colaborando com a nossa conceituação objetiva contra o supérfluo, conta-nos casos preciosos.

Abraçamo-nos e cada um foi para seu lado. À noite, no LUIZ GONZAGA, a sessão corre, como sempre, num clima de elevação e respeito. O Evangelho, aberto ao acaso, oferece-nos na preciosa Lição do Capítulo 16º, Não se pode adorar a Deus e a Mamom, e, no final, Emmanuel, obsequia-nos com a luminosa página com o título:

O SUPÉRFLUO

Por toda parte na Terra, vemos o fantasma do supérfluo enterrando a alma do homem no sepulcro da aflição.

Supérfluo de posses estendendo a ambição...
 Supérfluo de dinheiro gerando intranquilidade...
 Supérfluo de preocupações imaginárias, abafando a harmonia...
 Supérfluo de indagações empanando a fé...
 Supérfluo de convenções expulsando a caridade...
 Supérfluo de palavras destruindo o tempo...
 Supérfluo de conflitos mentais determinando a loucura...
 Supérfluo de alimentação aniquilando a saúde...
 Supérfluo de reclamações arrasando o trabalho...

Entretanto, se o homem vivesse de acordo com as próprias necessidades, sem exigir o que ainda não merece, sem esperar o que lhe não cabe, sem perguntar fora de propósito e sem reprovar nos outros' aquilo que ainda não retificou em si mesmo, decerto, a existência na Terra estaria exonerada de todos os tributos que aí se pagam diariamente à perturbação.

Se procuras no Cristo o Mentor de cada dia, soma as tuas possibilidades no bem, subtrai as próprias deficiências, multiplica os valores do serviço e da boa vontade e divide o amor para com todos, a fim de que aprendas com a vida o que te convém realmente à própria segurança.

O problema da felicidade não está em sermos possuídos pelas posses, quaisquer que elas sejam, mas em possuí-las, com prudência e serenidade, usando-as no bem de todos que é o nosso próprio bem.

Alija o supérfluo de teu caminho e acomoda-te com o necessário à tua

paz.

Somente assim encontrarás em ti mesmo o espaço mental indispensável à comunhão pura e simples com o nosso Divino Mestre e Senhor.

EMMANUEL

Como vemos, os Espíritos do Senhor, à frente o querido Guia de Chico Xavier, ouviram-nos a palestra construtiva, alegraram-se conosco, como se entristeceriam se nos ouvissem maldizendo e futilizando, e, desejando colaborar com os nossos conceitos, sempre pobres de luzes, ofertaram-nos mais uma jóia espiritual do tesouro de seus corações evangelizados.

169 IRMÃO CIRILO PINTO

O presente lindo caso ouvimo-lo na cidade de Caçapava, quando, em 1952, visitávamos, com o Capitão Jaime Rolemberg, os Espiritistas locais. Fomos hospedados na casa do caro Irmão Filadelfo Siqueira, espiritista abnegado. de quem nos tornamos amigo. Ali, conhecemos Cirilo Pinto. vivendo, numa sala em separado, sua grande prova. Ficamos impressionados com sua conversação, sua convicção, seus esclarecimentos doutrinários e as graças que tem ganho pela mediunidade de Chico Xavier. Mais ainda nos tocou a alma: o cromo que nos mostrou e que lhe foi enviado pelo querido e amoroso médium, no qual. estão duas cruces. uma pequena e outra grande, sendo que a grande é carregada por Nosso Senhor Jesus Cristo. Nosso irmão traduziu a delicadeza do amigo ofertante, que, de forma tão expressiva lhe tornava leve a jornada com mostrar-lhe a cruz pequena que todos carregamos...

E sua inteligente e caritativa sobrinha Betty, conta-nos, emocionando-nos:

- Nomês de outubro de 1936, Cirilo Pinto, velho morador de Caçapava, queridíssimo pelos habitantes, espíritas ou não espíritas. por questões políticas, é denunciado como portador de lepra, por ter às mãos ENCARANGADAS. Deveria ser internado, pedia o denunciante. Deixou Cirilo Pinto a direção do Centro Espírita Caçapavense e fugiu. Jamais se entregaria aos seus inimigos gratuitos, pois sabia que não era portador do mal de Hansen, tanto mais que Espíritos Amigos lhe haviam esclarecido sobre isto.

Passado algum tempo, cessada a perseguição à sua família. Cirilo. escondidamente, volta a seu lar e se enclausura num dos quartos. nos fundos do quintal. Vive aí. suas horas dolorosas, como um animal acuado. Só Deus sabe quanto sofreu! Filadelfo e Justino Siqueira. almas afeitas ao bem, foram a Pedro Leopoldo e recebem de Emmanuel, por intermédio do Chico Xavier, esta comovedora e instrutiva Mensagem dirigida ao Irmão Cirilo, cuja prova dolorosa o Médium ignorava:

“Meus amigos, Deus vos conceda muita Paz espiritual e, sobretudo muita coragem para infrentar-des as lutas ásperas da vida terrestre. Sei da angústia que vos dilacera o coração sensível e fraterno, em face das provas expiatórias da existência material, e conheço o sacrifício efetuado para tão longa viagem, em busca de um amparo moral para o coração. Sim. O Espiritismo veio para o esclarecimento e para a consolação!... Manancial divino e sacrossanto, é nas suas águas tranqüilas e puras que a sede humana, de conforto e de Paz, é devidamente saciada, na perspectiva deslumbrante da vida do infinito. Depois da esteira larga das dores, desdobra-se a estrada divina da redenção no plano imortal e somente lá, distante do convencionalismo e dos enganos da existência na Terra, podemos compreender integralmente a causa dos sofrimentos e das provocações. Procurai confortar e amparar o nosso irmão Cirilo em suas dolorosas provas. São elas rudes, mas são necessárias à sua personalidade, sobre a face da Terra. Não está ele atacado pela morféia; o fenômeno orgânico do atrofiamento das mãos tem suas raízes em uma intoxicação úrica, violentíssima e avassaladora, que ficou circunscrita em seus efeitos nefastos. Para a família, portanto, considerando igualmente os membros da família espiritual, no labor da doutrina, não devem prevalecer infundados receios ou dúvidas quanto a isso. Lamentamos apenas que,

considerando a necessidade das provações purificadoras, não possamos estender essa certeza ao ambiente social, onde os prezados irmãos foram chamados a trabalhar e a viver, em vista da nossa impossibilidade de eliminar de um dia para outro a série de perseguições, de que ele tem sido vítima, em companhia de seus familiares e de seus amigos, em face da necessidade do resgate penoso de passados sombrios e delituosos. Precisamos dar ainda mais tempo, esperando a manifestação da misericórdia divina que não nos desampará. A cura total das mãos do vosso amigo não é de se esperar, digamo-lo com franqueza, todavia, aguardaremos as suas melhoras que hão de vir, com a bondade inesgotável do nosso Divino Mestre. Convém, portanto, que o nosso amigo prossiga em seu sacrifício, por mais algum tempo, de maneira a não precipitar qualquer medida que determine o deslocamento de toda a sua família, tão operosa, tão fraterna e tão unida, em seus trabalhos de cada dia, esperando que o tempo consiga apagar o calor das perseguições tenazes e dolorosas. Voltará o dia de tranqüilidade e de paz, na dor e no sacrifício. Esperemos a Providência Divina. Agora, perguntareis, talvez, quais os atos do pretérito que motivaram provações tão dolorosas e tão duras, mas é que os vossos olhos materiais estão obnubilados no cadinho da estrutura material. O nosso irmão resgata hoje um passado de penosos débitos espirituais, quando as suas mãos lavraram sentenças inapeláveis no tribunal da Inquisição e da penitência, nas eras que se foram, considerando-se que, cada um de vós que hoje com ele sofreis, tendes igualmente a vossa parcela de responsabilidade, em face das eras que se foram. Se assim me exprimo é tão somente com o fim de elucidar-vos parcialmente, fortificando-vos no coração a esperança no Senhor, cuja justiça perfeita é completa, mas igualmente cheia de bondade e de misericórdia. As perseguições de hoje são reflexos das lutas de ontem, como o valor e a resignação da hora que passa representam as luzes da redenção de amanhã. Levai as minhas palavras fraternas ao coração do nosso amigo enfermo. Ele me compreenderá, com o largo cabedal de crença e de fé do seu coração, com o qual foi o seu espírito fortificado, desde muitos anos, para a travessia das atuais provações. Em família, buscai esclarecer aqueles que ainda duvidam, consolidando a certeza de que o nosso irmão não se acha atacado do mal contagioso. segundo as afirmativas da ciência falível, mas sim, na prova, onde se encontram todos os espíritos encarnados, constituindo uma obrigação de cada um ampará-lo, em suas lutas deste momento. Quanto aos perseguidores, tolerai com resignação e caridade. Todas as tempestades chegam e passam, ainda mesmo as mais longas, tal qual essas que vem provocando tantas lágrimas, há quanto tempo, mas orai e esperai, cheios de confiança naquele que representa toda a Verdade e toda a Luz. Cada qual tem o seu dia de dor sobre a face da Terra! Os que hoje perseguem, levados pela vaidade e pela ambição, amanhã encontrarão os mesmos espinhos na estrada escabrosa da existência material. Não deveis providenciar qualquer mudança da oficina onde vos encontrais. Que o vosso Irmão Cirilo sacrifique-se ainda mais um pouco, por algum tempo, aguardando a misericórdia do Pai, com o fim de harmonizar o ambiente dos seus, e que o amparem fraternalmente, como se faz necessário. Para o seu físico, deve abolir as carnes da alimentação, usar o mínimo de sal, usando depurativos e diuréticos, friccionando as mãos com o opodeldoch. Esse tratamento lhe fará bem, defendendo-o do ácido úrico e de suas manifestações. Todas as manhãs, faça ele uma fricção, com uma prece. Estaremos presentes para ajudá-lo como se faz preciso. E agora, meus

amigos, despeço-me de vossos corações desejando-vos a mais santa paz de espírito. Que o Senhor nos abençoe o entendimento, concedendo-nos muita coragem para a luta, é a rogativa sincera do vosso irmão humilde.

Emmanuel, Pedro Leopoldo 25/10/1938”.

Dois anos depois, desencarna a amorosa mãe de Cirilo, D. Nazinha. Ele mais sofre com isto, pois que perdera, no seu dizer, uma grande colaboradora, além de mãe extremosa. Chico Xavier, que ignorava o que se passara, recebe, para o Irmão Cirilo, esta Mensagem, um mês depois do descenso da cara Irmã Nazinha:

“Cirilo, meu filho, Deus o abençoe, derramando sobre vocês todos a sua santa Paz. Agradeço a Jesus, com lágrimas nos olhos, por poder enviar ao seu coração a minha palavra de mãe, guiada por nossos dedicados Guias espirituais. Quero pedir, em nome de nossas recordações do passado, quando você era o meu amparo e o meu sustento na vida; quero lembrar-me, sim meu filho, de nossas dificuldades e de nossas dores, esperando que Jesus esteja sempre com o coração de filho generoso e sensível; NÃO PERCA A SUA SERENIDADE nas provações dolorosas. Hoje vejo que os dias melhores para o meu espírito na Terra foram os do trabalho e da amargura com as penas materiais. É por isso que estou sempre ao seu lado, não só pelo carinho materno, mas também pelo resgate da minha dívida de gratidão do tempo em que, menino e moço, abandonava você às ilusões da existência para me ajudar a criar os seus irmãozinhos, aliviando as minhas amarguras domésticas. Ouça, meu filho, os conselhos de Filadelfo e da Maria, quando você estiver acabrunhado e em desalento. Filadelfo é também um segundo pai para a família e o seu coração fraternal tem sabido retribuir todos os sacrifícios que você fez no passado por todos nós. Cirilo, meu filho, pudesse você divisar os meus olhos, ve-los-ia cheios do pranto de agradecimento a Jesus por haver dado à nossa família a bendida esmola do Espiritismo cristão. Graças a Deus, foi o seu coração o instrumento sagrado para nós todos nos dias que lá foram. Nos instantes amargos de hoje, meu filho, renda louvores a Jesus. A dor é agora menos amarga para todos e a fé é luz que nos reconforta. Não pense que eu o deixe só. Nas suas horas tristes, bem como nas dificuldades de todos os seus Irmãos, o meu coração maternal está junto de todos, rogando a Jesus fortaleza e resignação, coragem e esperança. Sim, filho, passemos as provas com paciência e confiança, na Providência Divina. Encoragem os seus Irmãos com a resistência moral e necessária. Continue sendo a boa palavra e o amparo moral deles todos. A cada um envio o meu voto de amor e de paz.. rogando a Deus os abençoe. Rogo a Jesus ampare igualmente ao nosso Filadelfo, para que prossiga sempre firme em seus esforços. Que Deus os proteja e esclareça é a súplica ardente do meu coração de mãe, que nunca poderá esquecer-los. NAZINHA”.

Recluso, embora, ia Cirilo realizando seu trabalho junto à Doutrina. Muitas vezes, chegou a lutar com espíritos rebeldes, que o queriam submeter aos seus caprichos ou que prejudicavam a alguém. O desencarne de uma sobrinha muito querida, afeiçoada ao bem, espírito evangelizado, fê-lo enfraquecer-se muito. Foi, então, que espíritos rebeldes, velhos inimigos seus, o atacaram com êxito. Ficou como que obsidiado. Sofria muito e fazia sofrerem os seus. O Chico foi lembrado.

Uma carta, escrita entre lágrimas, foi enviada ao querido Médiun, e, dias depois, a resposta veio dirigida à cara irmã Betty: que não se apoquentassem, tudo iria ser solucionado na Paz do Senhor.

No verso da carta, escreveu ao irmão Cirilo:

Recebi sua carta e acompanho o seu bom coração com as minhas preces a Jesus. Ele, meu bom amigo, nosso Mestre e Senhor, nos ajudará a carregar o madeiro de nossa redenção.

Tenhamos, como sempre, a coragem e fé. Atendamos à vontade do Mestre, meu caro Irmão. Ele tem poder para nos salvar de todas as lutas. Reciba um grande abraço do seu menor irmão reconhecido de sempre — CHICO — P.L. 10-1-1945.

O caro Irmão Cirilo, com esta cartinha, comoveu-se, animou-se, seguiu os conselhos, colocou sobre a mesa o cartão com a cruz grande e a cruz pequena, que lhe fora dedicado, que lhe ficou sempre à vista, a lembrar-lhe deveres. Melhorou e entrou na luta remissiva, de novo.

Está hoje, graças a Deus, recuperado, vivendo sua prova, com fé e resignação, levantando desanimados, burilando corações enfermos, fazendo o bem.

Aí está, caro leitor, um lindo caso do Irmão Cirilo, com quem oramos, no seu quarto humilde, quando visitamos Caçapava Transcrevemos as Mensagens de Emmanuel, D. Nazinha e do Chico — por contarem ensinamentos edificantes, consoladores, que poderão servir amanhã para outros Irmãos, com casos idênticos, que, por ventura se sintam acovardados diante da prova, da luta redentora. com e por Jesus!

170 IRMÃ TEREZINHA

Leitor, desejamos que este último Caso também fique em sua memória. Ele não é apenas lindo; é comovedor.

Graças a José Ávila, Presidente do “Centro Espírita Irmã Terezinha”, de Pindamonhangaba, Estado de S. Paulo, a que pertence o Asilo de Velhos, dirigidos pelo Cap. Manoel Pereira dos Santos, foi possível documentá-lo fartamente.

Lutavam os Espíritas de Pinda com as costumeiras dificuldades para harmonizar e orientar os esforços no sentido de uma obra social, quando o dirigente Espiritual de um Grupo, reunido em Sessão de trabalhos práticos, mandou que fossem a Campos de Jordão, em determinado Sanatório, e procurassem, em certo quarto, uma jovem que estava prestes a desencarnar e viria, em seguida, trabalhar com eles.

Chamava-se Terezinha. Era uma flor em botão que se finava.

A ordem foi cumprida e a moça os recebeu, encantada com aqueles estranhos tão bondosos e simpáticos. De tão feliz e agradecida quis dar-lhes uma expressiva lembrança e a melhor que encontrou disponível foi seu retrato colado na caderneta escolar de normalista, hoje preciosa relíquia do Centro.

Terezinha era filha de pais abastados, residentes em São Paulo, Capital, mas nem ela e nem eles eram espíritas.

Poucos dias depois, desencarnou, e, em espírito, veio trabalhar com os simpáticos visitantes, já então consagrados em torno dela e do fato esplendidamente testemunhado.

Reuniu os trabalhadores, eliminou diferenças, estimulou corações e o Asilo de Velhos começou a sair. Os recursos apareciam como por milagre quando o aperto parecia maior.

Muitos foram levados a contribuir materialmente, conquistados pela animação irradiada do esforçado Grupo.

Em breve, no meio de um belo jardim, o acolhedor e espaçoso casarão abrigava quase uma centena de felizes velhinhos.

Pereirinha reformou-se do serviço ativo na Força Policial de S. Paulo e foi morar com a família dentro do Asilo, entregando-se, com sua abnegada companheira, de corpo e alma ao trabalho cristão.

Aconteceu, porém, o que sempre aconteceu. Um momento de invigilância. E as forças do mal semearam a discórdia.

As dificuldades cresceram, as incompreensões se aprofundaram. E, um dia, a bomba estourou. Só havia uma solução; a saída do casal Pereirinha e sua mudança para a casa do Ávila, na cidade.

A notícia espalhou-se entre os velhos. E a choradeira foi enorme e tocante. Fizeram uma manifestação a D. Mariazinha, esposa do Diretor do Asilo. Os Diretores do Centro foram consultados e a decisão foi contrária. Pereirinha, de malas arrumadas, há meses amargurado, sentia-se entre o dever de ficar e a necessidade de sair. Lá fora todas as contingências humanas o chamavam à “vida”, às “necessidades” sociais da família, com uma filha noiva e dois filhos rapazes, com o “direito” de ir ao cinema e passear no jardim à hora da retreta, — uma porção de coisas que enchem a vida dos homens de vida espiritualmente vazia.

A angústia dos velhinhos refletiu lá em Cima no Plano Espiritual, porque

decidida a mudança, Pereirinha foi convidado para assistir a uma sessão no dia 13 de março de 1953. E do que nela se deu, a carta abaixo dá uma idéia:

Centro Espírita Irmã Terezinha

Com Albergue Noturno “Padre Zabeu” Abrigo aos velhos desamparados.

Av. S. João Bosco, 706.

Tel. 312...

Pindamonhangaba — Estado de S. Paulo.

Sr. Ávila

Boa tarde,

Ontem as velhas aqui abrigadas fizeram uma manifestação à Mariazinha, pedindo que não saísse da Casa.

Soube que, quando Marta, Sara, Rosa, Alice e outras choraram, Mariazinha chorou também.

Fiz logo uma sessão e irmã Matilde disse o seguinte:

“Vocês não acreditam mais em mim, ninguém acredita mais nos espíritos que se comunicam nesta cidade, mas vocês vão ver, Terezinha vai mandar-lhes um recado ou por intermédio do Chico ou por qualquer Médium que não seja de Pinda”.

Vamos esperar, notei que até o Marcílio emocionou-se.

De modo que alugue a casa a outro e conte com a minha eterna amizade.

Isto não impede que eu diga ao amigo que estou à sua disposição para o que puder e quiser.

Peço não falar mais nisso e combinar com os amigos não tocarem no assunto para não magoarem minha companheira.

Abraços — Pereirinha. 23-3-1953.

O último período indica o estado de alma do autor. Que não lhe atormentassem a família. Ele ali estava. Irmã Matilde, mentora espiritual da casa onde assistira à sessão, foi clara e precisa. Ele tinha fé. Poupassem-lhe a paz doméstica e esperassem. Porque alguém, da Espiritualidade, iria, por um Médium de localidade distante, mandar-lhes um recado, já que santo de casa não estava fazendo milagres...

Não esperaram muito. No mesmo dia em que escreveu, 23 de março de 1953, Chico Xavier punha no correio de Pedro Leopoldo, o cartão que chegaria no dia 1º de abril.

Dizia o cartão.

Pedro Leopoldo, 23/3/1953. Meu caro José Ávila.

Paz e saúde. A nossa irmã Terezinha, hoje benfeitora espiritual dos pobres, visitando-me ontem, nas preces da noite, pede-me ou, aliás, recomenda-me escrever-lhe, apelando para que o abrigo dos velhinhos de Pindamonhangaba não sofra alteração, rogando, por isso, aos irmãos Pereirinha e D. Mariazinha, não se afastarem da direção. Disse-me rogar muito especialmente à D. Mariazinha não permitir que o esposo se afaste, esclarecendo que os velhinhos são a abençoada família deles e dos amigos do Alto, acrescentando que a alegria da Espiritualidade Superior será muito grande com a decisão dos confrades — Pereirinha e senhora, permanecendo no lugar que Jesus lhes confiou. Que estará acontecendo? Escrevo-lhe porque não posso deixar de fazê-lo; embora ignore o que ocorre. Penso, porém, que o assunto é importante. Aguardo suas notícias, sim? Abraços do seu Chico Xavier.

23/3/53

Meu caro José Ávila

Jesus nos ajude no desempenho dos nossos deveres.

Que vemos aí? Um Lindo Caso de mediunidade comprovado e abençoado, salvando uma instituição que é, no dizer do nosso caro irmão Ávila, “a grande bandeira hasteada em benefício dos que sofrem”.

A aflição do Chico, refletida no cartão acima estampado, era o eco da de Terezinha e dos responsáveis pela obra, na Espiritualidade, e também refletida no coração dos companheiros de Pinda, como se pode ver desse trecho da carta que o irmão Ávila nos mandou:

“Acontece que no dia 22 de março de 1953, Pereirinha, em visita ao nosso companheiro Agostinho de San Martin, por volta de 17:40, a fim de ali trocar impressões sobre o caso de sua possível saída do IRMÃ TEREZINHA, e, avizinhandose 18 horas, quando na residência de San Martin é costume fazer-se uma prece ao Senhor, sua filha, Helena de San Martin, nota a presença de Baturia desejando dizer alguma coisa, sendo posteriormente atendido, quando se verifica dizer que receberíamos um aviso de qualquer parte, de que falara também a irmã Matilde. No dia 23, logo pela manhã, envia-me Pereirinha pelo velho Maurício, ali internado, o recado. Guardei-o, posteriormente conversei com os companheiros, uns franziam o cenho, outros se acalmaram, entre eles Clovis Moreira Celez grande companheiro de nossa Doutrina. Eu fui tratando de ir acomodando a situação, em nada pensando, nem mesmo cogitando do caso, quando sem menos esperar, no dia 1º de abril, às 16 horas, recebo uma carta, com data de 23/3/1953, de Pedro Leopoldo, o que verifiquei pelo registro; abrindo-a, pressurosamente, deparo com uma mensagem a mim dirigida, a qual reputo de valor imensurável, não apenas pelo fato provado, mas pelo efeito que a mesma veio ter em nossos meios. onde passou, depois disto, a reinar a maior paz deste mundo, marcando ainda um início áureo de uma época nova para nós”.

O cartão do Chico fez o efeito sugerido na estampa do clichê: as ovelhas novamente se ajuntaram. E Pereirinha continuou no Asilo, onde está hoje. Um novo ânimo se apossou dos trabalhadores e o Asilo se refez aumentando seu corpo de mantenedores e já tendo projetadas novas obras nos grandes terrenos de sua propriedade.

* * *

Vêm os leitores que um instrumento afinado entre a Terra e o Céu muito pode fazer em benefício de todos. Mas é uma grande verdade: que é custoso manter-se em constante estado de prece, “servindo de ponte”. E só Deus sabe como o consegue o nosso caro Chico, dizendo-nos, de uma vez: que o dia que não chora, que não verte lágrimas, não ganhou seu dia e nem o vestiu de vigilância e oração, vitoriando-o com bons atos, serviços para Jesus.

* * *

Os Lindos casos do Chico não param aqui, havendo muitos outros que ainda não devem nem podem ser contados; mas os que privam de sua

esplêndida companhia bem os conhecem e com suas evangélicas lições se identificaram.

Um dia surgirão em letra de forma para que a lenda que há de lhe envolver o nome não os deturpe.

Um Médiun, porém, com tanta responsabilidade, está cheio de razões, afligindo-se quando dele se fala ou escreve, pois não é sempre que a compreensão opulenta a mente dos que lêem, resultando um benefício para a sua tarefa mediúnica.

Por isto pedimos ao caríssimo leitor: se gostou deste livro, Jesus o ajude nas Preces que fizer em favor do nosso bondoso Médiun, e, se não gostou, seja condescendente: peça ao Mestre que perdoe aquele que ousou escrevê-lo e cuja intenção foi a melhor possível:

para que, mirando-nos pelo Espelho da alma do querido Chico Xavier, e, sabendo, pelos seus Lindos Casos, como vive e porque vive, o imitemos, dizendo, com o Irmão Aniceto, a Mensagem abaixo, que o polígrafo de Pedro Leopoldo recebeu na tarde de 20/9/1949, quando mais sentia a responsabilidade e a glória da sua aprendizagem:

* * *

“Senhor, ilumina-nos a visão de trabalhadores imperfeitos.

Justo Juiz, ampara os criminosos e transviados.

Construtor Celeste, restaura as obras respeitáveis, ameaçadas pela destruição.

Divino Médico, salva os doentes.

Amigo dos Bons, regenera os maus

Mensageiro da Luz, expulsa as trevas que ainda nos rodeiam.

Emissário da Sabedoria, esclarece-nos a ignorância.

Dispensador do Bem, compadece-te de nossos males.

Advogado dos Aflitos, reajusta os infelizes que provocam o sofrimento.

Sumo Libertador, emancipa-nos a mente, encarcerada em nossas próprias criações menos dignas.

Benfeitor do Alto, estende compassivas mãos a todos aqueles que te desconhecem os princípios de amor e trabalho, humildade e perdão, nas zonas inferiores da vida.

Senhor, eis aqui os teus servos incapazes. Cumpra-se em nós a tua vontade sábia e justa, porque a nossa pequenez é tudo o que possuímos, para que, em Teu Nome, possamos operar a nossa própria redenção, hoje, aqui e agora. Assim seja”.

Fim